Ecce clamabo vim patiens, et nemo audiet: vociferabor, et non est qui judicet.

JOB, CAP. 19, VERS. 7.

GRITOS DAS ALMAS

NO

PURGATORIO

E

MEIOS PARA OS APPLACAR

LIVROS PRIMEIRO E SEGUNDO

Traduzidos em o idioma portuguez

PELO

PADRE MANOEL DE COIMBRA

Clerigo sacerdote do habito de S. Pedro, do seu original
composto em castelhano

PELO

DOUTOR JOSEPH BONETA

PORCIANO DA METROPOLITANA IGREJA DE SARAGOÇA

OFFERECIDOS

PELO

Provedor e Irmãos da Irmandade das Almas, novamente instituida
na Capella de S. Pedro da Cathedral de Lisboa

AO

Serenissimo Principe de Portugal

DOM JOÃO

NOSSO SENHOR

Nova edição conforme a de 1711



PORTO

LIVRARIA = *LELLO & IRMÃO* = EDITORA

18, Rua do Almada, 20

1892.

IMPRENSA MODERNA
55, Rua de Passos Manoel, 57

AO SERENISSIMO

SENHOR NOSSO

DOM JOÃO

PRINCIPE DE PORTUGAL

SENHÔR:

Estes Gritos das Almas do Purgatorio acabam no ultimo Capitulo do Livro primeiro pedindo soccorro aos Principes do universo, e agora traduzidos no Portuguez idioma começam com maior felicidade implorando o patrocinio de um Principe, que em todas as quatro partes do Mundo é venerado.

Digo com maior felicidade, porque em V. Alteza acham um Principe, que póde dizer: *Ab infantia mea crevit mecum miseratio.* (Job. cap. 31. v. 18.) Nem se podia esperar menos da piissima doutrina, e exemplo, que V. Alteza bebeu na Christianissima educação de seu Serenissimo Pae, e da mil vezes augusta Rainha sua mãe, eterna saudade d'este Reino, uma e outra Magestade tão propensas ao soccorro dos pobres necessitados, como todos apregoam. Sendo pois as Almas do Purgatorio as mais pobres e necessitadas, como lhes ha de faltar a protecção da sua innata piedade, para que com seu exemplo e imitação se affervorem to-

dos em lhes solicitar os suffragios, dando-se ellas por obrigadas a impetrar do Céo as felicidades, que costumam.

N'este breve tractado verá V. Alteza quantas adquiram estas bemditas Almas aos Monarchas seus devotos. Nem póde esperar menos o Serenissimo Pae de V. Alteza, a quem tambem compete a tutela, que seu nome asssegura, a uma Irmandade novamente instituida debaixo do patrocinio de S. Pedro, pela experiencia de terem n'este Principe dos Apostolos benigno Tutelar, que como tal prégava, todos os dias esta devoção, exhortando aquelles primitivos Christãos a soccorrer aos Fieis defuntos. (Fr. Antonio da Natividade na sua Silva de Suffragios, Livro 5. c. 10. § 7. f. 22. vers.)

Acceite pois V. Alteza a protecção do Livro, e da Irmandade, tendo por sem duvida que será este o mais feliz auspicio, que lhe podem desejar seus amantissimos vassallos. Guarde Deus a pessoa de V. Alteza, etc.

O Provedor e Irmãos das Almas.

PROLOGO

Com a ingenuidade que vos confesso, e me accuso de não haver desattendido nos outros livros ao credito da minha penna, com a mesma digo que n'este, que é já o quinto dos que me fizeram dar á estampa, unicamente attendi ao beneficio das bemditas Almas. E para que este não se mallogre, vos advirto que quando lêrdes os Gritos, que dão no fim de cada Capitulo, os leaes, não como escriptos por mim se não como articulados por ellas. Em segundo logar que os leaes, imaginando que actualmente estaes vendo, e ouvindo a vosso defunto pae, parente, ou amigo, a qual chamando-vos pelo vosso nome desde aquelle fogo, em que anciosamente está bracejando, dirige esses Gritos; entendendo que a vós encaminha esses brados, e não a outros. *Intellige clamorem meum.*

D'esta sorte não duvidarei que se logre o effeito, porque ainda que aos Authores de um livro succede o que acontece aos que guizam os manjares, os quaes não appetecem a vianda, que elles mesmos

temperam; comtudo posso affirmar que empregando-me em formar estes Gritos das Almas, me succedeu fazerem-me as suas razões tanta força, e enternecerem-me tanto suas lamentações, que alguma vez me obrigaram a deixar de escrever, e pôr-me a encommendal-as a Deus, antepondo o interceder por ellas ao escrever d'ellas. E se eu experimentava isto, porque recorria suas clausulas, não como sentenças minhas, senão como sentimentos seus, mais, e melhor o experimentareis vós, se os lêrdes com a mesma reflexão.

Direis, ou vos occorrerá alguma diabolica suggestão, para vos desviar de tão importante devoção que as Almas d'aquelles, a quem sois obrigados, não estarão já no Purgatorio; comtudo será bem que ahi as considereis: porque não haveis de ser tão temerarios, que as julgueis no Inferno, nem tão presumidos que as assegureis já no Céo. Pelo que a prudencia, e piedade Christã está dictando que estarão no Purgatorio, maiormente sendo tantas as vias conducentes áquelle logar, e tantos os seculos que n'elle estão reteúdas, e quasi imperceptivel a variedade de culpas, que aqui se desprezam, e lá se purificam, cuja consideração costumava muitas vezes tirar o sentido á veneravel Madre Soror Francisca do Sacramento, Carmelita, de quem me vali para acreditar os assumpos d'este livro, por saber que o de sua vida, composto pelo senhor D. Miguel Baptista de Lanusa, é tão desejado de muitos, como conseguido de poucos, pelo terem cobiçado tantos, que já se não acha: por isso introduzi n'esta obra as noticias mais particulares, e saborosas d'aquella vida. E emfim para justificar o sobredito temor, basta saber o que tiveram os mais Santos, como foram S. Gregorio, S. Agostinho, e outros, e entre elles Santa Thereza, que costumava dizer

a uma amiga sua: Filha, tire-me logo do Purgatorio: sendo que viveu de modo, que não entrou n'elle. De outros se lê que faziam milagres na terra quando ainda estavam padecendo no Purgatorio. Com estes exemplares fica desvanecida o confiança, que vos desvia de tão justo fervor; e porque o meu é pouco para o accender, me valho de Santo Agostinho o qual *Serm. 44 ad Frat in Erem.* Diz umas palavras, que não só provam este assumpto, mas adequadamente approvam o titulo, materia, e fórma d'este livro: *Expectant enim nos* (diz fallando dos que estão no Purgatorio) *ut juventur per nos, tempus enim operandi profugiit ab eis; clamant igitur quotidie qui jacent in tormentis: clamant, e pauci sunt qui respondeant, ululant, e non est qui consoletur eos.*

Como na primeira impressão não romanceei estas palavras, houve a quem não soou bem este vocabulo Gritos, para articulado pela bôca das Almas; e se foram Grammaticos entenderiam que um Santo Agostinho n'essa authoridade não só diz que gritam, *Clamant,* se não que a vehemencia da dôr as obriga a uivar, que isto significa *Ululant;* e já vejo que similhantes bôcas não se hão de enfrear em Latim se não na sua lingua, e lhes escusariamos o rubor, e pejo, que agora tem de se vêrem tão notoriamente convencidos.

Não allego as congruencias para este titulo, que não foi por me occorrer casualmente, mas por Divina inspiração, como tão pouco o que a elle se deve, para ser universalmente solicitado este livro: nem menos allego as Escripturas, e Padres, que o tractam, mas só a razão. Os Gritos se empregam e formam para com os surdos, distantes, adormecidos, ou que não respondem. Tudo isto milita nos vivos a respeito dos defuntos, como a experiencia chora:

logo não se hão de chamar por palavras, se não a Gritos: *Clamate voce maiori*. Diz Elias 3.º Reg. cap. 18. Gritae mais; e no mesmo texto dá a razão: *Non erat vox, nec qui responderet*. Não respondem? Pois levantai o Grito até que respondam. Que cousa ha no Mundo mais constante, e mais usada, que em os paes fechando os olhos, cerrarem os filhos os ouvidos, e não responderem aos latidos internos, com que humana, e Divina lei os persuade á correspondencia? Logo devem clamar com voz maior que a ordinaria: *Clamate voce maiori*.

Quem á meia noite acorda, e se vê cercado de chammas não péde soccorro, em voz baixa, porque a ancia de se queimar faz perder o compasso, e emfim até os sinos avisam com desentoado estrondo: logo em Almas, que se estão abrazando, não são improprios, mas necessarios os Gritos, maiormente quando fallam com um Mundo tão distante, adormecido e surdo.

Accrescento tambem n'este Prologo contra um frequente abuso, uma importantissima advertencia, e é que não se creiam facilmente os apparecimentos que costumam succeder n'este seculo, em que apenas morre pessoa notavel, que não saia algum, ou alguma com que lhe appareceu sua Alma, e lhe disse que estava no Purgatorio. Esta costuma ser astucia do demonio, e dos que lhe dão mais fructo: porque se o defunto é pessoa grande que contrahiu dividas sem as pagar quando podéra, ou escusal-as, moderando-se, e coarctando-se, outra tal, que assim vive, e que ouve dizer que o outro está em carreira de salvação, se dá por segura em sua má vida, e com este exemplo, posto que falso, espera que ainda que viva como o primeiro, se salvará como elle; e depois que morre, então conhece que um, e outro se perderam para sempre. Por isto não

se ha de dar credito, nem ouvidos a similhantes, cousas, nem ainda que seja quem as diz pessoa com opinião de santidade: porque é capaz de lhe parecer que viu e ouviu a Alma, e não ter visto, nem ouvido; e ainda que não mentira formalmente, comtudo dirá uma mentira de consequencias tão graves, como eternas.

Eu n'esta materia, como nas dos hypocritas nunca me opponho contra os agressores, se não contra os cumplices, quero dizer, contra os que os estimam, e regalam: porque não havendo estes faltariam aquelles, pois não haveria quem se vendesse por santo, não achando quem o comprasse; e assim não ha meio para extinguir estas pragas, como emendar-se o Mundo na ardente sêde, com que vai atraz d'ellas, na demazia com que os honram, no excesso com que lhes assistem, e na culpavel curiosidade, com que os tractam, cooperando com elles em sua vaidade, e continuação de embustes.

O grande, e douto espirito de Dionisio Carthusiano desejou saber o estado, em que se achavam seus paes defuntos, e Christo lhe respondeu: *Isso é curiosidade, o que importa é rogar por todos.* E quando a um varão tão abalisado em virtude, e letras zelou o Senhor esta noticia, não havemos de crêr que a faz vulgar a outros de menor classe. O prognostico menos incerto do que ha de succeder na morte, e depois d'ella, é a vida. Eu pelo menos, segundo o que vi nos Authores, e conforme vejo que se vive, de ninguem crerei (emquanto o não qualifique quem póde) que sahiu brevemente do Purgatorio, por timorato que fosse, senão d'aquelle, que sobre se abster sempre de culpas graves, foi na vida, não só devoto das Almas, mas affectuoso solicitador d'esta devoção. D'este crerei tanta felicidade, e não por ouvir que appareceu para

o revelar, se não por motivos mais seguros, e conformes ao genio da Divina Providencia, segundo as Escripturas, e Padres, que se acharão no discurso d'este livro.

Concluo, amigo leitor, com vos offerecer outro Livro do mesmo caminho, cujo titulo é: *Gritos do Inferno para acordar o Mundo*. Será sua ideia introduzir a um condemnado de cada estado fazendo uma prática aos de sua profissão, como um Juiz condemnado aos Juizes, um Mercador condemnado aos Mercadores, um Senhor condemnado aos Senhores, um Ecclesiastico condemnado aos Ecclesiasticos, um Lavrador condemnado aos Lavradores; e assim dos mais estados. A materia d'estas práticas ha de ser expressar o que padecem e as culpas porque o padecem (que hão de ser as proprias, e communs de cada estado); o fim ha de ser exhortar a emenda, é isto com claridade de estylo, e com vehemente persuasão. Eu estou desconfiado do acerto, e tão desejoso d'elle, que o fim de anticipar aqui este intento é, para que se alguem quizer adiantar-se a esta empreza, e tiral-a primeiro á luz, sabendo-o eu terei muito gosto, e lhe darei as graças: porque só aspiro ao fructo, que ha de fazer um Livro d'esta inventiva. *Vale.*

Approvações do Santo Officio

ILLUSTRISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR:

Vi o Livro intitulado: *Gritos das Almas,* composto pelo Doutor Joseph Boneta, e traduzido de Castelhano em Portuguez pelo Padre Manoel de Coimbra. Não achei n'elle cousa alguma contra nossa Sancta Fé, ou bons costumes. Antes é obra muito douta, e a traducção não menos fiel, e ajustada, e como tal, dignissima da luz, e acceitação universal. Lisboa, Santo Eloy, 5 de Dezembro de 1702.

Francisco de Santa Maria.

Sou do mesmo parecer. Lisboa, em o Convento de S. Domingos, 23 de Dezembro de 1702.

Fr. João de S. Domingos.

Póde-se tornar a imprimir o Livro intitulado *Gritos das Almas no Purgatorio,* e impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, e sem ella não correrá. Lisboa, 22 de Maio de 1711.

Moniz. Hasee. Monteiro. Ribeiro. Rocha.
Fr. Encarnação. Barreto.

Póde-se imprimir o Livro de que tracta esta petição, e impresso torne para se conferir, e dar licença que corra, e sem ella não correrá. Lisboa, 23 de Maio de 1711.

Silva, Bispo de Tagaste.

Que se póssa tornar a imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario e depois de impresso tornará á Mesa para se taxar e conferir, e sem isso não correrá. Lisboa, 28 de Maio de 1711.

D. P. Lacerda. Andrade. Botelho.

Concorda com o seu Original. Trindade, em 29 de Outubro de 1711.

Fr. Manoel da Conceição.

Visto estar conforme com o Original póde correr este livro *Gritos das Almas*. Lisboa, 29 de Outubro de 1711.

Moniz. Hasce. Monteiro. Ribeiro. Rocha. Fr. Encarnação. Barreto.

Póde correr. Lisboa, 6 de Novembro de 1711.

Silva, Bispo de Tagaste.

Taxam este Livro em cento e cincoenta reis. Lisboa, 3 de Novembro de 1711.

Pereira. Lacerda. Carneiro. Costa. Botelho.

GRITOS DAS ALMAS

NO

PURGATORIO

LIVRO PRIMEIRO

INTRODUCÇÃO

O pobre, que além de pedir, mostra suas chagas, tira mais esmola, porque péde com mais bôcas. Não ha pobres, mais pobres que as Almas do Purgatorio. Em outros livros mostram suas chagas, porque se lêem suas penas; n'este, além de se lêrem suas penas, se ouvem seus Gritos: porque em cada Capitulo se vêem suas angustias, e no fim d'elle os lamentos, em que as obrigam a prorompper. Por isso fio que lhes grangeará este livro mais esmola de soccorros, que outros, maiormente se se lêrem seus Gritos, como adverti no Prologo. Este é o fim do livro, e do author.

CAPITULO I

Da gravidade das penas do Purgatorio em geral

É voz commum dos Santos, que uma só Alma do Purgatorio padece mais, do que padeceram todos os Martyres, que houve desde o principio do

mundo, e que haverá até ao fim d'elle. Estes são tantos, que um só homem, que foi Diocleciano, fez martyrisar dous milhões de Christãos, e em uma só Cidade que foi Roma, passaram de trezentos mil, e finalmente ha muito tempo, que correspondiam a cada dia do anno trezentos mil Martyres; e fazendo o computo de todos, diz que passam de onze milhões. Assim o affirma Silveira, in cap. 7. Apoc. vers. 9. A estes accrescenta os innumeraveis que não chegaram á sua noticia, os que depois houve, a cada dia, e os que pelo tempo adiante haverá, e o numero sem numero, que ainda o Anti-Christo, e seus alliados hão de fazer.

Em tão diffusa extensão de atormentados ponderai a intensão, variedade, e extravagancia dos tormentos, que foram como nascidos do furor dos tyrannos, ajudado do poder, e sagacidade dos demonios. Uni, e ajuntai a isto todas as dôres de todas as mulheres, que pariam no mundo, todas as extensões, que padeceram todos os captivos, e forçados, todos os modos, com que a justiça dá tormento aos facinorosos, todas as ancias, e agonias de todos os moribundos: e depois de terdes sommado com a imaginação este horrendo tropel de angustias, esta immensa chuva de atrocidades, ponde-as todas, não sobre muitas, mas sobre uma só Alma do Purgatorio, e considerai que a esta pobre Alma (a qual por ventura é a de vosso amoroso pae) toda esta multidão de estragos, e rigores a cerca, a cobre, e a está despedaçando, e isto sem interrupção, todos os instantes do dia, e da noite, sem allivio, nem descanso por um só momento. Se o considerais, direis que é tanto que uma Alma padece no Purgatorio, que não se póde receber, saber, nem explicar; pois o mesmo dizem todos. Baste Cesario citado pela douta pena do grande

Soares. *Purgatorius ignis* (diz Disp. 46. Sect. 4. de Purg.) *durior erit, quam quod possit pœnarum in hoc seculo aut accidere, aut sentiri, aut cogitari.*

Cuidareis que isto é o mais? Pois ainda passa mui adiante, porque mais padeceu Christo na Cruz, que todos os Martyres; e diz S. Thomaz que uma Alma no Purgatorio inda padece mais, do que Christo padeceu na Cruz. Aqui perde o alento a admiração; porque ainda que é tanto o que se sabe que padeceu Christo, ainda o que padeceu é mais do que quanto se sabe, e o que n'esta vida se póde saber; pois diz S. Jeronymo que só no dia do Juizo espera ter noticia do que padeceu em uma só noite: logo, se conforme S. Thomaz, ainda padece mais uma Alma no Purgatorio, bem disse eu que é mais o que padece, do que quanto se póde saber, e penetrar.

Soares com a torrente dos Theologos avantaja o que padece uma Alma no Purgatorio a tudo o que se padeceu, e póde padecer n'esta vida: *Communis est sententia Theologorum* (diz ubi suprà) *pœnam Purgatorii esse acerbiorem omni pœnà hujus vitæ.* Santo Anselmo toma a barra, e alarga o tiro, declarando o minimo tormento de lá por maior, que todos os maximos de cá: *De quibus* (diz in Epist. I ad Corinth.) *minimum maius est, quam maximum, quod in hac vit excogitari possit.*

Ainda S. Bernardino faz maior tiro que estes: porque estes, declarando pelo menos todas as penas de cá, suppõem que são alguma cousa, e as deixam em regra de comparaveis: porém no sentir de S. Bernardino são menos, que menos; porque diz que são nada a respeito das de lá. *Respectu pœnæ Purgatorii nihil sunt.* Ainda S. Cyrillo Alexandrino lança a barra mais longe, pois todas as

penas d'esta vida a respeito das do Purgatorio diz que são consolações: *Solatia sunt.*

Oh valha-me Deus! É possivel que tudo quanto se padeceu n'este mundo, sendo tanto, tudo é menos, tudo é nada, é consolação, e é descanso, se se compara, não só com a maior, senão com a minima pena do Purgatorio? E que ameaçando-vos proximamente tão formidavel justiça, nem a temaes, nem a eviteis? É possivel que por uma leve mentira vos queiraes metter por estas lanças, e por escusar um pesar solicitar-vos tantos, e tão graves? É possivel que ouvindo que atravessaram com estocadas o coração de alguem, ou que ouvindo que o outro adoece de uma vehemente dôr de pleuris, nunca dissesseis: *oxalá que assim vos vissemos;* e ouvindo fallar em Purgatorio, dissesseis alguma vez: *oxalá que n'elle nos vissemos?* Que é isto, senão ignorar o excesso, que leva a menor dôr do Purgatorio a todas as dôres, males, e penas d'este Mundo? Já pois vos desengana Deus por bôca dos Santos referidos: *Qui locutus est per os Sanctorum.* E para que quando não temaes o Purgatorio, não vos atrevaes a desejal-o, ouvi uma testemunha de vista.

Um religioso (segundo refere o Cluniacence) viu em espirito o que alli se padecia, e tornando do extasi, disse: «Ouvi-me, senhores, esta verdade, que protesto com juramento. Se alguem me tivesse feito os mais injuriosos aggravos, se me houvesse tirado a vida, se me tivesse queimado a fazenda, se me tivesse feito infame em todo o Universo, e o vira padecer estas penas, tomo a Deus por testemunha, que pelo livrar d'ellas, não só padeceria eu a morte, mas ainda mil mortes; porque o que vi, excede imponderavelmente a tudo quanto todos os mortaes podem padecer n'esta vida. «Pondere-

se que chega a dizer isto quem sómente víu aquelles tormentos, e não os padeceu; que dirá quem os padece, e com todas as forças da alma? Que dirá? Vós o ouvi.

GRITOS DAS ALMAS

Ah mortaes do Mundo! Ah homens, que ides por essas ruas tão perdidos pelos negocios d'essa vida, como esquecidos d'esta, detende-vos, esperai ao menos um instante, dai uma breve vista cá para baixo; ponde os olhos n'estas lastimadas Almas, que vos chamam, dai-nos sequer os ouvidos, já que nos faltaes com o soccorro. Attendei, e vêde se ha dôr, que se possa comparar á nossa. Procurae medil-a com a de todos os Martyres que houve, ha, e póde haver, e sobre serem tantos, e taes seus tormentos, ainda achareis que padecemos mais, que elles todos juntos. Comparai nossas penalidades com as inexplicaveis, que padeceu um Filho de Deus em sua paixão, e ainda achareis que padecemos mais; cotejai-as com as que padecem todos os mortaes, com as ancias das mães nos partos, com as afflicções dos captivos, com as angustias dos que são levados a justiçar, com as agonias dos moribundos, e ainda achareis que é mais o que padecemos. Pois como passaes de largo, sem vos merecermos sequer uma vista d'olhos? A que penhasco não quebrantaria este estremo de miserias, e dôres? Mas ai, que em logar de nos pordes os olhos, voltaes as costas! Ai, ai de nós, que vós ides a vossos recreios, banquetes, e jogos, e tendes coração para nos deixar aqui gemer, arder, e mais arder! E sobre todas as nossas angustias, e crueis desconsolações, accrescentai o rigor de nos

*

atravessar esse ingrato punhal de vosso esquecimento. Oh que pena! Ai, desamparadas de nós! Ai, ai, que nos estejaes vendo tão atribuladas, e que podendo alliviar nossa miseria, tracteis tão pouco d'isto.

Compadecei-vos de nós, quando não por atormentadas, por desvalidas. Filho meu, olha que é teu pae quem padece, e quem te roga: agora acabaste de lêr d'aquelle Religioso, que só por nos ter visto, ainda que intellectualmente, disse por juramento que padeceria mil mortes a troco de livrar d'aqui, ainda a quem lhe houvera tirado honra, vida, e fazenda: e tu, amado filho da minha vida, a quem dei com grande gosto essa fazenda, e sustento, que possues, não me livrarás, e podendo, não á custa de acceitar a morte por mim, senão de dar uma esmola, de dizer, ou ouvir uma Missa? Não te peço que faças o que Santa Catharina de Sena fez, a qual acceitou por toda a sua vida uma fortissima pontada pleuritica, por livrar a seu pae do que havia de padecer no Purgatorio. Menos te peço, e assim emquanto não chegam outros soccorros, dá-me, e dai-nos todos os que lêrdes, e ouvirdes lêr estes Gritos, o de um Padre-Nosso, e uma Ave-Maria sem mais espera.

CAPITULO II

Da pena de damno, que padecem as Almas

A Pena de damno consiste na privação de vêr a Deus. Diz o Espirito Santo que a dilação do que se espera afflige muito, e quando o que se espera é de maior valia, será maior a afflicção, e quando

o esperado é um bem infinito, será infinita a pena de dilatar.

Não me angustía pouco não achar palavras, com que poder expressar os graus d'esta pena; posto que, ainda quando houvesse vozes para a explicar, faltaria capacidade para a comprehender. Alguma cousa se póde rastejar pelo que obrou em alguns Santos, ainda gravados com o chumbo da corporea humanidade, e torpe embaraço dos sentidos.

Nas Vidas dos Padres se refere que o Abbade chamado Pastor, e seus irmãos, deixando a casa de sua mãe, se retiram ao deserto. Passado muito tempo, foi a velha, e saudosa mãe para os vêr; e posto que elles igualmente a desejavam vêr, sacrificaram a Deus este promettido gosto, occultando-se á sua vista. Esperou a pobre senhora que seus filhos sahissem á Igreja, quando não para lhes fallar, para os vêr: mas elles, que de longe a espreitaram, no mesmo ponto fugiram para suas cellas. Com brados os seguia a que não podia com os passos. Ouvindo-a o filho maior, lhe disse de dentro em voz alta: *Mulher, para que clamas, ou que pretendes?* Está lhe respondeu: *Quero-vos vêr*. Então disse elle: *Aonde, na terra, ou no Céo?* Ao que ella respondeu: *Mais quizera no Céo*. Ao que elle tornou: *Pois para que nos vejas no Céo, offerece a Deus a mortificação de nos não vêr na terra*. E fugindo elle com uma valorosa resolução, sua mãe se tornou com igual conformidade.

Revelando Deus á veneravel D. Sancha Carrilho, que dentro de um anno havia de morrer, se affligiu inconsoladamente, não pelo que se entristecem as Senhoras de agora, senão pelo contrario, isto é, porque houvesse de tardar tanto, dizendo com lagrimas: E' possivel que ainda ha de passar um anno? Que um anno hei de tardar em vêr a

Deus? Que paciencia será bastante para soffrer tanta dilação? *Heu mihi, quia meolatus meus prolongatus est.* Até agora enganava o meu desejo com a incerteza, mas já que estou desenganada de que tardarei um anno para morrer, que consolação posso ter, senão a esperança de que compadecido o Senhor de minhas ancias, abreviará meus dias? Oh exemplar sem exemplo, que privas de desculpa, e enches de confusão as Senhoras d'este seculo! Deixo por sabidas as continúas exclamações, e suspiros de S. Paulo: *Desejo morrer;* e os de Santa Thereza: *Morro porque não morro:* e outros muitos, de que abundam as Historias Ecclesiasticas, e passo a que o confirme o mesmo Demonio.

Conjurado o Demonio n'esta materia, respondeu que por vêr a Deus um só instante, emquanto passa um abrir, e fechar d'olhos, se tivera corpo, estaria até o fim do Mundo subindo, e descendo continuamente por uma columna de fogo, cheia de navalhas, que o despedaçassem, ainda que esta columna chegasse desde a Terra até á oitava Esphera. Oh que depoimento tão digno de se expender.

Pondere-se que quem isto diz, é um inimigo de Deus; e se tanto faria e padeceria este por vêr a quem não póde vêr, que fará, e que não padecerá uma Alma, que o ama intimamente, e que o póde, e deseja vêr? Pondere-se o que diz, que é um tormento, que só de o ouvir treme a consideração, e juntamente a duração do trabalho, a que se offerece, e a brevidade do premio, porque o offerece. O primeiro é tanto, que dizem os mais seguros Astrologos que se desde a oitava Esphera cahisse lançada uma mó de moinho (ainda com o rapido impeto com que desceria), tardaria em chegar á Terra noventa e dous annos, e por uma distancia tão im-

mensa diz o Demonio que baixaria, e subiria abrazado do fogo, e atravessado das navalhas, e não por uma ida, e vinda, mas que estaria repetindo este subir, e descer até o fim do Mundo, tudo isto (sendo tanto) não por vêr a Deus uma eternidade, se não só pelo vêr um instante, só por um abrir, e fechar d'olhos. Oh quantas consequencias resultam d'aqui! Tiro só a do meu intento, que é a do ardentissimo desejo, que de vêr a Deus afflige as Almas no Purgatorio; o muito que hão de sentir não o poderem conseguir por diligencia propria, e o agradecimento com que sahiram a quem com suas orações lhes grangeia um tão grande e tão suspirado bem.

Explica S. Vicente Ferrer esta pena com o simil de um Falcão. Este (diz) emquanto não vê a prêsa, descansa, mas tanto que lhe tiram o capirote dos olhos, e em descobrindo a Garça, é tão impetuosa a coragem, com que deseja voar a ella, que se logo o não soltam das prisões, as faz em pedaços, quebra os pés, e talvez com a violencia de sua importuna força maltrata o braço de quem o leva. Muito é o que muitos Santos aturaram de ancias n'esta vida só ao cheiro da prêsa, segundo diz a Esposa nos Cantares: porém ainda que isto é tanto, fica sendo nada a respeito de quando a morte lhes tira o ligadura do corpo. Então, como se lhe purifica com tanto excesso a vista, e conhecimento de seu Divino Esposo, são tão poderosamente arrebatados d'este desejo, que pelo satisfazer romperiam as mais impenetraveis rochas.

Nas Revelações de Santa Brigida se lê que um Fidalgo foi condemnado por Deus a estar no Purgatorio até o dia do Juizo, e Christo lhe disse: *Que isto era em castigo, porque tomára viver até então: pois assim como quem deseja deixar a vi-*

da, e o Mundo por me vêr, em premio d'este desejo o levarei a que me veja, sem que se detenha no Purgatorio; assim quem tão pouco estima o verme, que quizera viver até o fim do mundo, é bem que até então padeça no Purgatorio: porque assim como não ama muito ao amigo ausente quem o não deseja vêr; assim quem não deseja vêr a Deus, não ama muito a Deus.

Finalmente a ponderação do leitor, supprirá o que não alcança a jurisdicção da penna, considerando que uma causa mais se ama, quanto mais se conhece, e que uma alma separada (ainda a do que foi mais rude) conhece a Deus mais, que todas as dos maiores sabios do Mundo, e que esta perspicacia, como aviva mais o conhecimento de Deus, accrescenta a dôr de sua falta, e d'aqui infira qual estará uma pobre Alma do Purgatorio sem Deus, que é seu centro, sem modo para merecer, que era o seu allivio, sem o soccorro dos vivos, que era a sua esperança, ausente do Mundo, ausente do Céo, sem luz, sem corpo, sem gloria, encalhada em um tão penosissimo barranco, sem pés para sahir, nem mãos para se ajudar.

GRITOS DAS ALMAS

Ah Mulher, ah Esposa Minha, é possivel que se chegando a vossa casa, e ouvindo a um cachorrinho, que dentro em um aposento está ladrando, vos condoeis, e logo lhe abris a porta, compadecida de que ficasse uma tarde fechado; e que eu, que sou a Alma de vosso Marido, não vos mereça o que um irracional? Desde que a morte me apartou de vossa companhia, fiquei encerrado n'esta tenebrosa, e escura reclusão do Purgatorio, aonde estou sem

alimento, sem dormir, e sem descansar um só instante, padecendo sempre, e mais padecendo, e não só uma tarde, senão tantos annos, como ha que nos dividiu a morte. Desde aqui estou batendo á porta do Céo com ardentes suspiros, e á porta da vossa memoria com lamentaveis gritos, e ainda que os ouvis, não me abris. Em que lei cabe que vos deva mais um bruto sem alma, que a Alma de um Marido? Quando não façaes mais por mim, fazei sequer tantō, como fazeis por um cachorrinho. A este se ouvis fechado, vos compadeceis d'elle, a este alimentaes, se o vêdes com fome, e a este procuraes a liberdade, se lhe falta. Compadecei-vos pois de mim, querida Esposa minha, dai-me o soccorro de alguns suffragios, ou orações; matai-me com elles esta ardentissima fóme de vêr a Deus, que é o que mais me afflige, solicitae-me assim a liberdade de tão duro captiveiro. Se isto fazeis por um cão, que depois pára em um logar asqueroso, porque seu asco vos não mortifique, executai-o por quem depois ha de parar em um Céo, e com sua intercessão vos ha de grangear a vida. Mas ai de mim! Que pouco ecco fazem em vós estes prantos! Pois não vos merecia meu amor esta crueldade; se talvez vos desgostou com minha condição não passam dós portos d'esta villa os odios d'essa. Esquecei-vos do que fiz, e ponderai o que padeço. Ah! se o soubereis! Pois até sonhado fez espantosos effeitos nos mortaes. Porém debalde clamo á vossa porta, pois desde que me perdestes de vista, a empregastes no augmento da vaidade, sem attenção ao muito que padeço. Pois para quem hei de appellar, para quem, se vós, Esposa minha, me voltaes as costas? Não acho a quem recorra, se vós me não alliviaes, pagando as dividas que deixei, e que aqui me deteem. Não acho quem me accuda, se agora que

estaes ouvindo estes suspiros, não offereceis por mim o numero de suffragios que poderdes. Não acho de quem me valer, se não fazeis isto. E assim, pois, o não posso conseguir de vosso amor, torno a profundar-me n'esta atrocissima masmorra sem esperança já de outro favor humano, pois me falta a vossa commiseração. Ai de mim! Ai! Ai! Ai!

Padre-Nosso e Avè-Maria.

CAPITULO III

Em que se prosegue a gravidade da pena e damno

Para o Sábio era escusada mais ponderação, que a simples proposta de que esta pena consiste em estar a Alma privada da Patria, para que nasceu, e da vista de um Deus, para que foi creada: porém como aquelle que escreve, é (conforme diz o Apostolo) credor a Doutos, e indoutos, por estes, e para estes me explicarei com alguns similes, e razões.

Primeiramente só o desterro da sua patria é tão violento ao homem, como é natural seu amor. Esta é a causa de não estarem desertos muitos logares, os quaes por sua incommodidade, aspereza, e miseria o mereciam: porque posto que todos haviam de aspirar a viver em melhor terra, dispõe Deus que cada um tenha por melhor aquella, em que nasceu, e que em sua comparação tenha por peior a outra qualquer.

Pois que muito não desejou Ulysses chegar á sua patria? Apenas basta a eloquencia de Homero para expressar o sentimento de sua tardança, sen-

do sua patria um logarinho mui humilde, mettido entre escuros, e medonhos penhascos. O Propheta Daniel, estando Presidente em Babylonia, que mágoa não sentia por se vêr ausente de Jerusalem sua patria, depois de esta ser cruento estrago de Prophetas? Tanta era sua ancia, que tres vezes no dia chegava a uma janella, que cahia para aquella parte, e d'ahi a saudava com affectos, e até lá chegava com suspiros.

Pois se tanto afflige o desterro de uma patria terrena, da qual se não podem esperar mais que ingratidões, invejas, e mortes, quanto mais affligirá o desterro de uma Patria, como o Céo, aonde quanto se semeia é felicidade, quanto se recolhe é prazer, quanto se espera é consummado bem, e quanto se possue é gloria, sem o susto de que nada falte, e com a evidencia de que tudo é eterno?

Refere Henrique Gran que havia uma donzella igualmente nobre, e formosa, a quem em premio de suas virtudes mandou Deus uma asquerosa lepra, que afeando-lhe todo o corpo, em poucos dias, a transformou de uma bellissima creatura em uma formidavel estatua de ossos myrrhados. Era emfim a universal commiseração de quantos a viam. Visitando-a o Bispo, não pôde este reprimir as lagrimas, nem ella o riso. Perguntou a donzella ao Bispo de que chorava, e respondeu-lhe que da compaixão, que lhe causava aquelle seu lastimoso espectaculo, e da pouca vida, que lhe prognosticava aquelle mal; ao que ella disse: Pois isso é o que a mim me provoca a riso, senão dizei-me: *Se estivereis condemnado a uma penosissima prisão só pelo tempo que durasse o carcere, e tanto que elle cahisse, vos havieis de vêr livre, não vos alegrarieis quando visseis que já se iam arruinando as paredes da cadeia? Não ha duvida. Pois se eu desde*

que nasci, estou condemnada ao molesto carcere d'este corpo, e tanto que cahir, sei que me hei de vêr livre, não me alegrarei, quando já vejo que suas paredes se vão desfazendo por instantes? Ficou o Bispo tão convencido, como, edificado, e não fica menos exaggerado o assumpto; pois pelo desejo da celestial Patria uma senhora delicada e bella, escolhia o morrer, estando na flôr da idade, e soffria bem perder a gentileza, sendo mulher.

O segundo desterro, que uma Alma padece, é o de Deus, para que foi creada, e este é tão sensivel, que nem o Céo, nem os Santos todos podem supprir a sua falta: assim o experimentava David, porque sem Deus tudo é nada, e com Deus ainda o que nada tem, possue tudo, como dizia S. Francisco: *Deus meu, e todas as cousas.* E quando a Alma, que pela graça está unida com sua Magestade, padece esta separação da vista de Deus, é uma pena, que transcende os limites do sentimento humano.

Entre os males é a morte o mais terrivel, segundo Aristoteles, e a pena de quem morre, nasce de se separar a Alma de um grosseiro corpo, com quem estava unida. Pois que pena será vêr-se uma Alma separada da vista d'aquelle Deus, que é cifra de toda a formosura, com quem está já unida pela graça? E emfim, se a separação, que a morte faz entre Alma, e corpo, afflige tanto, durando tão pouco, como um instante; quanto mais affligirá a separação que o Purgatorio faz entre Deus, e uma Alma, succedendo durar esta separação annos, seculos, e por muitos, como se verá depois até o fim do Mundo universo?

Grande pena é desconcertar-se um braço, porém aquella primeira dôr, ainda que se sente muito, dura pouco; o insoffrivel é deixar ao paciente mui-

tos dias com os ossos deslocados. Pois sendo mais intima a união de uma Alma com Deus, que a d'um osso com outro, e esta obriga a levantar o grito ao mais soffrido, que fará a separação de Deus em uma Alma, que está unida com elle, mediante o já indissoluvel vinculo de sua eterna graça? Esta deslocação de seu logar, que é a Gloria, e da vista de Deus, que é a sua Cabeça, padecem as Almas do Purgatorio, e é tanto o que lhes aperta o coração esta angustia, que o lançam pela bôca desfeito nos seguintes

GRITOS DAS ALMAS

Ah amorosos Paes de meu coração, sêde agora Paes meus de minha Alma. Ouvi que filho vosso é este que vos chama. Se quando n'esse Mundo me apartei de vossa vista, vos custei lagrimas pelas agonias da doença, e pela separação que a morte fez, mais formidavel separação, e agonias mais que de morte são as que padeço, como acabaes de lêr: porque padeço as de estar separado da suspirada vista de Deus com a circumstancia de ter já direito a ella, de estar perto de a possuir, e de não poder por mim fazer diligencias, que aproveitem, nem dar passos que importem a este fim. Este é o punhal, que mais me atravessa o coração; e pois vossos passos, e diligencias me hão de ser fructuosos, vos peço com lagrimas de sangue, as quaes estou derramando por este verdugo contínuo, que as interponhaes com Deus. Oh meu amantissimo Pae, e ó minha muito querida Mãe, se estando ahi, visseis que me afogava em um rio, e que já luctava com as ultimas ancias da morte, e vos achasseis na margem com algum cordão á mão, ou com alguma correia, ou escapulario, e

eu tirasse a voz do peito para o pedir, e o braço da agua para o alcançar, não m'o lançarieis? Já vos ouço dizer que não só por mim, que sou filho de vossas entranhas, mas que fareis isto pelo mais vil escravo, e pelo mais desalmado herege. Pois ah que é da razão, ah que é da justiça! Se eu sou vosso filho, se estou luctando com este mar de intoleraveis penas, se estou abrazado até á garganta, se por mim me não posso livrar, se levanto o braço, e o grito para pedir soccorro, se vós, Pae e Mãe queridos, podeis, se tanto tendes na vossa mão lançar-me a Indulgencia, ou do Cordão, ou da Correia, ou do Escapulario, como me deixaes afogar, sem querer alargar a mão, nem mover o pé, para que m'a ganheis? Isto cabe ainda em lei natural? Não fazer por um filho o que por um escravo? Não fazer pela Alma de um Christão o que farieis pelo hereje mais desalmado?

Oh que dòr! N'essa vida tantos alentos para me vêr collocado em algum posto honorifico da terra, e agora nenhum para me vêr collocado no Céo; e sendo tanto menos o que se requer para isto, que para aquillo, e faltando-me tão pouco para o lograr, e não o podendo eu adquirir por mim, e podendo vós, e tão facilmente! Oh crueldade! Oh desaccordo! Oh lethargo! Mas que vos detem? Despertai a estes Gritos que me ouvis, abri os olhos do discurso para conhecer a minha razão, abri a bôca para me prometterdes d'aqui logo não perder occasião alguma de me ganhar as ditas Indulgencias: e entretanto por penhor de que cumprireis esta palavra, resai-me logo a Oração do Padre Nosso, e da Avè-Maria, que porventura não me falta mais para sahir do Purgatorio, e entrar no Céo, aonde vos dou minha palavra de o recompensar com pedir a Deus vos encha de prosperidades temporaes, e espirituaes.

CAPITULO IV

Da pena de sentido, que padecem as Almas no Purgatorio

Em uma palavra me podia desembaraçar d'esta materia, pois com dizer o que tantos contestam do que são as penas do Purgatorio as mesmas que as do Inferno, só com isto ponderava extremamente sua gravidade, não havendo mais differença, que a de serem umas temporaes, e outras eternas.

Isto supposto, entro advertindo que, ainda que o fogo é o instrumento, que commumente se diz atormenta no Purgatorio, é por ser esse o Elemento conhecido por mais activo, e voraz, não porque seja elle só, pois todos os Elementos empregam seu vingativo rigor nas Almas com as inclemencias proprias de cada um. O Ar com pavorosos encontros de ventos, com furiosos raios, com malignas pestes, e contagios. A Agua, alterando-se em fataes, e horridas inundações, e tormentas. A terra abrindo-se em bôcas, e engolindo em seus estreitos seios aos miseraveis pacientes.

Que será vêr dar a pobre Alma por aquella profundas cavernas, d'onde estará muitas horas cas hindo sem tomar pé; aonde encontra espantosas feras, que umas pegam para morder, outras abraçam para desconjuntar, outras puxam para despedaçar, e todas para infundir o seu veneno até o coração; aonde não vê mais, que uma funesta escuridão; aonde não acha em que se pegue, sem se ensanguentar; aonde de subito se acha coberta de innumeraveis aranhas, cobras, sapos, e escorpiões, sem poder afugental-os, nem soltar-se. O Leitor o pondere, que eu não tenho animo para proseguir em

o considerar, se não de livrar as Almas com minhas diligencias de tão lastimado estado, e preservar d'elle a minha, evitando as mais leves culpas, e abraçando as mais pesadas penitencias.

Supposto que estes tres Elementos com todos as suas armas hão de conspirar contra a pobre Alma do Purgatorio, e que cada um bastava para sobejo verdugo; sem embargo d'isto o principal será Elemento do fogo, e ainda que este por si é tão efficaz, como se experimenta, se dobrará seu rigor pela mão, que ha de reger no Purgatorio, a qual será a da Justiça de um Deus Omnipotente. E se, como diz S. Thomaz, o instrumento não só obra com sua virtude, mas com a do agente, que o move; que effeitos não obrará a virtude inexoravel de um irado fogo, considerada com a de um agente, qual é Deus?

Por isso no *Deuteronomio* 32 não só ameaça com espada de fogo, se não empunhada por sua mão: *Si acuero ut fulgur gladium meum, et arripuerit judicium manus mea;* porque infinitamente sóbe de ponto a pena do instrumento, que está em mãos da sua Justiça. Referem as Historias que havendo mandado Jorge Castrioto a Mahomet segundo, Imperador dos Turcos, uma espada, com que de um golpe cortava cerce o pescoço de um touro, e dizendo-lhe depois que ninguem o podéra conseguir, havendo-o intentado muitos, respondeu que isso era, *porque lhe mandára a espada, e não o braço*. Ainda que Deus mandou a espada de fogo á terra: *Ignem veni mittere in terram,* porém não o braço, nem a mão, isto reserva para depois de ter precedido o Juizo; então espada, fogo, e mãos, *e arripuerit judicium manus mea*.

A razão d'isto consiste em que o fogo de cá creou Deus para bem do homem, para que o ser-

visse, aquentasse e alumiasse, mas o do Purgatorio o cria para seu tormento; não para que obedeça ao homem como servo, mas para que o afflija como verdugo; e sendo um instrumento incapaz de resistir a seu Author, veja-se quão exactamente o porá por obra, e quanto mais rigoroso será aquelle fogo, que este. Emfim este, posto que fere tanto, é espada em mãos de uma mulher, ou de um menino, porque é espada nas mãos da natureza humana; mas aquelle é espada em mãos de um Deus Omnipotente, e na justiça rectissimo.

Tambem se differença na materia, a qual mitiga muito o rigor d'este Elemento, pois o fogo de um papel é menos activo, que o de lenha menos que o de ferro feito em braza; porque as materias são menos fortes, e robustas. O de lá terá por materia um obstinado enxofre, formado de proposito por Deus, para que arda e abraze sem se consumir; como tambem aos pacientes, para que sejam justiçados com mortaes tormentos, sem que tenham a dita de morrer, nem acabar a seu vigor. Circumstancias que se apropria Christo, *Mar. 9. vers. 48.* dizendo que salgará com fogo: *Omnis enim igne falietur:* porque assim como o sal mordicantemente penetra as carnes, e as mesmas, que tem penetrado, conserva; assim este fogo do Purgatorio mortalmente penetrará as vidas, e conservará as mesmas, que penetrar, para que mais, e mais padeçam, até que se extinga a humidade, que das culpas lhes ficou, mortificando, e vivicando ao mesmo tempo, para mais mortificar. Reg. 1. cap. 2. *Dominus mortificat, et vivificat.*

Tambem se differença em que esse fogo terreno tem contrario, que o extingue, é a agua, mas aquelle não: porque Deus faz que se concederem contra o paciente todos os Elementos, e que percam

sua opposição, para fazerem ás Almas. Cá dizem os Medicos que não podem concorrer todas as enfermidades juntas em um corpo humano, porque umas são contrarias a outras; mas esta opinião não milita no Purgatorio, aonde tódos os males juntos cobrem e cercam a uma pobre Alma. Deuter. 32. *Congregabo super eos mala*; a um mesmo tempo padecerá estar-se enregelando em rios, e ardendo em fornos: porque alli nem agua apagará o fogo, nem o fogo consumirá agua, verificando-se o que diz o Espirito Santo, Sap. 19. *Ignis in aqua valebat supra suam virtutem, et aqua extinguentis naturæ obliviscebatur.*

Muito é o que diz Nicolau de Nise, que se de toda a lenha que ha no mundo, se formasse uma fogueira, ainda que fosse tanto o fogo, todo elle não abrazaria tanto, como uma só minima faisca do fogo do Purgatorio. Muito é o que outros dizem, que se d'aquelle fogo tirassem uma Alma, e a mettessem em um forno d'aqui, por mais embravecido que estivesse em chammas, lhe serviria de suave refrigerio.

Ainda que isto, e o que até agora se tem dito é tanto, não chega ao que eu descubro no seguinte texto de Isaias: *Si abluerit* (diz cap. 4) *Dominus sordes filiorum Sion in spiritu judicii, et in spiritu ardoris, etc.* Aonde não se póde negar que litteralmente falla do Purgatorio, por ser onde se lavam as manchas com fogo. Isto supposto, reparo com alguma novidade, e com verdade que não diz com fogo só, senão com ardor, que é o mais acre do fogo, e não só com ardor, senão com espirito de ardor, *in spirito ardoris.* Oh valha-me Deus! Isto é dizer que se tirará o espirito (como se dissera a quinta essencia) não só do fogo, senão o espirito de seu proprio ardor, e que este espirito ha de la-

var as manchas dos espiritos no Purgatorio. Pondere-se agora quanto excede o espirito de uma cousa, ou sua quinta essencia ao vigor e actividade da mesma cousa. Pois se o fogo é de seu natural tão forte, que será o espirito, ou a quinta essencia, não só do fogo, senão de seu ardor em tanto, que não ha forças para o entender? Não sei como cuidamos que as teremos para o soffrer. Assentemos pois que com o espirito do ardor do fogo se estão queimando as Almas no Purgatorio.

GRITOS DAS ALMAS

Ora pois Christãos, já acabareis de lêr parte do muito que padecemos, olhai se levantamos com razão os clamores, e se a podeis ter para nos desattenderdes. Já os não dirigimos a nossos parentes, que estes conforme o estylo do Mundo, por serem os mais obrigados, são tambem os mais desagradecidos. A vós, que fostes nossos amigos, levantamos estes Gritos. Assim nol-o deixou como regra Job, por ser tão experimentado em padecer males, e ingratidões: *Miseremini mei, saltem vos amici mei.* Compadecei-vos de nós, ao menos os que fostes nossos amigos, vós com quem andavamos, com quem muitas vezes comiamos, e com quem frequentemente tractamos. Esta é a occasião de brilhar melhor a fineza e amizade, porque nos achamos em miseria, è vós em prosperidade. Quando n'esse mundo adoeciamos, logo nos visitaveis, nos assistieis, e nos consolaveis. Pois que offensa vos fizemos em obedecer a Deus morrendo, que desde então, sendo maior nossa necessidade, é menor, e nenhuma vossa assistencia?

Se então aquelle affecto se curava com algum

interesse, maior, e mais certo é o com que agora vos poderemos pagar. Se do amigo, que se embarca para a India, esperaes muito, porque tem lá muito que mandar, não haveis de esperar mais do amigo, que vai para o Céo, aonde tem mais, e melhor, que vos possa remetter? D'aquelle duvidaes se chegará a salvamento, porém nós sem dúvida alguma havemos de chegar. D'aquelle podeis duvidar, se como lá se vir se esquecerá de vossa amizade, e dos beneficios recebidos; de nós não, porque como o agradecimento é virtude, mais extremadamente reina no Céo, que na terra. Pois que seria, se devessemos ás vossas diligencias esta felicidade? Todo o Céo, que recebessemos, nos pareceria pouco para vol-o grangearmos com os vossos rogos. Pois como não vos compadeceis de nós, quando não por amigos, quando não por honrados, ao menos por interessados e cubiçosos.

Não offendemos n'isto vossa fidalga generosidade, porque a cubiça do espiritual é virtude. Se visseis emfim que n'esta vida nos seria um contrario diante de vossos olhos, vos deixarieis estar quietos? Não accudirieis a defender-nos d'elle? Pois como acabando de lêr que nos estão ferindo tanto, e tanto contrarios, e tão horriveis, vos deixaes estar quietos? Como não vos incitaes á defensa, ouvindo que a vossos amigos despedaçam tão raivosas feras, os lançam em cavernas tão profundas, os mordem tão venenosos animaes, os combatem tormentas tão furiosas, os abrazam fogos tão desmedidos, e emfim que são o exposto alvo de quantas feridas imprimem, e quantos tiros podem fazer todos os Elementos conjurados, e não só como contrarios naturaes, senão como punhaes pregados pela Omnipotente mão de um justiçoso Deus? Se para nos deixar n'este infeliz estado tendes razão, dei-

xai-nos, porque mais estimamos se obre o que dicta a razão, que o que péde nossa conveniencia: porém se o não é, e sois racionaes, e vos prezaes de bem nascidos, procedei como quem sois. Defendei-nos d'este tropel de miserias e trabalhos. Não necessitaes para isso de tomar outras armas, senão as mesmas de que usaes. Essas boas obras que fazeis, offerecei-as em satisfação dos amigos que aqui tendes. Vós não vos privaes do merecimento, e a nós livraes de penas. Não vos podeis negar a isto. Fazei-o assim por amor de Deus, de vossas Almas, e das nossas; tracto é este, em que ninguem vae a perder, e todos a ganhar. E para o começar a observar, resae-nos logo com este fim um Padre-Nosso, e uma Avé-Maria.

CAPITULO V

Em que se continúa a ponderação da pena de sentido

O Douto e pio Dionizio Cartusiano, *lib. 4, de Novissim.*, traz o que o Senhor em algumas revelações deu a entender sensivelmente a alguns Santos em ordem ao que padeciam as Almas no Purgatorio, mostrando em figura corporea o que passa espiritualmente.

Diz que umas vezes viam as Almas em fornalhas mui baixas de abobada, para que reverberando o fogo, dobrasse sua força, e a do fumo suffocasse mais intensamente; outras vezes afogadas até á garganta em poços de metal derretido; outras pregadas na terra com prégos de ferro feitos em braza; outras penetradas, e rodeadas de fogo; quanto

tocavam eram chammas, quanto viam fogo, quanto respiravam fogo, e fogo quanto pisavam. Outras que estavam penduradas pelos pés, e a cabeça para baixo, mettidas em uma fogueira de horriveis chammas. Outras, que da grande dôr d'estes, e outros tormentos saltando-lhes os olhos fóra, rebentavam lançando pela bôca o coração em pedaços, cuja lastimosa carniceria acompanhavam com ais e gemidos correspondentes a similhante dôr.

No livro *Speculum magnum Exempl.* se refere que agonisando um Monge Cisterniense, foi levado em espirito ao Purgatorio, e disse o que se segue: *Vi entre outros tormentos a uns, que atravessados em grandes espetos, lhes davam uma, e muitas voltas sobre o fogo, ao qual assopravam sem parar feiissimos demonios, que tinham debaixo sertãs, aonde cahia a gordura, que com a força do fogo se derretia; e em estando cheias, lh'as vertiam em cima, com que lhes dobravam a dôr e o tormento.* A admiração que isto lhe causou, não lhe soffreu que visse mais; e perguntando ao Anjo quem eram aquelles, e porque padeciam, lhe disse que eram Religiosos da sua Ordem, e que padeciam aquelles tão asperos tormentos, posto que morreram em graça de Deus, para se purificarem das penas devidas ás culpas perdoadas, e pela falta de paciencia, silencio e humildade, e outras imperfeições similhantes.

Santa Brigida viu que um demonio atormentava no Purgatorio a um Rei, dizendo-lhe: *Vieste ás minhas mãos mui gordo, e farto de manjares, eu te adelgaçarei na minha prensa;* e pondo a cabeça do Rei entre seus fortes joelhos, que eram como uma prensa, a apertava fortissimamente, até que os miolos se adelgaçavam como uma folha de papel. Dizia-lhe: *Porque não abraçaste com amor, e affabi-*

lidade a teus subditos, eu te abraçarei; e formando braços de duas formidaveis cobras, o abraçava, enroscando-se atrozmente com elle. Assim continuava, applicando a suas culpas correspondentes penas ao modo das referidas.

Santo Antonio conta, que uma carvoeira via que uma mulher núa vinha voando, e se mettia na cova da lenha ardendo, e que atraz d'ella vinha um cavalleiro negro, de espantosa figura, o qual abraçando-a, a atravessava na espada, e n'ella a estava assando n'aquelle fogo. Repetiu-se esta visão até que lhe foi revelada, dizendo-lhe: *Eu sou um fidalgo, que fui soldado. Esta é uma senhora nobre, que matou a seu marido para adulterar commigo; tivemos a boa sorte de nos apartar, e arrepender, e Deus nos tem dado o Purgatorio, em que eu a mate a ella cada noite, e ella seja por mim todas as noites morta e assada, e ambos purguemos n'este fogo o de nossa luxuria, posto que lavada com lagrimas, e perdoada.*

Refere Vilhegas, que padecendo um enfermo uma grave e larga doença, rogou a Deus uma e muitas vezes, que o tirasse d'esta vida, para com a morte se vêr livre de tão penosos males. Appareceu-lhe um Anjo, que lhe disse ouvira Deus sua petição, e lhe dava a escolher: ou padecer tres dias de Purgatorio, e ir logo para o Céo, ou soffrer mais um anno aquella enfermidade. O doente, que ouviu isto, pediu com instancia o Purgatorio por tres dias. Morreu logo, e passada não mais de uma hora, foi o Anjo perguntar-lhe como se achava no Purgatorio, ao que lhe respondeu: Como hei de crêr que sois Anjos? Os Anjos não enganam. Se me dissestes que havia de estar aqui não mais de tres dias, como ha tantos annos que estou aqui, e não me tiraes? Ao que lhe disse o Anjo: Foi para

que vejas como tu és, e o que te enganas; não ha mais de uma hora que estás no Purgatorio, ainda não está enterrado teu corpo, e se queres, pódes tornar a elle, e padecer o que te falta de enfermidade. Ao que respondeu: Como não quererei, digo que não só um anno, mas antes a padecerei até o fim do Mundo, e não um instante d'estes tormentos. Com isto tornou á vida, e com seu exemplo exhortava e convencia a todos que se preservassem de ir áquelle logar, e ajudassem a sahir os que n'elle estavam.

Não menos com a palavra, que com a obra persuadiu ao mesmo aquella celebre mulher referida por Blozio. *Monit spirit., cap.* 13, a qual sendo fallecida, e estando seu corpo na tumba, se levantou d'ella, e disse ao povo, como o Anjo a levára a vêr as penas do Purgatorio; e que depois, dizendolhe o Senhor que escolhesse, ou entrar logo no Céo a gosar de Deus para sempre, ou tornar ao Mundo a padecer por livrar as Almas, que tinha visto, escolheu o segundo, padecendo tanto, que foi um assombro d'aquelle seculo, e dos vindouros: porque sendo tão mimosa, e delicada, e vivendo nos paizes frigidissimos de Flandres, se lançava arrebatadamente nos rios mais enregelados; outras vezes se mettia em ardentes fornos de cal; outras, abrindo as sepulturas, estava recebendo aquelle mau, e fetido cheiro dos cadaveres corruptos; outras corria com os pés descalços pelos montes mais semeados de abrolhos; outras provocava aos libreos, para que a despedaçassem. Emfim não cessava de martyrisar sua vida, nem Deus de lh'a conservar para augmento de sua graça, e allivio do Purgatorio.

Antes de concluir este Capitulo, quero advertir como atormenta o fogo no Purgatorio, e supponho com muitos e graves Authores que este fogo é cor-

poreo; o modo, com que obra nos espiritos, é conforme Belarmino; unindo-se o fogo com a Alma (não com a união substancial, como a que aqui tem a Alma com o corpo), e imprimindo n'ella seu doloroso effeito. E do modo que quando cá adoece o corpo, padece e afflige a Alma, posto que é espirito, e pela communicação que tem com o corpo, mediante o vinculo da união, assim padecerá no Purgatorio, aonde o fogo lhe servirá de corpo. Mas o modo com que isto se effectua, é tão maravilhoso, que segundo S. Gregorio, e outros, excede á investigação hnmana.

O que finalmente levanta de ponto estas penas, é serem seus executores, como affirmam muito, os mesmos demonios, os quaes sobre a tyrannia, que tem de seu natural, então obrarão com a raiva de lhes haverem escapado de suas mãos aquellas Almas, e com a inveja de os excederem na felicidade, que esperam de vêr a Deus, com que não só serão seus verdugos para obrar como demonios, mas como invejosos, circumstancia que com extremo accrescentará seu rigor.

GRITOS DAS ALMAS

Ai de nós! Ai! Ai! Que seja de fé haver Purgatorio! Que seja tanto o que n'elle padecemos, e que esta verdade faça tão pouco effeito, até nos que se presam de Catholicos! Se em uma Igreja tocam a fogo, o visinho se afflige, o bairro se assusta, e todo o logar se altera; todos acodem, e soccorrem, uns derribando, outros apagando, outros salvando moveis, e quem não póde com obras, com rogos, e orações. Se dão aviso ao dono da casa, que se queima, deixa o negocio, e a maior

occupação por accudir. Pois que faz, se deixou n'ella algum filho seu? Que, se é creancinha? Não é ponderavel o susto, e diligencia, com que vai: porque emfim do filho grande espera que escaparia do incendio, desviando-se d'elle ou saltando fóra, mas do menino, que ficou no berço, não; porque sabe que, se o não tiram, elle por si não póde sahir. Pois ha que de Deus, ha que da sua fé, e da nossa! Se tanto que ouvis dobrar os sinos por um defunto, é o mesmo que ouvir tocar a fogo do Purgatorio, porque se toca para que o livreis d'elle, se aqui n'este livro não ouvis outra coisa mais que vozes atribuladas, e desentoados gritos, que estão bradando: *Fogo, fogo, que se queima o Purgatorio;* se n'elle se vos estão queimando a uns os paes, a outros os filhos, a outros as mulheres, a outros os tios, a outros os irmãos, a outros os amigos, a outros os avós, e todos estes estão alli como meninos nascidos de pouco, que por si não podem mover-se, e não podem sahir, se os não tiram, como não accudis todos a tiral-os? Uns derribando os estorvos que lhes impedem a sahida, isto é, pagando as dividas que deixaram, outros apagando com esmolas aquelle fogo, pois sabeis (como diz o Espirito Santo) que com ellas se apaga, outros empenhando-se em tiral-as com braços de boas obras, e outros com rogos e orações. Que mais, ou que menos fareis, se isto fosse fabula? Talvez vos moveria affectos mais enternecidos e piedosos. Muitas vezes occupareis a attenção, e pararieis para vêr alguns jogos de mãos, os quaes são enganos, que á vista inventa a curiosidade da arte; e ouvindo esta verdade de fé, ninguem se reduz, todos continuaes vosso caminho, nenhum nos consola, e todos vos consolaes. Ah! ah! ah!

Não passeis adiante, sem que offereçaes a Deus

dar cumprimento ao que se disse acima, para nos tirardes d'estas penas, e em protestação Catholica de que crêdes que ha Purgatorio, e que morrereis em defeza d'esta verdade, resai-nos o Credo com a Oração d'um Padre-Nosso, e uma Avé-Maria.

CAPITULO VI

Da duração das penas do Purgatorio

Bem quizera dar ao leitor boa nova, que o Padre Santo deixou escripta, de que estas penas não passavam de vinte annos: porém não posso, porque a um que prégou esta opinião *(apud Henriq.)* mandou o Santo Tribunal que a retratasse, e com razão, por estarem contra ella authores, fundamentos, revelações, sentenças e experiencias dos Summos Pontifices, e emfim o uso da Igreja, que approva instituições de Missas, e anniversarios perpetuos por uma Alma, como tambem conceder Indulgencias de mil, e dois mil annos de perdão, ainda de mais; pois a quem só ouve devotamente uma Missa, concede o Papa Innocencio IV, trinta mil annos de indulgencia, além de outras muitas, que por isto mesmo concederam outros.

Na liturgia Jerosolimitana, que compoz não menos que o Apostolo S. Thiago, se rogava a Deus pelos defuntos, que desde Abel jaziam no Purgatorio. Note-se que até então eram passados cinco mil annos, e suppunha a Igreja poderem estar ainda no Purgatorio, depois passaram mil e setecentos e dous annos, e não sabemos que sahissem, nem ainda quando sahirão; porque consta que muitos ficam condemnados a penar no Purgatorio emquanto este du-

rar, que será até o fim do Mundo. A quem não faz tremer o cuidado de poder ser um d'estes? Pois para que todos o temam, vejam o seguinte exemplo:

Apparecendo a Alma do Papa Innocencio III, a Santa Luirgardes lhe disse que Deus por sua misericordia o tinha condemnado ao Purgatorio até o dia do Juizo Universal. O que atemorisa é, que este Varão (segundo Espondano, e todos os seus chronistas) foi mui timorato, mui amante de Deus, mui caritativo com o proximo, mui vigilante no seu governo, mui zeloso da Igreja, mui fervoroso na fé, tanto que o zelo de conservar lhe occasionou a morte; e emfim diz o grande juizo do veneravel Padre Belarmino que em seu conceito não commetteu advertidamente culpa grave. Pois se um homem tão opinado, não só por bom, senão por Santo, tão alheio de vicios, e com tantas virtudes, sahe condemnado á atrocidade de um Purgatorio até o fim do Mundo, e isto por grande misericordia de Deus, como não treme quem nem é, nem foi Santo, senão peccador? Quem por vezes commetteu culpa grave, e a cada passo commette culpas veniaes, e sobre isto nem faz penitencia nem ganha Jubileus, como não treme? É porque nunca se deliberou nem a cuidar n'este risco, pois a fé que não deixará de o colher por isso, antes será com menos prevenção, e com mais susto, porque o achará sobre si quando menos cuidar.

Deixo outros exemplos, e passo á razão, que a qualquer entendimento ha de convencer. Ou levaes peccados mortaes perdoados, ou só veniaes; se os primeiros, já sabeis que a absolvição perdôa a culpa mortal, e que a pena eterna que merecia se commuta na temporal, que é a da penitencia que se dá, e por esta não igualar (maiormente impondo-

se tão leves), passa a commutar-se na do Purgatorio. Parai pois aqui, e supponde que na commutação, conforme a ambos os direitos se ha de observar igualdade, considerai qual será a pena do Purgatorio, sendo digna de que n'ella se commute a do Inferno. Não a póde igualar na extensão porque é temporal, logo ha de compensar-se esta falta de eternidade em ser muito mais intensa; pois qual será o intenso de uma pena temporal do Purgatorio, a qual Deus dá, para que fique equivalente á pena do Inferno? Não exponho mais esta verdade, porque se occupe n'isso a vossa ponderação; assaz vos fica que meditar e temer.

Se os peccados commettidos são veniaes, haveis de suppor que conforme se revelou a S. Vicente Ferrer, por um só venial se padeceu um anno de Purgatorio. Agora a razão de um anno por cada venial, fazei a conta dos muitos de Purgatorio que vos ameaçam, sendo tantos os veniaes que no decurso de vossa vida commettestes. Com um sim ou com um não, que são uma syllaba e de tres letras, se responde uma mentira leve, e de pronunciar esta syllaba, que dura um instante de tempo, tomais sobre vós um anno de Purgatorio. Quantos serão os pensamentos inuteis, palavras ociosas, impaciencias, e similhantes faltasinhas leves, que desde que tendes uso de razão commettestes? São innumeraveis: *Delicta quiz intelliget?* Pois a razão de um anno por cada venialidade d'estas, que annos de amargo Purgatorio vos não ameaçam? Olhai se podeis temer que ou por mortaes ainda que já perdoados, ou só por veniaes, não tenha fim vossa pena até o fim do Mundo. Ultimamente devieis temer isto, ainda que fosseis tão puro como o Papa referido, pois não o sendo, senão tão carregado de culpas, não sei com que enganaes a vossa confiança.

Sobre a diuturnidade d'estas penas ainda ha duas circumstancias, porque parece serem mais largas do que são. A primeira é porque no juizo particular intíma Deus á Alma o numero de seculos pelos quaes a lança no Purgatorio e a degrada do Céo. Esta sentença tem as Almas presente todos os instantes, não ha ponto que a não repassem na sua imaginação, e assim padecem cada instante o que n'elle padecem, e tudo o que ao diante hão de padecer; hoje as afflige a pena, e hoje mesmo as está affligindo a consideração da pena de todos os annos e seculos que lhes restam, pela terem presente, sem que nem o somno nem o esquecimento lhes interrompa já mais tão desabrida, amarga e tragica representação.

Oh como hão de conhecer então o erro de que se quizessem abraçar com tão largas penas por gostos tão breves, e o de que quizessem submergir-se em fogos que duram seculos, por culpas que durarão um assopro! Augmentará este erro o segundo, que foi não o emendarem aqui, podendo com tão breve facilidade, lembrando-se que por se não applicarem na vida a ganhar uma indulgencia que podiam em menos de um quarto de hora, estão alli padecendo angustias e afflicções, que duram e durarão annos e seculos. Não duvido que esta memoria lhes ha de partir de pena o coração, e que cada uma o ha de ter trespassado com tres lanças, como o de Absalão. A primeira será: *E' possivel que pude!* A segunda: *E' possivel que o não fiz!* E a terceira: *E' possivel que já não posso!* E como nos amam tanto, não deixarão de sentir tambem que sabendo-o nós a tempo não escarmentemos n'ellas, seguindo outra via, evitando culpas, chorando mais as commettidas, acautelando-nos com mortificações, solicitando indulgencias, e emfim ne-

gociando com Deus que a ellas allivie o desterro, para que quando nós o padeçamos logremos o mesmo allivio.

Do que até aqui fica provado se colhe que não ha quem não possa temer sahir condemnado ao Purgatorio até o fim do Mundo, ainda que em sua vida não tenha commettido culpa grave; e ainda que, se a commetteu, lhe esteja perdoada, como tambem que n'esta materia não se póde prefinir no termo certo, porque a duração das penas ha de corresponder ao numero e malicia das culpas; e como n'isto não haverá igualdade tão pouco a póde haver n'aquillo. De umas *(apud Surium)* se sabe que estão condemnadas a mil annos de Purgatorio, de outras dous mil, e de outras a mais tempo. Santo Agostinho explica com o simil dos que carregados passam por um rio, porque assim como os que levam mais peso, tardam mais em chegar á margem, e menos os que levam menor carga, assim as Almas, que passam pelo rio do fogo do Purgatorio com mais carga de culpas, tardarão mais em chegar á deleitavel margem do Paraizo, e menos as que levarem menos: *Quanta fuerit peccati materia, tanta erit, et pertranseundi mora.* E assim como dura o fogo de cá emquanto dura a lenha, assim persevera o do Purgatorio emquanto ha culpas.

A' veneravel Madre Soror Francisca do Sacramento fazia perder o sentido, e cahir em repetidos desmaios a miudo o pasmo de ouvir, e vêr Almas de Religiosos, e Freiras perfeitissimas, as quaes apparecendo-lhe, contavam os muitos annos de Purgatorio, em que sahiram sentenciadas. E se a esta serva de Deus, sendo tão pura, tanto affligia esta noticia, quanto mais deve atribular aos que não são perfeitos, e são culpados? Se os desapegos do Mundo tardam tanto em passar este rio, quanto mais

tardarão os que o hão de vadiar carregados de culpas, sem os auxilios de indulgencias ganhadas, nem mortificações padecidas? Diga-o aquelle Defunto, que apparecendo á mesma, lhe disse havia oitenta annos que padecia no Purgatorio, e ainda não sabia o que lhe faltava, e isto era com haver vivido tres mezes antes de morrer, nos montes, afogando suas culpas em continuas lagrimas, e quebrantando seu corpo com duras penitencias.

A Alma de um Fidalgo de Soria lhe disse: *Ha trinta e cinco annos que padeço no Purgatorio, porque ajuntei muita fazenda que cá me não aproveita, pois ninguem se lembra de mim, e estou penando pelo que outros logram. Encommendae-me a Deus, que no Mundo não se sabe o que aqui se passa, e é grande a cegueira, com que se vive.* A de outro Fidalgo lhe disse que já tinha mais de cincoenta e nove annos de Purgatorio, e por cousas, de que se não faz caso no Mundo. A de outro lhe disse que avisasse a sua mulher como havia já sessenta e quatro annos que estava no Purgatorio pelo vicio, que teve em jogar, e por cousas, de que aqui não se faz conta, e lá se toma mui estreita, e que a soccorresse com Missas.

A Alma de um grande Prelado d'estes Reinos, Arcebispo e Cardeal, appareceu duas vezes á mesma, e depois de lhe ter dito sua pretensão, acabou exclamando: *Quizera ter sido um pobre cozinheiro de um Convento, porque sendo grandes as obrigações que tive por meus cargos, não satisfiz a ellas, e estou padecendo por tudo.* Passado muito tempo, tornou a apparecer-lhe, e estranhando a veneravel Madre que ainda estivesse no Purgatorio, lhe respondeu: *Estou e estarei; prouvera a Deus que não tivera Prelasias, que tão caras me custam.* Outras innumeraveis Almas de Prelados lhe appareceram,

e todas lhe diziam: *Oxalá nunca fôramos Prelados.* Sobre o que faz esta tão verdadeira, como engraçada reflexão um grande Engenho. Muitos Bispos morreram suspirando: *Ah quem houvera sido um Frade Leigo!* E nenhum Frade Leigo morreu suspirando: *Ah quem houvera sido Bispo!*

Apparecendo-lhe a Alma de um Papa, lhe disse havia já tantos annos que estava no Purgatorio, que não haveria no Mundo alguem dos que o alcançaram n'aquella suprema Dignidade. A de outro Papa que lhe appareceu, lhe disse que lhe grangeára algum allivio a intercessão dos Santos, que elle havia canonisado; porém que encommendasse a Deus seu antecessor, o qual havia já muitos annos que estava padecendo. Pois se os Summos Pontifices, que são os que dispendem a agua de Indulgencias, com que outros apagam este fogo, n'elle se estão abrazando tantos annos, que dilação não ameaça aos que tão pouco cuidam de tirar esta agua.

A segunda circumstancia, porque parece serem mais largas do que são, é, porque a intensa vehemencia da dôr ainda as breves faz largas. Assim o disse uma á veneravel Madre: *Mais é entre nós um só momento de padecer, que padecer entre vós até o fim do Mundo.* E estranhando a mesma veneravel Madre que uma Alma estivesse ainda no Purgatorio, porque lhe tinha apparecido já quarenta vezes em differentes tempos, lhe disse: *Estou, e estarei padecendo até que um filho meu não litigue, e assim rogae-lhe que desista d'essa demanda, que eu comecei, porque tudo cahe sobre mim, e encommendae-me a Deus, porque aqui os momentos se fazem annos, e os annos se me fazem uma eternidade.*

Não é para ficar em silencio, por ser o que mais confirma esta verdade, o caso tão sabido d'aquelle

monge, o qual tendo fallecido sem a bençào do seu Abbade, e apparecendo-lhe para que lh'a désse junta com alguma penitencia, como lhe désse a de estar no Purgatorio não mais que até ser enterrado seu corpo, pois havia de tardar tão pouco; pareceu tanto ao defunto, que prorompeu em uma voz tão horrorosa, que se ouviu quatro leguas em distancia, e disse: *Ah cruel Abbade! ah cruel, tanto hei de estar no Purgatorio!*

S. Vicente Ferrer diz que no Purgatorio cada momento pesa mil annos: logo, se qualquer, por justo que seja, póde temer que esteja muitos momentos, cada um póde temer que esteja no Purgatorio o tempo equivalente a muitos milhares de annos, se cada momento de lá corresponde a mil annos d'esta vida.

GRITOS DAS ALMAS

Ah Filho de minhas entranhas, ouvi a vossa pobre, e affligida mãe, que vos chama. Já acabais de lèr que um momento d'aqui vale tanto como mil annos d'essa vida, ponderae quantos momentos de tempo ha que sou morta; não ha numero, que os comprehenda; pois tantos milhares de annos ha que aqui me tem vossa ingratidão, vosso esquecimento e tyrannia.

Se um verdugo não acaba depressa ao que enforca, vos enfureceis contra elle, porque o faz penar: como não vos indignaes contra vós, que verdugo de vossa propria mãe a fazeis estar penando tantos annos? Se estar um mez de uma ilharga em uma branda e mimosa cama, é intoleravel ao enfermo, que será estar de um lado, não um mez, senão tantos annos, não em uma regalada cama, se-

não dentro em um fogo, que vorazmente consome? Se estar sobre os lençoes mais finos sempre de uma postura faz crear chagas, que será estar sempre de uma postura sobre tão afiados e accêsos ferrões d'aço? Se uma comedia, por entretenida que seja, vos molesta, se é comprida, que fará um Purgatorio dilatado? Pois como deixaes n'elle a uma mãe, que vos deu o ser, que vos sustentou, que vos creou, que vos amou, e que vos assistiu em são e doente tanto como experimentastes? Oh que occasião tendes de me pagar as dôres, que me custou o sahirdes do materno claustro! Pelas que então me déstes, tirai-me as que agora padeço, e ainda vos ficarei devedora, porque maiores serão as que me tirardes, que as que então me causastes.

Em mim sobeja para isto a razão de mãe, e em vós a razão de filho; por mulher tinha eu direito ao vosso soccorro, e vós por homem obrigação. A que mulher ordinaria vereis em perigo, que podendo, não defendesseis? Pois por ser vossa mãe hei de desmerecer comvosco? Direis que já me fazeis as exequias de anniversario, não o nego: porém se um cirurgião tivesse a alguem coberto de chagas, e o não curasse, senão no dia em que se terminava um anno depois de ferido, e não se lembrasse mais d'elle, não seria cruel e deshumano? Sim, porque dava tempo a que se cancerassem aquellas chagas. Pois como, estando eu tão lastimosamente ferida e chagada, só um dia no anno me applicaes o remedio, e depois deixaes que minhas dolorosas chagas se cancerem? Ora filho meu, abri os olhos, e vêde esta necessidade para a soccorrer, e esta obrigação para a satisfazer.

Se Deus me dera logar para representar minha miseria aos montes, tanto ecco faria n'elles minha dôr, que lhes quebrantaria as empedernidas entra-

nhas, não só a compaixão, mas o desejo de offerecer quanta prata e ouro encerram para meu resgate. Ora pois, filho meu, não sejaes mais duro que as penhas, offerecei agora sem passar a lêr outra regra, mandar-me dizer Missas; e se não podeis, ouvil-as por mim devotamente, pois lêstes n'este Capitulo o muito que isto vale; e emquanto não pondes isto por obra, resai logo por mim um Padre-Nosso, e uma Avè-Maria.

CAPITULO VII

Da terribilidade d'estas penas por causa do logar

S. João Chrysostomo diz, que mais importa empregar o estudo em fugir do Inferno, que não em inquirir aonde está; mas porque a noticia do logar do Purgatorio ha de incitar a fugir d'elle, e ha de accrescentar a compaixão de seus habitadores, tratarei d'elle.

Supponho que, como a Igreja não tem decidido este ponto, discorreram com variedades os authores; uns dizem que não ha logar determinado para Purgatorio, mas que as Almas se purificam nos mesmos postos, aonde peccaram. Em confirmação do que trazem os exemplos de muitos, que appareceram em Campos, Castellos, Jgrejas, Banhos, e outros similhantes sitios, aonde padeciam o Purgatorio, por estes haverem sido os theatros, aonde commetteram suas culpas.

A uma Freira Cisterciense appareceu outra amiga defunta a seu lado no Côro, e com um semblante mui pallido, e afflicto. Assustou-se, e recobrada,

perguntando á defunta que fazia alli, lhe respondeu: *Deus me assignou este logar por Purgatorio, pelo que n'elle palrava comvosco emquanto se resava. Aviso-vos que vos emendeis, porque se o não fizerdes, incorreis na mesma minha desgraça.* Continuou a defunta muito tempo em se mostrar alli á sua amiga, até que a poder das Missas e suffragios, que por ella se fizeram passou do côro ao Céo.

Outros dizem que no mesmo Inferno padecem as Almas o Purgatorio, cuja opinião refere S. Gregorio *liv. 4, dialogo, cap. 42.* Outros que em figuras de animaes feios e venenosos, em fé de haverem apparecido a Santa Gertrudes umas Almas, que tinham o seu Purgatorio dentro em uns sapos, que estavam lançando de si chammas sem parar. Outra Alma lhe appareceu em fórma d'um medonho bruto prêso a um tronco sobre a bôca do mesmo Inferno, aonde padeceria intoleraveis penas e tormentos.

Orando um Religioso *(apud ven. Palas.)*, viu que dous ferozes lobos seguiam a uma mulher, a qual não levava mais que uma tunica interior, ainda que os sapatos eram de ouro, e suas fitas mui preciosas; e viu que fugindo ella se recolheu no Templo, e os lobos ficaram á porta. Perguntou-lhe o Religioso quem era e respondeu: «Eu sou a Alma de uma Fidalga, que me deixei levar da vaidade gastando muito dinheiro e tempo em meus enfeites; e ainda que me confessei e fiz larga penitencia, tão rigorosamente o pago, que me tem dado Deus por Purgatorio que em pena do decotado que em vida trazia, ande agora descoberta pelas Igrejas, que vivendo frequentava profanamente vestida. Os sapatos que vêdes, são de ouro em premio de que em vida dei uns sapatos de esmola: os dous lobos que me seguem, e perseguem, são dous Confesso-

res que tive, os quaes passaram de Pastores a lobos, pois por contemporisar com meu gosto, não me reprehendiam este excesso, e assim rogai a Deus por mim, para que me allivie de tanto como padeço.»

Não é menos formidavel o cadafalso, em que o Senhor costuma justificar algumas almas, dando-lhes o Purgatorio dentro no mesmo cadaver do corpo, que tiveram em vida, como o disse a Alma de um Fidalgo, que appareceu á Madre Soror Francisca, o qual, depois de lhe ter dito as graves penas que padecia, por haver defendido demandas injustas contra sua irmã, porque era mui rendido ao interesse; e nunca se soube desapegar emquanto viveu do que possuia com escrupulo, e depois de lhe ter dito o muito que lhe importou para se salvar, haver entrado na Terceira Ordem de S. Francisco, e outras boas obras, lhe deu conta como tivera o Purgatorio em differentes partes, *e que então o tinha na propria sepultura dentro no seu mesmo cadaver*, que é o maior asco e immundicie que se póde padecer. Bem poderia este sahir dizendo de quem com suas orações o tirasse d'aquellas penas, o que dizia David: *Eduxit me de lacu miseriæ, et de luto fæcis.*

E' de advertir sobre o que fica dito que, ainda que as Almas venham do Purgatorio a este Mundo, nem por isso deixam de penar entretanto, como se n'elle estivessem, porque levam e trazem comsigo todo o requisito de padecer; como tambem não deixam de gosar de Deus os Bemaventurados emquanto aqui apparecem; de modo (diz S. Thomaz) que o Papa sempre o é, e goza da Dignidade, ainda que deixe de estar sentado na Cadeira Pontificia.

Tambem é de advertir que todas as differenças do Purgatorio, que se tem referido, são meios extraordinarios da Providencia Divina para o logro de

algum singular, e importante fim; porque segundo os Theologos e Padres, o Purgatorio é um posto material, que Deus destinou para purificar as Almas, situado no centro da terra, parede em meio do Inferno, a modo (como diz S. Vicente Ferrer) de um capacissimo forno.

Prova a comparação, dizendo que assim como no forno se deitam pães, não para que se queimem e façam em carvão, mas para que se cosam e aperfeiçoem, e quando o estão, passam do fogo á meza do Rei; assim lança Deus as Almas no forno do Purgatorio não para que eternamente se queimem e se tornem em carvão, senão para que se cosam e aperfeiçoem. Oseas: *Quasi clibanus succensus à coquente.* E quando o estiverem, passem do incendio á honorifica meza do Principe das eternidades Christãs: *Faciet illos discumbere.*

Não faz pouco terrivel a morada do Purgatorio ter tão abominavel visinhança, como é a do Inferno. Antigamente se advertia no escripto das casas que se alugavam, que tinham bons visinhos; argumento de que esta circumstancia faz crescer ou diminuir o preço, ou valor de uma habitação. Logo bem se vê que será peior a do Purgatorio, por confinar com o peior bairro que ha e os peiores visinhos que póde haver.

Queixa-se S. Paulo que padece um Anjo de Satanaz, que o está continuamente esbofeteando: *Datus est mihi Angelus Satanæ qui me colaphizet.* Como o Apostolo não aponta o significado, discorrem sobre elles os Interpretes. Uns dizem que este Anjo de Satanaz era uma contínua dôr de cabeça, outros de estomago, outros o applicam a outros males; de modo que apenas ha enfermidade grave, que não tenha author, que a signifique n'este dominio. Porém S. Jeronymo com assaz novidade diz que era

um visinho ferreiro o qual mortificava muito a S. Paulo. Por visinho o mortificaria com a espreita, e por ferreiro com o estrondo.

Pois se este mal avalia o Apostolo por tão grande, que lhe dá o tratamento do Demonio, e deixa logar para que por elle se entendam todos os males, e emfim diz que é maior bofetada, que se lhe podia dar. *Qui me colaphizet,* que será ter não um visinho molesto, mas tantos como são os condemnados? Que será ter não um Demonio metaphorico, como o de S. Paulo, senão tantos Demonios em realidade, como é certo que ha? Se aquelle, por ser um ferreiro o mortificava tanto com o estrondo, quanto mais affligirá ás Almas aquella confusa e desordenada ferraria dos infernos? Este será o mal dos males, e uma das maiores bofetadas que lhes dará a mão do Senhor.

Não obstante que isto é tão grande mal, fica sendo o menos; como tambem é o menos sumir-se no Purgatorio aquelles asquerosos enxurros da escória, que desagua o abysmo. O menos é chegar a ouvir aquelle horroroso ranger de dentes, e universal alarido dos demonios. O menos é experimentar o contagio d'aquellas espessas nuvens de malignos vapores, que exhalará tão corrupto lago. O menos é sentir aquelles ais tão profundos, e amargos, como irremediaveis. O menos é escutar o ecco dos desapiedados açoutes, vêr a ira dos demonios, que os descarregam e a impaciencia dos culpados, que os recebem. Tudo isto é o menos.

O mais intoleravel é... Porém, que farei, que me treme a mão para o escrever, a ideia se atemorisa só de o figurar, e emfim nem vozes, nem forças tenho para os exprimir! Nada, porém, causa mais horror, que sua simples relação. O mais intoleravel é, que as santas Almas do Purgatorio che-

gam a ouvir as blasphemias e injurias, que contra Deus estão affrontosamente pronunciando os condemnados! é possivel, Senhor, que uma Alma, que mais vos ama que a si mesma, e que tão perspicazmente conhece vossas ineffaveis perfeições, ha de ouvir tão infames vituperios contra vós? Ha de ouvir as enormes vilezas, que aquella torpe canalha ha de vomitar contra vossa Summa Innocencia, e infinitamente perfeita bondade? Como ha de haver valor para escutar que aquelle malvado tumulto esteja sempre clamorosamente arrenegando de Vós, de vossa Mãe Santissima, e de vossa sacrosanta Lei, sem poder reprimir tão desenfriado vulgo? Ah que pouco conceito podemos agora fazer da medida d'esta pena, porque vos conhecemos e amamos pouco! Mas ainda apesar da minha frieza e desconhecimento, alcanço que este será o mais cruel espinho, que atravessará as Almas fieis; e assim vos peço, misericordioso Senhor, que descarregueis sobre mim então, e agora todo o golpe de todos os mais tormentos, e que accrescente vossa Omnipotencia os que reserva o immenso seio da possibilidade, com tanto que me isente d'este. Padeça eu o Inferno sem culpa, antes que padeça ouvir quanto o Inferno vos amaldiçôa, injuría e blasphema.

GRITOS DAS ALMAS

Jesus! Ai Jesus! Que logar é este, em que me acho, Santo Deus, aonde me trouxestes? Que profundidade, que caverna é esta? Ai de mim! Aonde não vejo mais que escuridões, aonde não ouço mais que gemidos, aonde não cheiro senão ascos, aonde não toco mais que viboras, aonde não sinto senão golpes, aonde não pizo mais que serpentes, e des-

de d'onde escuto maldições, que os condemnados, e demonios estão bramindo contra meu amantissimo Deus aonde tudo é um fumo, que não se desfaz, um fogo, que não luz, e emfim aonde tudo é um perpetuo suspirar. Quem, ai de mim, me poz em tão lastimoso aperto? Mas já o sei, a justiça de Deus, é a que n'elle me tem, e a injustiça de meu herdeiro me detem n'elle.

Ah se podera emendar o que n'essa vida fiz, como testaria agora de outro modo! Mas tambem é castigo da culpa de não haver escarmentado nas experiencias alheias. Quando vivia n'esse Mundo, via filhos, os quaes só cuidaram de carregar com as fazendas de seus paes, e descuidaram-se de desencarregar suas Almas das obrigações, que fiaram d'elles. Se eu cahi no erro d'aquelles paes, foi por me parecer que não serieis vós como aquelles filhos: porém bem caro me custa esta confiança, pois desde que me vistes morto, só vos lembrastes de cobrar meus bens, lançando para traz das costas o alliviar meus males. Não me dá Deus logar, para que saia d'aqui a pedir-vol-o, porque não merece esta piedade a culpa de vosso rebelde descuidado; porém se Deus o permittisse, e me apresentára á vossa vista no espantoso estado em que me vejo, e vos pedira que dereis cumprimento a essas obrigações, e pagasseis essas dividas no mesmo ponto o executarieis. Pois é possivel que não baste a Deus mandal-o, para que lhe obedeçaes? A vossa Fé ha de esperar visiveis apparições, que a avivem com sustos, e a despertem com estrondos? Ou crêdes que ha outra vida, e Purgatorio n'ella, ou o não crêdes: se o não crêdes, entregae-vos por herege ao Santo Tribunal; se isto crêdes, como não pondes por obra as obrigações, que deixei em meu testamento, sabendo que se o não fazeis, deixaes minha Alma em um de-

sabrido Purgatorio, e metteis a vossa em um irremediavel Inferno?

Crêr isto, e não o executar, fazendo-vos infiel á vossa salvação, e ao meu soccorro, não parece que é obra de um Christão, senão de um Lutherano, que nega o Purgatorio; não parece que é proceder de homem, senão de Demonio, pois (como diz Santo Agostinho) crêem como os demonios aquelles que não obram segundo o que crêem. Pois mãos á obra, filho meu, deliberai-vos, que não vol-o peço já tanto por conveniencia de minha Alma, como pelo bem da vossa; mais ides vós a perder em não pagar as minhas dividas, e satisfazer minhas obrigações, que eu? Vós ides a perder a Deus por uma eternidade sem fim, eu a deixar de o vêr por tempo limitado. Fazei, pois, aqui ponto, e parae; não prosigaes em lêr por deante até o florescer a Deus n'este instante de tratar desde logo de dar cumprimento aos encargos, que declarei em meu testamento, de fazer essas restituições, de assentar essas obras pias, de satisfazer essas dividas, de que se me digam essas Missas, e tudo o mais que sabeis. Olhae que o Deus que vos ameaça, é mais rigoroso, do que vós imaginaes; considerae que é um Juizo mui devéras o que vos aguarda, e temei, que, se depois de haver lido este conselho, que Deus vos manda por auxilio, e dispôz que aqui se escrevesse, e vós o lêsseis para se justificar; e poder-vos reconvir com elle, se depois d'isto vos não moveis á execução, vos chamará a seu Tribunal antes que o tenhaes concluido; e uma vingativa eternidade estará tomando satisfação do que agora não quereis dar, podendo, e devendo-a dar. E, emfim, para que conheceis, e concluaes uma obra tão agradavel a Deus, tão importante a vós, e para mim de tanto beneficio, rezae por mim a Nossa Senhora uma Salvè-Rainha com um Padre-Nosso e uma Avè-Maria.

CAPITULO VIII

Em que se reprovam as razões de consolação, que alguns imaginam no Purgatorio

Cuidam alguns que por estarem as Almas tão conformes com Deus, e ser sua vontade que padeçam, por isso sentem menos o que padecem, e antes por isso o sentem mais. A razão é: porque pelo mesmo caso que estão conformes com Deus, sentem mais não estarem taes, quaes Deus as deseja; e como as deseja purificadas, a pena de o não estarem augmenta sua dôr; ao modo que se de uma mui formosa Dama copiassem o retrato mui feio, e este retrato tivesse entendimento, sentiria não se conformar com o seu original, e não ter aquella proporção, que se requer para ser perfeita imagem sua; assim as Almas pelo mesmo caso que estão conformes com Deus, e que são imagens suas, sentem que o não sejam pelas faltas e manchas: porque Deus é um Espelho sem macula, as Almas são espelhos com ellas, ainda que leves; Deus é uma formosura sem imperfeição, ellas estão salpicadas de pintas negras, que são as que gasta o Purgatorio; com isto sentem não ter aquella proporção, que se requer para perfeitas imagens de Deus, e que não se conforme na pureza com quem se conformam na vontade.

Finalmente mais conformes estavam Christo, e Maria com a vontade do Padre Eterno, do que o estão as Almas, e esta summa conformidade não lhes tirou o sentimento na Paixão: logo nem ás Almas se lhes tira no Purgatorio.

Incompativel se fará para alguns que possam querer padecer, e sintam isso mesmo, que querem

e padecem; pois mais aggrava a difficuldade a certeza de que se Deus chamasse para a Gloria as Almas antes de purificarem estas manchas e pintas, lhe rogariam que primeiro as deixasse alimpar d'ellas no Purgatorio á custa de padecerem antes que entrar a gozar de sua vista no Céo, com a qual as convidava; mas com este simil se vencerá esta difficuldade. Supponhamos que uma Senhora viesse da sua terra a casar-se com El-Rei, e que no caminho se lhe gerasse uma sarna, a qual notavelmente lhe desfigurasse a belleza do rosto; supponhamos que El-Rei com amorosas impaciencias lhe escrevia que abreviasse a jornada para entrar na sua Côrte e tomar pósse da sua mão e da Corôa: n'este caso não se reprimiria e curaria d'aquelle asqueroso achaque primeiro que apparecesse aos olhos de El-Rei, e da sua Côrte? Não ha duvida. Pois se por impossivel chamára Deus as Almas á sua celestial Côrte, para celebrar o eterno desposorio com ellas antes de se curarem no Purgatorio d'estas manchas, ha de parecer-nos que lhe rogariam as deixasse alimpar primeiro d'aquellas manchas, as quaes posto que veniaes as afeiavam, e que quereriam padecer aquellas penas antes de comparecerem maculadas á sua vista e á de toda a celestial Côrte.

Nem menos o amarem tanto a Deus lhes diminue o sentimento, antes se lhes accrescenta tanto, que ha quem diz que, prescindindo do eterno, parece que a pena de damno da Alma do Purgatorio excede á de um condemnado do Inferno. E o fundamento é, porque o condemnado padece estar privado de um Deus, a quem de todo o coração está aborrecendo; porém a Alma do Purgatorio padece estar privada d'um Deus, a quem de todo o coração está amando.

Da pena de não vêr a Deus a Alma de um con-

demnado diz S. João Chysostomo que é uma pena maior, que a de dez mil Infernos. Pois se tanta pena é o vêr quem o aborrece, quanta será a de o não vêr a Alma do Purgatorio, que o ama, e com tanto extremo? Logo o amor, que estas Almas tem a Deus, será occasião, para que o tormento de sua privação seja mais terrivel. Os homens não crêem bastantemente isto emquanto vivem, porque não sabem como amam a Deus depois que morrerem. Um menino emquanto está dentro no ventre de sua mãe, não sente a prisão, não o molesta o aperto, não o afflige a solidão, nem a escuridão o atormenta: porém se depois de muitos annos que sahiu d'aquelle ventre, e que entra em uso de razão, e goza da luz do Mundo, o obrigassem a estar outros nove mezes n'elle, que prisão haveria para elle mais insoffrivel, e que pena mais insupportavel?

A razão de que agora lhes seria angustia tão violenta o que antes allivio tão natural, é, porque antes estava no ventre, como em sua origem, e centro; antes não havia gozado ainda da luz do Mundo, nem da luz da razão, e agora tinha participado de uma, e outra e por isso agora seria intoleravel essa clausura. No ventre, pois d'este Mundo estão os racionaes como meninos, conforme diz S. Paulo: *Loquebar ut parvulus, etc.*, por isso aqui não sentimos a falta de Deus; mas como em sahindo do ventre d'este Mundo, alcançamos mais luz, e logramos o uso da razão, de que gozam os varões, e nos reduzem ao escuro ventre do Purgatorio, com isto sentimos mais seu aperto, escuridão, e a falta de não vêr aquelle Deus, já temos conhecido, não como pequeninos, se não como varões: *Cum autem factus sum vir, evacuavi quæ erant parvuli.*

Diz Sennerto com outros Medicos que a febre

se fórma não só do calor preternatural extrinseco, mas tambem do natural. Ambos diz que fazem cruel liga contra o paciente. Isto, que é opinavel no corpo, é infallivel na Alma: porque no Purgatorio se padece a complicação d'estes dous fogos, a do extrinseco, e a do natural desejo de vêr a Deus. Com que se a sêde nasce no calor, sendo este dobrado, é em dobro o que lá as afflige a insaciavel sêde de vêr a Deus em comparação do que cá as mortifica.

Aggrava este augmento comprometter-se toda a Alma com todas as suas potencias a este unico fim, sem se divertir a outro, não como n'este mundo, aonde a vontade espalha seus desejos em varios objectos, e a falta de um compensa o complemento de outro; mas como lá toda a vontade resume todos seus desejos só em vêr a Deus, sem desperdiçar algum desejo para outra cousa, com isto, emquanto não logra a sua vista, fica toda, e de todo defraudada, e extremosamente violenta. E se o fogo dentro em uma mina estremece as entranhas da terra com terremotos, e por sahir penetra o mais robusto monte, não se póde duvidar que o fogo tanto maior d'este desejo dentro em uma Alma a estará agitadamente batendo, e combatendo tanto, que, se fôra mortal, a reduzirá a cinza cada instante sua menor faisca.

Outros imaginarão que por serem espiritos, não podem padecer a impressão do fogo, ou que o padecem menos intenso, e esta é tambem a causa para que mais o sintam. A razão é: porque quanto a potencia é mais mimosa, e delicada, e costumada a padecer menos, sente mais. Por isto uma Dama não resiste por uma hora ao Sol de Julho, que um homem tosco, e rustico atura todo o dia. Comparemo-nos, pois, ao corpo tosco e rustico, como

feito de barro, e a Alma, Dama mimosa, e delicada, como formada da mão Divina, e irmã dos Anjos pelo parentesco de espirito, e assim conheceremos que ha de sentir a Alma o rigor d'este fogo incomparavelmente mais que o corpo.

Emfim tem a differença que vai de receber os açoutes sobre o vestido a soffrel-os immediatamente sobre a carne. Na vida recebe a Alma os açoutes sobre o vestido do corpo, porém no Purgatorio immediatamente em si mesma. Aqui o corpo lhe serve de reparo, e defensa; lá padece a Alma sem defensa, e a ferem sem reparo. Aqui como dão as rosetas primeiro no corpo, chegam despontadas á Alma; acolá dão primeiro na Alma, e depois na Alma, e na Alma sempre. Aqui o fogo, e os mais agentes obram primeiro na superficie, e vão profundando lentamente: mas alli, como a Alma é indivisivel, de um golpe a traspassa toda, e de todo, e desde o principio a penetra até o mais intimo. Aqui padece o corpo só n'aquella parte, que recebe o damno, pois a dôr de cabeça não se estende ao pé; porém alli, como a Alma não tem partes, não ha lesão, que não padeça a um mesmo tempo toda a Alma. Aqui ultimamente a vehemencia da dôr, costuma privar da mesma dôr, porque costuma privar do sentido: porém no Purgatorio como a Alma não póde perder o sentido, tambem não póde perder o sentimento; como tem sempre a razão viva, dura sempre vivo o sentimento.

A ultima razão de allivio, que darão muitos e talvez todos, ás Almas do Purgatorio, é a infallivel certeza de estar em caminho de salvação, e a proxima esperança de a conseguir. E emquanto á certeza, supponho, como de Fé, que é indefectivel, porém não é de Fé que todas teem esta noticia, ou que a devem ter: porque é opinião de alguns Ca-

tholicos (*apud Belarmin.*) que póde Deus occultar esta noticia a uma Alma, e deixal-a padecer, sem que saiba se está salva ou condemnada, accrescentando ás suas penas a d'esta formidavel, horrorosa e tremenda suspensão.

O Abbade Carrilho, notoriamente douto em Historia e Canones, censura esta opinião com mais rigor do que merece, porque a tracta de temeraria; bem que suas impugnações só provam que regularmente não dá esta pena a todos, nem sempre, porém não provam que não póde dar, e ainda que eu me inclino a que nunca a dá, fundado em que não se póde crêr um rigor como este, mas póde dal-a: porque não se oppõe a algum principio Theologico, nem de Fé, nem ha decreto de Deus em contrario, como copiosa, e gostosamente o defenderia, se não fôra por não quebrar com disputas Escolasticas a humilde sinceridade, que desejo observar n'este Tractado.

Porém concedamos que todas as Almas o saibam; tambem quando vos doem os dentes intensissimamente, sabeis, e crêdes que aquella dôr não vos ha de durar por toda a vida, e esta noticia nem faz que não sintaes a dôr, nem ainda vol-a mitiga: logo a noticia que as Almas teem de que não hão de durar suas penas, nem lhe tira a dôr, nem lh'a mitiga. A razão, a meu vêr, é porque a pena causa dôr physica, e a noticia é allivio mental; e os males, que o são por natureza, não se curam com remedios de tão diversa linha, como é a intencional: e emfim o conhecimento de que ao depois hão de vêr a Deus, póde moderar a pena do damno, que consiste na privação d'esta vista, porém não a pena de sentido, de que fallamos. Como ainda que um pobre soubesse que havia de subir a ser Rei depois que se deixasse queimar um braço, a espe-

rança de haver de reinar depois não lhe moderaria a dôr emquanto actualmente se lhe estivesse abrazando o braço; assim a noticia de haver de reinar depois no Céo não tira ás Almas, nem modera a dôr presente de estarem ardendo no Purgatorio.

Emquanto á consolação de estarem perto de se vêr na Gloria, só digo que está tão longe de lhes abrandar o sentimento physico das penas, que antes o aviva mais. A razão é a que dicta a experiencia: porque quanto o gosto, de que nos privam, está mais visinho opprime mais, e mais intimamente; por isso ficarão por hyperboles de penas as de Tantalo sequioso no meio das aguas, e faminto entre os manjares. Por isto, quando Deus privou a Adão do Paraizo, não o privou de sua vista (conforme dizem muitos), senão que o condemnou a que o visse, e o não gozasse; e por isso já tive para mim que quiz Christo lhe applicassem o fel e vinagre sem o beber: *Cum gustasset, noluit bibere.* Se a sua sêde era de amarguras, e lhe applicavam essa, porque a não tragou? E', se me não engano, porque até então eram as suas ancias de padecer, e via logrado esse desejo; faltava-lhe o desejar padecer sem o conseguir, pois disponha que lhe ponham á vista essa amargura, que deseja, e como vir que a toca com a ponta da lingua, prive-se d'ella: porque desejal-a, tendo-a tão perto, como a bôca, e não a tragar, é o tormento, que havia de canonisar mais sua paciencia: logo a visinhança do objecto desejado motiva maiormente ao sentimento de sua privação, e senão, pergunto: Que Alferes sentiu jámais que o não fizessem Rei? Nenhum; e qualquer Alferes sente que o não façam Capitão. Porquê? Porque para Rei o Alferes, nem se acha proximo, nem capaz, mas para Capitão

sim. Pois pelo mesmo hão de sentir as Almas do Purgatorio que não as façamos reinar mais cedo no Céo, pelo mesmo caso que para isto se vêem capazes, e se conhecem visinhas: e assim este conhecimento tão longe está de lhes diminuir o sentimento da privação, que antes lhes aviva a dôr de sua tardança.

GRITOS DAS ALMAS

E' possivel que não ha de bastar o que padecemos n'este Mundo, senão que se hão de ajuntar dous Mundos para nos atormentarem: o Mundo em que estamos com fogo, e o de que sahimos, com esquecimento! Que faremos, pobres de nós? Que faremos para certificar nossa justiça nos mortaes? Bradamos desde estas enxovias, e ninguem nos ouve. Job. 19. *Ecce clamabo vim patiens, et nemo audiet.* Chamamos a nossos paes, e voltaram-nos as costas: *Pater meus, et mater mea dereliquerunt me.* Chamamos a nossos amigos, e não fizeram caso de nós: *Et noti mei quasi alieni recesserunt à me.* E, emfim, como os parentes nos deixam, tambem os conhecidos nos desamparam: *Dereliquerunt me propinqui mei, et qui me noverunt, obliti sunt mei.* A quaes pois recorreremos, que nos ouçam? Oh a quanto obriga a ingratidão dos mais obrigados! Pois appellaremos para os que n'essa vida foram nossos maiores inimigos; a estes pedimos favor, e ajuda, e de nenhuns esperamos mais executiva, e prompta, e assim: O' homem, a quem aggravei vivendo, attende, e ouve a minha Alma, que desde o Purgatorio se lança a teus pés, e coberta de fogo e lagrimas confessa o aggravo, que te fez, com a maior amargura se arrepende d'elle, e te pede pelo Sangue de Jesus Christo que lhe perdôes.

*

Considera que nunca a tua vingança chegaria á que já Deus está tomando de mim: *Mea est ultio, et ego retribuam.* Se tu te darias por satisfeito com me tirar a vida, já Deus m'a tirou, e pois a ti t'a conserva, agradece-lhe esse bem, que te dá, com me dar o perdão, que te peço. Baste isto, não só para moderar tua queixa, mas para a trocar em compaixão. Se em um desafio eu cahira ferido, me darias a mão, me levantarias e te despojarias de qualquer adorno, para com elle me apertar as feridas. Teu mesmo sangue te obrigaria a estancar o que visses correr de mim, e isto sendo eu teu contrario, e inimigo: pois se agora já o não sou, se Deus tomou a pendencia por sua, se está vingando a tua causa, se me vês cahido, se tão penetrado de feridas, eia, levanta-me com suspiros, que despeças a Deus por mim. Priva-te de alguma cousa, e soccorre a um pobre, com cuja esmola me enxugues o sangue e lagrimas que estou vertendo. Oh que acção será tão bem vista de Deus e dos homens tudo o que fizeres pelas Almas dos que foram teus inimigos! Se eu te fiz offensas, tu as fizeste a Deus; se tu por Deus me perdôas, e assim o mostras soccorrendo-me, Deus te perdoará as que lhe fizeste, e o mostrará fazendo-te bens. Oh que lastima é, que tua dureza necessite de mais testimunho, que o das promessas, que Christo tem semeadas em seu Evangelho! Mas pois te movem mais os exemplos, recapacita o de Santa Isabel, que pedindo uma vez a Deus fizesse a todos seus inimigos tantos favores, como a ella tinham feito injurias, lhe foi revelado que em sua vida não fizera oração mais agradavel, e que por ella havia alcançado remissão da pena devida a todos seus peccados.

Lembra-te de outro de uma insigne, nobre, e

rica viuva *(apud. Osor.)*, a qual, tendo-lhe morto a seu filho, que era a sua unica consolação, buscou logo ao matador, e não só lhe deu o perdão de tão excessiva offensa, mas tambem dinheiro, e o proprio cavallo do filho morto, para que n'elle fugisse da Justiça, a qual o buscava para lhe tirar a vida em um theatro; e apparecendo-lhe depois o filho cercado de mares de gloriosas luzes, lhe disse que n'aquella acção lhe devia mais, que no sêr que lhe tinha dado: porque por haver perdoado, e favorecido a seu inimigo, o livrára Deus a elle dos muitos annos de Purgatorio, que havia de padecer, voando desde logo a gozar de Deus por uma eternidade, para onde pouco depois o seguiu sua exemplar mãe. Se isto mereceu por dar a seu inimigo um cavallo, quanto mais merecerá quem dér á Alma de seu inimigo um Céo por meio de suas orações e esmolas?

Recapacita o exemplo d'aquelle *(apud Patr. Razi)*, o qual por ter perdoado a quem matou a seu irmão, apparecendo-lhe Christo, lhe disse que em premio d'aquelle perdão havia tirado do Purgatorio, não só a Alma do irmão defuncto, mas tambem a de seu pae, e que á sua convidava para o Céo dentro de oito dias, os quaes acabados, o levou com summa paz e alvoroço seu, e de todos. Considera o que disse o Senhor á sua serva D. Jacintha de Navarra, que era de maior descargo, e satisfação para a Alma o rogar por um perseguidor, que o padecer oito annos de Purgatorio, por grande que seja. E pois é tanto, como lêste n'este Capitulo; que ainda as razões, que parecem haviam de ser allivio, exasperam mais a dôr; enterneça esta paixão a tua compaixão. Se houvera um homem n'esse mundo, que lograsse todos os bens, e lhe faltasse a saude, tendo uma dôr pleuritica,

este só mal bastaria para lhe azedar todos os mais bens; porque nem as riquezas, nem as honras, nem os divertimentos lhe agradariam, preseverando aquella dôr; pois que será padecer todos os males juntos sem algum bem, que os allivie? Porque o da certeza de salvar-se, já tens lido que, ainda que todas as Almas do Purgatorio a tem, comtudo podem deixar de a saber, porque póde Deus occultar-lh'a e faltar-lhes até esse bem, além de que nem ainda o sabel-o as allivia.

Mostra, pois, ser nobre de espirito, exercíta uma fidalga caridade, faze um tiro que soe na terra, e no Céo. Propõe desde logo orar, e merecer muito, e tudo pelas Almas dos que no Mundo foram teus inimigos, e estão no Purgatorio; e para que dês a Deus signal da verdade d'este proposito, começa sem passar d'aqui a rezar-lhes cinco vezes a Oração do Padre Nosso, advertindo que, se primeiro lhes não perdôas, todas as vezes que disseres a clausula de *Perdoai-nos, Senhor, assim como nós perdoamos, etc.*, te lanças uma maldição, pois pedes a Deus que te não perdôe, e que te condemne aos abysmos. *Padre-Nosso, etc.*

CAPITULO IX

Da obrigação dos Herdeiros e Testamenteiros

Até aqui clamarão as Almas com razão, agora com razão, e com justiça, porque já não pedem que lhes dêem, senão que lhes paguem, que satisfaçam os Executores ao nome, pois o nome os executo para dar cumprimento á vontade do Testador; des-

cuido, que nunca os Authores cessam de o aggravar, e nunca o Mundo o começa a emendar.

Traz o Padre Raulino que um homem innocente e candido com umas palavras curava todas as enfermidades. Chamado por um Juiz, para que revelasse as palavras, respondeu com juramento que eram sómente estas: *Assim como é verdade que n'este Bispado não ha Executores, e Testamenteiros fieis, os quaes dêem cumprimento á sua obrigação, assim queira Deus que sares d'este achaque.* E como a todos havia curado com isto, se entendeu que quiz Deus fazer todos aquelles prodigios em testimunho de quam verdadeiro era o seu dito, e pela necessidade de seu remedio.

Ainda que sobre este ponto podia recolher muita erudição, só digo o que deve fazer mais força, que é o mais indubitavel, em que assentam todos os Theologos, que pecca mortalmente o Herdeiro, que não só é negligente em fazer celebrar os suffragios, ou não paga as dividas do defunto, mas ainda quem o dilata sem justa causa; e que se o Herdeiro o não faz, devem os Executores obrigal-o a que o faça, mas que seja por justiça; e se faltam a isto, tambem peccam, porque esta dilação é contra a caridade devida áquellas pobres Almas, e contra a confiança, e officio.

Os que estão obrigados a encarregar Capellanias, ou outros suffragios, ou pagar legados, etc., e culpavelmente o dilatam, não só estão em peccado mortal, mas incapazes de absolvição, emquanto o não fizerem, como os que podendo não restituem. Desengano tambem do que se pratíca, que se dá um anno de tempo para se dar conta, e se entende para o fôro externo, isto é, para que dentro em um anno não possa ser compellido pelo Juiz, porém não se entende para o fôro da consciencia; e assim

deve escutal-o desde logo, se commodamente poder, e se o retarda sem causa, pecca mortalmente.

Os Executores e Testamenteiros, que por fazerem negocio com a fazenda do defunto, pagam seus legados em especie inferior, supponhamos que se ficam com o dinheiro, ou com as melhores alfaias, e pagam as Missas, ou legados com ruim vinho, ou trigo mau, ou com similhantes causas, peccam tambem mortalmente, e contra estes pedirão as Almas justiça, como explica Lyra sobre o Texto do Apocalypse: *Vindica sanguinem nostrum, qui effusus est, etc.* D'onde se segue que não só é peccado o não satisfazer estas obrigações, mas ainda fazel-as de modo, que fica dito, com prejuizo de quem recebe, como o dilatal-o sem causa, e emfim que estes não podem ser absoltos até que o hajam posto por obra.

Tendo dito que é peccado mortal, não se póde accrescentar razão, que mais mova, authoridade que mais intimide, nem exemplo que mais espante: porque nem o mesmo Inferno abalará a quem o horror de um peccado mortal não mova, atemorise, e espante. Sem embargo do que não deixarei de referir o caso, que mais insta contra os Executores, porque ainda que está em muitos livros, não terá chegado á noticia de todos.

Tinha o Demonio já vencido a um moribundo a que não declarasse umas dividas, sem cuja declaração não se podia salvar; triumphante o Demonio com esta victoria estava mui alvoroçado: mas como o Confessor apertadamente exhortasse ao moribundo a obrigação, que tinha, declarou as dividas. Então trocou o Demonio seu prazer em uma desesperada melancolia. Viu um Santo Varão a melancolia d'este Demonio, e que chegando-se a elle outro, o consolava, dizendo-lhe que não se affligisse d'isso: por-

que mais iam a ganhar, que a perder, pois pela Alma do moribundo, que perdiam, iam a ganhar nove, ou dez Almas dos Testamenteiros, que deixava; em fé de que, ainda que elle declarava essas dividas, elles não as pagariam, e com isso levariam suas Almas.

Não ha muito tempo que em Sicilia succedeu o seguinte caso, que refere o Veneravel Padre Lumbier Carmelita: (*Tom. de Fragment.*) Morreu (diz) um grande Senhor, e na noite seguinte se ouviram espantosos estrondos em sua casa; ficando outra noite um Capuchinho no mesmo aposento do defunto, e ouvindo os mesmos estrondos, viu entrar por elle um vulto mui formidavel, e conjurando-o da parte de Deus, para que dissesse quem era e o que buscava, respondeu com uma voz mui aspera, e severa: *O que vem depois de mim vol-o dirá*, e sahindo d'aquelle aposento, e entrando em outro, se subverteu com muito estrondo. Entrou logo outro de horrivel fereza com o mesmo estrondo, e conjurando-o como ao primeiro, respondeu o mesmo: *O que vem depois de mim vol-o dirá*. E sahindo pelo mesmo posto, se profundou com arrebatada furia. Entrou logo outro não menos horrendo, e conjurando-o, respondeu: *Eu sou o que morri n'essa casa ante-hontem; os dois primeiros são meu pae e meu avô, e elles e eu estamos raivando do Inferno: porque possuimos este estado sem nos pertencer, porque tocava a fulana, a qual é uma pobre mulher que mora em tal casa, e em tal rua, e assim dizei a minha esposa que lhe restitua se não quer vir a parar ella, filhos, e successores no lamentavel, e infeliz estado, em que nos vêmos.* Assim o fez, casando um filho seu com uma filha da referida mulher, executando o que não fizeram os ditos tres condemnados.

Por ser já bem vulgar, não reconto a escada, que se viu no Inferno, aonde estavam sete Condes, um em cada degrau, postos conforme a graduação em que succederam, porque assim como uns herdavam as obrigações das dividas, que deixavam seus antecessores, herdavam tambem o costume de não as pagar n'este Mundo, com que as pagavam todos mais custosa, e irremediavelmente no outro.

Cuidam alguns que se justificam, annullando a clausula obrigatoria do Testamento, pondo demanda, ou por falta de solemnidade, ou de alguma circumstancia, pela qual mereça annullar-se; e supondo que essas faltas, quando consta da vontade do Testador, e o legado é pio, não a invalidam (como se póde vêr nos Authores), digo que ainda sem isto, o aggravo, que se faz á Alma do Testador, e a dilacção, que traz o litigio, bastava para que se evitasse: pois sobre a pena, que envolve só o esperar, se accrescenta a do sitio, em que se espera, que é dentro em um fogo tão insoffrivel. Por isto agonisando o Apostolico Mestre Avila, perguntando-lhe o que queria que fizessem por sua Alma em morrendo, disse: *Missas, e logo.* Oh de quanto mal se livra n'este e no outro Mundo quem não fia de mão alheia estas obrigações, e as executa por si mesmo, maiormente em tempos, em que tanto predomina a avareza! E emfim se vós nos satisfazeis esta obrigação, que é vossa, por vos não desapegardes do dinheiro, como esperaes que o Herdeiro se desapegue d'elle para dar cumprimento a essa obrigação, que elle não contrahiu, e a olha como alheia?

E contra o abuso, que ha de litigar n'esta materia, veja-se a apparição, que trago no Cap. 6.º, pag. 43 e declarem-se as cousas de modo, que se evitem demandas, não succeda á Alma do defunto o que aconteceu ao corpo de Alexandre, o qual es-

teve (quem crerá tal?) trinta dias sobre a terra sem ser sepultado, por haver testado que sua Monarchia se dividisse entre seus Capitães; e da divisão de fazenda nasceu a divisão de vontades, e d'esta divisão de vontades o esquecimento e despreso de seu magnifico cadaver.

Temos pois os que litigando, ou tardando, ou por omissão, ou commissão directa, ou indirectamente prejudicam ao defunto; porque como padece indefenso, toma a Justiça de Deus a causa por sua; e para que não luzam com a herança, permitte que em quatro dias lhes desvaneça como fumo, passando depois com tal miseria n'esta vida, e com infinitamente maior na outra.

Ouçamos os Gritos, que ás Almas faz levantar esta injustiça.

GRITOS DAS ALMAS

Ah filho sem igual na crueldade! Ah! ia a chamar-vos Nero, mas ainda sois mais tyranno! Nero estava tocando uma viola emquanto Roma estava ardendo, vós recreando-vos, e rindo emquanto está ardendo a Alma de vosso pae, a qual vale mais que Roma, e que todo o Mundo. Oxalá aprendereis piedade da mesma, que deu o sêr á impiedade d'este Imperador, pois prognosticando a sua mãe que o meio d'elle reinar era morrer ella, não duvidou a mãe perder a vida, porque o filho reinasse. Ai de mim! que dizendo-vos que não posso reinar no Céo emquanto não pagardes por mim essa divida, respondeis com a obra: *Mas que meu pae não reine com Deus, se me ha de custar dous vintens; mas que arda sua Alma até o fim do Mundo, como eu me não desaproprie de dezeseis reis.* Oh

ceguеira e desaccordo digno de todo o pranto! uma mulher gentia, e mãe da mesma impiedade, dá a vida porque seu filho reine na terra, e vó não dareis alguma parte do muito, que vos deixei, para que eu reine na Gloria? Que respondeis a isto? *Eu o farei. Tempo tem.* Já tendes lido que d'estas dilações se retorce o cordel, e garrote, que mais apertadamente nos afoga.

Se vos disseram que um vosso carro, ou coche encalhára no meio de um rio, e que as mulas estavam em manifesto perigo, não mandareis logo gente, que as tirasse? Responderieis: *Assim se fará? Tempo tem?* Porieis o estorvo de alguma demanda a quem as fosse soccorrer? Não. Pois como, sabendo que me estou aqui afogando em lagos de fogo, e agua, e que o modo de me tirar é desafogar minha consciencia, dando cumprimento ás verbas de meu testamento, pondes o estorvo da demanda contra quem as requer? Como não achaes hora para começar a pagar essa restituição, que vos encarreguei, nem para encommendar, ou satisfazer essas Missas? Como aos que vos apertam, e ao estimulo de vossa consciencia respondeis: *Logo se fará? Tempo tem?* Para remediar aquelle damno tanta pressa, e para este tanta dilação? Qual póde ser a causa? Não podeis responder se não que de dilatar aquillo perigavam as vidas de vossas mulas, e de dilatar isto não perigam mais que as Almas de vossos paes. Não duvideis que esta vileza é a que respondeis, quando não com a palavra, com a obra, á qual se dá mais credito, que á lingua, e a quem isto diz, seu mesmo dito seja a mais injuriosa réplica. Ah desgraçado de mim, que ajuntei fazenda, para que esta me atormente, e para que logre quem comigo é tão ingrato! Que com tanta ancia procurei adquirir o que havia de ser

pasto de sua vaidade, e torcedor da minha garganta! Oh como é certo que não se abrem os olhos até que os chega a fechar a morte! Cuidei que amontoava bens para mim, e os amontoei contra mim.

De que serve a fazenda agora, se não de instrumento, com que o cruel Herdeiro trate de luzir, e com que a mim me abraze? Bem nos comparou um Discreto ao bruto de carga, que accarreta moeda, o qual tanto que é noite perde a carga, e aquelle dinheiro que a outros serve de prazer, e de proveito, ao bruto não lhe deu mais que o suor, e oppressão de o trazer. Com justa razão padeço o proprio, pois executei o mesmo. No dia d'essa vida me empreguei em acarretar moeda, perdi-a na noite da morte, e acho que esse dinheiro, que a outros serve de prazer, a mim sómente me rendeu o suor, e ancia de o grangear, o pêso, e carga de o guardar, e agora as insupportaveis penas de um Purgatorio como este. Oh que loucura!

Ninguem é tão nescio, que sabendo muito antes que lhe hão de confiscar os bens, não os esconda, para os livrar das mãos da Justiça; eu sabendo emquanto vivia que m'os havia de confiscar a morte, não occultei no seio de algum pobre parte d'elles, para assim os ter seguros, e livres da injustiça do Herdeiro, e dos Testamenteiros, com que agora que acordei do somno, em que vivi, me acho como todos os mais sem cousa alguma: *Dormierunt somnum suum, et nihil invenerunt in manibus suis omnes viri divitiarum*. E assim para que não se vá ateando este tão universal contagio, ouvi e estimae o seguinte aviso:

Homens mortaes, todos os que agora viveis, e já precisamente haveis de morrer, as Almas do Purgatorio, que por santas não vos podem enganar, e

por experimentadas as haveis de crêr, vos aconselham que não deixeis por Testamenteiro ao que é maior amigo vosso se não ao que fôr maior amigo de Deus; não ao que tem mais lei comvosco, se não ao que mais preza a Lei de Deus; e a razão é: porque ao vosso maior amigo, em vós faltando, faltará a amizade, porque faltará o motivo d'ella; mas como Deus é immortal, nunca póde faltar, nunca vos poderá faltar o que fôr mais amigo de Deus, e quando não por desencarregar vossa Alma, dará cumprimento por não encarregar a sua; e já que nós não podemos enternecer a cubiçosa obstinação dos nossos, ajudai-nos vós, ó pio Leitor, com um Padre Nosso, e uma Ave Maria, não só para satisfazer por tanto como padecemos, se não para que Deus abra os olhos a tantos como ha culpados n'esta materia. *Padre-Nosso, e Avè-Maria.*

CAPITULO X

Do proveito da devoção das Almas

Excede esta devoção a outras, a qual canonisa litteralmente o Espirito Santo em muitas partes da Escriptura, especialmente Machab. 2, cap. 12. *Santa ergo, et salubris est cogitatio pro defunctis exorare, ut a peccatis solvantur.* Aonde dá esta devoção todas as bondades possiveis: porque se estas se reduzem (como diz o Philosopho) a tres, a honesta, util, e deleitavel, a bondade honesta qualifica-o *Santa*, e a util e deleitavel qualifica-o *Salubris*. Vamos provando tudo por suas partes.

A bondade honesta facilmente se deixa vêr, por ser esta uma virtude, que encerra em si todas as

virtudes; pois no sentir de Santo Epiphanio se exercita a Fé, porque obrando pelas Almas, crêmos que ainda vivem aquelles, que vimos que morreram, e que não acabaram os que vimos acabar. Exercita-se conforme o mesmo, a Esperança, porque esperamos alcançar de Deus o que para os defuntos pedimos. E segundo o Damasceno, heroicamente se exercita a Caridade com excesso de qualquer outra obra, porque fazemos bem a quem não vêmos; e o amor, que se mostra n'esta obra, é mais fórte que a morte, pois não bastou esta para o extinguir, e se estende muito além de seus limites. E emfim, se a esmola, que faço a um inimigo de Deus, me adquire tanto merecimento de graça e gloria, quanto mais valerá esta, que exercíto em uma alma do Purgatorio, a qual é tão amiga de Deus, que não póde deixar de o ser, que está confirmada em graça, e que não póde deixar de ser bemaventurada?

Por não contravir a brevidade, que procuro, não passo a mostrar como em qualquer obra boa, que se faz pelas Almas, se exercita o resto de todas as mais virtudes, como tambem todas as Obras de Misericordia, e em grau mui heroico. Agora basta dizer que *(apud Anton. de Nativit.)* é um exercicio de consummada perfeição, de grande proveito aos vivos, de summa utilidade aos defuntos, e do total agrado de Deus. E conforme *Vicencio Belvacense*, é um atalho sem trabalho para salvação: porque levanta aos que cahiram, preserva aos constantes, para que não caiam, e os fortalece com uma firmeza e perseverança insuperavel.

Passo agora a confirmar o referido com a authoridade de Christo, com a de Maria Santissima, com a dos Santos, e com as dos mesmos Demonios.

Omitto a authoridade tão frequente de Santo

Agostinho, na qual diz que a terceira vez que Christo orou no Horto, e foi quando soou sangue, rogou ao Eterno Pae pelas Almas do Purgatorio; e vou ao que Christo disse, apparecendo a um religioso Capucho *(apud Carabant. Tom. 2.º lec. 6.ª)* que é o seguinte: *Quanto fizeres pelas Almas do Purgatorio, eu o acceitarei com tanto gosto como se eu mesmo estivera n'aquellas penas e tu me tirasses d'ellas.* A veneravel Madre Francisca do Sacramento Carmelita perguntando a Christo: *Senhor, até quando hei de viver?* Respondeu-lhe: *Por agora convém que vivas para allivio de minhas amigas as Almas do Purgatorio.* E em outras muitas apparições lhe assegurou o muito que lhe agradava quanto por ellas fazia e padecia.

Outro dia lhe appareceu Maria Santissima, acompanhada de innumeraveis Santas pela ordem e estylo de uma mui comprida Procissão, trazendo a seu lado Santa Thereza, e depois de a favorecer esta soberana Senhora com ineffaveis caricias, lhe recommendou que levasse adiante a devoção das Almas pelo muito que com ella agradava a seu Filho, e que por isto soffresse a molestia e susto, que lhe causavam quando lhe appareciam.

Apparecendo-lhe um dia o seu Anjo Custodio com outro Anjo, depois de a consolarem em uma grande pena, que muito a affligia, ouviu que o outro Anjo disse ao Anjo Custodio: *Vamo-nos d'aqui, não estorvemos uma tão boa obra.* E reparando a serva de Deus porque o poderia dizer, a desenganou o successo, porque no ponto que os Anjos sahiram, entraram de repente exercitos de Almas, que estavam na porta da sua cella, para lhe pedirem soccorro, ao modo que na ante-sala de um válido estão os pretendentes esperando audiencia.

Seria nunca acabar começar a referir aqui os

Santos que lhe appareciam para a confortarem n'esta devoção, assegurando-lhe o muito que contentava a Deus; Santa Anna lhe disse que era esta uma das mercês, não só grandes, senão particulares, que Deus lhe fazia, e que a poucos havia concedido a graça de tão repetidas visitas das Almas com a felicidade de as vêr depois subir a tomar a ditosa pósse do Céo.

Abonam esta devoção os demonios pela perseguição, que por ella fizeram á mesma fiel Esposa de Christo, a qual foi tanta como contínua: Muitas vezes a tiravam da pobre cama, arrastavam-n'a pela cella, enchiam-n'a de crueis pancadas, e d'este modo lhe faziam passar as noites do inverno, deixando-a assignalada das feridas, e traspassada da geada; e isto costumava padecer alguma vez em defensa do Escapulario, que lhe pretendiam tirar. Uma noite lh'o tiraram, depois de lutar tres horas pelo defender, achando-o depois pela manhã detraz de um banco. As mais vezes lhe levavam, e escondiam o Rosario, com que resava pelas Almas (e a quem ellas chamavam *Nosso Esmoler)*, e depois o encontrava pendurado no tecto.

Em uma d'estas occasiões (diz ella mesma) *me tomaram estes malditos em pêso, e me bamboleavam como a um sino; e como isto foi no alto da escada, cuidei que me haviam de deitar por alli abaixo, e fazer-me em pedaços;* o que em outras occasiões executaram, posto que sem lesão, porque Deus a conservou milagrosamente. Outras noites lhe enchiam a cama de sapos, cobras e outros bichos mais ferozes e nocivos. Quando se açoutava, as mais das vezes lhe tiravam da mão as disciplinas, outras lhe detinham o braço, outras, arrebatando-lh'as, lh'as deitavam em um poço, dizendo que a haviam de perseguir até acabarem com ella.

Outra vez, apparecendo-lhe o Demonio em fórma de um galhardo mancebo, lhe disse que peccava contra a Caridade em quebrantar seu corpo com aquellas tão crueis disciplinas, que alli lhe trazia outras mais brandas, e dava-lhe umas de linhas mui macias: mas tanto que o conheceu logo o mandou para o Inferno. Eu não estranho que aqui o conhecesse, tendo-o desconhecido em outras occasiões, porque n'esta a dissuadia ao rigor da penitencia. E quem dissuade a mortificação a um espirito tentado, ou é Demonio, ou é ministro seu, que o imita nas obras e nas palavras.

Passando já quasi toda a noite por um corredor do Convento, encontrou tres demonios, um em figura de um horrivel touro, outro de um negro rafeiro, e outro de um feroz milhafre, e vomitando todos chammas de fogo e nuvens de fumo, lhe disseram: *Havemos de fazer-te quanto mal pudermos.* Ao que ella respondeu mui socegada: *Fazei tudo o que tiverdes licença de Deus, porque com seu favor não duvido que vos hei de vencer.* Em outra occasião a ameaçou o Demonio, dizendo: *Hei de vingar em ti o que as Freiras fizeram commigo n'aquelle Entrudo.* Isto foi, que queimaram uma sua figura de palha, como se usa em algumas terras, e é affronta, que por sua soberba muito sente.

Estando na cella de uma doente, a quem já ajudavam a bem morrer, viu infinitos demonios em diversas figuras, uns como cabritos, outros como leitões, outros como aves nocturnas mui feias, e outros como ratos mui disformes. Viu que respirando fogo cercavam a cama da enferma, tão espessos como o fumo, e em tanto, que até o Manual de quem resava o Officio da Agonia estava coberto de demonios. Emfim nem a elle, nem a ella podia vêr, impedindo-lh'o esta densa nuvem de espiritos infernaes, até que se desviaram a uma parte, entrando alli

a Prioreza, e os Confessores, e n'aquelle intérim morreu com grande paz a Religiosa: porém esta infernal canalha irritada de que a Veneravel Madre Francisca com suas orações lhes tivesse tirado das garras aquella Alma, que queriam perverter, foram todos (sendo tantos, como está dito) á sua cella, e confederados em commum, e em particular, a perseguiram aquella noite, tomando cada um áspera vingança em sua paciencia.

Appareceu-lhe outra vez o Demonio em usurpada figura de Christo com a Cruz ás costas antes que tivesse visões d'este genero, comtudo lhe disse estas razões cheias de fé, e humildade: *A Christo adorarei, sem detença no Santissimo Sacramento, porque sendo eu tão má, não mereço vêr em outra forma.* Do que o Demonio fugiu cheio de confusão, e ella ficou com a claridade do desengano; porque o pessimo cheiro, que deixou, disse quem era.

Uma noite estando entregue ao somno, lhe pegou o Demonio tão fortemente os olhos com cêra, que não os podendo abrir, padeceu depois o remedio, e damno de lhe tirarem aquelle impedimento com as pontas de uma thesoura. Rezando em outra occasião á Imagem do Salvador, que estava em um Altar no locutorio, de repente a pozeram os demonios sobre elle, dizendo-lhe, ora seriamente para a desvanecerem, ora com zombaria para a exasperarem: *A Santa ha de estar com os Santos.* Vendo-se sobre o Altar, entre o espanto e riso que lhe causou, não sabia o que fizesse, até que lhe appareceu um bellissimo Menino, e lhe disse: *Olha o que estes te fizeram, eu te ajudarei, pois como não te poderam colher lá, te perseguem aqui.*

Não é ainda tão extremosa a perseguição, que machinam contra esta virtude de sua tolerancia, como a que armaram contra a de sua pureza; aqui

foi aonde apuraram suas forças, e a Serva de Deus sua constancia. Em uma de suas relações diz o seguinte: *Uma noite recolhendo-me depois de Matinas á minha cella, ao recostar-me achei na cama dous demonios em figuras de homem, e mulher. Eu me vi tal, que não sabia o que fizesse, até que veio a Madre Catharina de Christo (a quem Deus deu a entender a suspensão em que me achava), e me disse: que faz, irmã Francisca, porque não lança agua benta na cama, e se recolhe n'ella? Fiz o que me mandou, logo desappareceram, e me recostei.*

Dando conta de tão porfiadas perseguições ao Veneravel Padre Frei Jeronymo Gracian Carmelita (cuja vida imprimi no anno de 1860), como tão grande Mestre de espirito, mandou que a Prioreza a levasse para a sua cella, aonde dormisse, e que a varressem bem. A primeira cautella, porque os demonios não se atrevem a chegar aonde estão os Prelados pela representação Divina, que tem. A segunda, que varrer a cella, porque como são espiritos immundos, fogem da limpeza, e acodem aos postos mais impuros. Fez uma e outra cousa, e experimentou o effeito.

Deixo o diluvio de outras muitas ciladas, que se podem vêr em sua historia, e as varias revelações, em que a Magestade Divina, Santa Thereza, e outros Santos lhe disseram que todas estas perseguições armava Satanaz em odio de sua fervorosa devoção para com as Almas, como ella tambem o confessa nas suas relações, dizendo: *Procuro com todo o cuidado fazer pelas Almas tudo o que posso (que é bem pouco para o que eu desejo soccorrel-as), e por isso os demonios me perseguem.* E tiro só a consequencia de quão grata é a Deus esta devoção, por ser tão odiosa e intoleravel aos infernaes espiritos.

GRITOS DAS ALMAS

Mortaes redimidos com o incomparavel Sangue de Jesus Christo, que darieis por poder redimir aquelle amoroso Senhor, que vos redimiu? Todos direis que darieis quanto tendes, e quanto sois, pois agora se verá se esta promessa é verdade. Já tendes lido n'este Capitulo, que Christo disse a um servo seu que quanto fazeis e padeceis por nos redimir d'estas penas, o estima e acceita, como se a sua Divina Magestade resgatasseis d'ellas; e se por ser este uma só testimunha, não conclue, segunda testimunha, muitas vezes qualificada pela Igreja, o contesta, a saber, Santa Gertrudes, em cujas obras vereis que Sua Magestade lhe diz o mesmo. Pois valha-me aqui a razão, se vos achaes em Jerusalem, vivendo Christo, não o tirarieis do carcere, em que os Judeus o metteram? Não o soltarieis d'aquellas asperas cadeias, com que lhe prenderam as mãos, e lhe desataram as veias? Não o allieviarieis d'aquelle pesado madeiro, que o encurvava? E emfim não vos terieis por mui ditosos em ter achado occasião de redimir a Christo d'aquellas penas, e de que ficasse devendo sua liberdade á vossa diligencia? Pois se igualmente paga quem paga ao credor, como a quem tem sua procuração, e nós a temos de Christo para receber e cobrar, como elle mesmo affirma, porque não exercitaes agora em nós por Christo o que dizieis que então farieis por elle? E se agora o não executaes, como ha de crêr que então a farieis? Isto não é, ou querer enganar-vos, ou enganal-o?

Abri pois os olhos, e ponde-os n'este tão precioso fructo, como começado com as tres virtudes, que entre as perfeitas são as mais perfeitas, tão se-

guro, como qualificado, e persuadido por Christo, por sua Mãe, pelos Anjos, pelos Santos, pelas experiencias, e sómente aborrecido, e dissuadido dos espiritos infernaes. Emprehendei mui devéras esta devoção, quando não por ser tão approvada de Deus, por ser tão reprovada do Demonio. Fazei este pezar a quem vos faz, e deseja tantos. Nenhuma vingança póde lisongear mais a vossa iracunda propensão, que esta, não só por licita, e por meritoria, senão porque a executaes contra o maior inimigo, que tendes. Qualquer outro contrario vos tem um odio capaz de se moderar, ou com o tempo, ou com a satisfação; mas o d'este inimigo é incapaz de se diminuir, pois cada dia se augmenta, e obstina mais contra vós. Qualquer outro sómente se arma para dar fim á vida, que o ha de ter: porém este maquína dar-vos uma morte sem fim, para que vos percaes por uma eternidade. Pois a vingar-vos d'este inimigo, a vingar-vos d'elle, e pois sabeis que esta devoção é arma, que mais o inquieta, mãos a ella, e desde logo deliberai-vos a ser nossos devotos; pois com isto a um mesmo tempo ajuntaes em bella união corresponder a Christo, agradar a Deus, obedecer a sua mãe, imitar aos Santos, alegrar aos Anjos, enriquecer as vossas Almas, alliviar as nossas, povoar o Céo e confundir o Inferno. E por quanto, diz S. Thomaz, que do que o Demonio recebe maior pezar, é da Contrição, em vingança d'elle, e satisfação nossa (visto que todas as obras meritorias são satisfactorias), direis agora, e decorareis depois para o recitar sempre a Christo Crucificado o seguinte soneto, da qual se póde dizer com verdade o que de outras orações se diz com superstição, que quem o disser muito de coração, e devéras contrito, não lhe succederá má morte: porque o que n'elle se contém, é o extracto da Cari-

dade mais pura e generosa, que se póde dedicar a Deus. E assim imprimi-o na memoria, para o repetir muitas vezes com a vontade, assegurando-vos que não podeis ter devoção mais util á vossa Alma, frequentando-a com a disposição devida, nem mais agradavel ao Altissimo.

O MELHOR DOS SONETOS

AO MELHOR DOS ASSUMPTOS, PELO MELHOR DOS AUTHORES

S. FRANCISCO XAVIER

Não me move, Senhor, para querer-vos,
A Gloria, que me tendes promettido.
Nem me move o Inferno tão temido,
Para deixar por isso de offender-vos.

Moveis-me vós, Senhor, move-me o vêr-vos
Pregado n'essa Cruz, e escarnecido;
Move-me o vosso corpo tão ferido,
E essa morte, que vejo padecer-vos.

Minha Alma em vos amar tanto se esmera,
Que ainda a faltar Céo, eu vos amára,
E, não havendo Inferno, vos temera.

Nada por vos amar de vós espera,
Pois se o espero em vós, não esperára,
O mesmo que vos quero vos quizera.

CAPITULO V

Dos bens deleitaveis que grangeia esta devoção

Temos chegado já ao ultimo e maior tiro de rebater nossa rebeldia, que são os bens deleitaveis, que traz esta devoção, inclusos no *Salubris* do citado texto, em que se comprehendem todos os bens temporaes, e de que a nossa natureza não só se deixa mover senão arrastar: porque apezar da Fé e Esperança, que professa, antepõe o que está vendo ao que está crendo, e o que gosa ao que espera.

Assento pois, que para conseguir o que se pretende, costuma ser mais poderosa a intercessão de uma Alma do Purgatorio, que a do maior Santo do Céo. Esta conclusão parecerá estranha e nova, e com razão: porque como ha de poder mais com Deus uma Alma, que está padecendo, que a de um Santo, que o está gosando? Como com um Senhor tão justo ha de poder mais um delinquente, a quem tem na cadeia, que um amigo, a quem tem a par de si, e á sua meza? Comtudo ficará clara sua verdade com authoridades, com razões, e com exemplos.

Seja a primeira authoridade da Veneravel Madre Anna de S. Bartholomeu, a qual quatorze annos bebeu o espirito a Santa Thereza, sendo sua fiel companheira, em cuja Historia se lê que para qualquer cousa, que com particular affecto desejava, recorria ás Almas do Purgatorio, fazendo concerto com ellas, que se lh'a alcançavam de Deus, lhes mandaria dizer tantas Missas, ou tomaria tantas disciplinas, ou cilicios, ou jejuns, etc. E pro-

testa que este concerto lhe sahiu sempre tanto á medida de seu desejo, que muitas vezes conseguia cousas desesperadas e impossiveis de se alcançarem.

Porém porque esta testemunha não prova expressamente a vantagem comparativa da intercessão das Almas á dos Santos, para conseguir por ellas o que por elles não se alcança, receba o Leitor outra mais qualificada testemunha. Santa Catharina de Bolonha (em cuja Cidade se conserva seu corpo incorrupto ha mais de duzentos annos, e se venera sentado em uma cadeira, como se estivera vivo) diz que não poucas vezes lhe succedeu pedir a Deus por intercessão dos Bemaventurados algumas cousas, e não as conseguir; e recorrer, como por apellação, ás bemditas Almas, e alcançar logo tudo na mesma fórma, em que o desejava, e o pedira. Não faz pouca fé este testemunho, por ser de uma Santa, e que falla como experimentada, e que o aconselha, não só como remedio provado, mas revelado por Christo, como se póde vêr na Historia.

A razão, em que fundo o referido, é esta. A Deus havemos de attribuir aquillo, de que resulta mais, e maior bem; de conceder sua Divina Magestade um beneficio pela intercessão de algum Santo resulta sómente o bem d'aquelle que recebe o beneficio, e não do Santo: mas de o conceder por intercessão de uma Alma do Purgatorio resulta o bem de quem o recebe, o bem da Alma que intercede, porque intercede pela obra espiritual, com que a subornou, e o bem do mesmo Céo, que ganha n'ella mais um Cidadão, o que não se logra, quando é já Bemaventurado aquelle que o péde e alcança.

Confirma-se esta razão com uma experiencia da terra. Muitas vezes faz um Principe por um criado

o que negou a pessoas de maior dignidade, e isto é porque o criado lhe representa que de fazer aquillo pelo seu encommendado lhe resulta indirectamente alguma conveniencia ao intercessor, e o Senhor por favorecer ao criado faz ao outro o beneficio. Logo, ainda que os Santos do Céo sejam de maior dignidade, e gerarchia, e lhes tenha negado o que pretendo, posso esperar que o conceda pelas Almas, porque estas lhe representam que a minha consecução é conveniencia d'ellas, cuja allegação não podem representar aos Santos; e como por esta via favorece mais, e a mais, fará por aqui os favores, que negou pela via d'est'outros meios, posto que superiores.

Digo posto que superiores, não geralmente, ainda que póde dar-se que haja no Purgatorio Almas mais Santas, que muitas que estão no Céo: porque se a santidade se toma do augmento de graça, e este nasce do augmento das virtudes, muitas Almas estão no Purgatorio com mais augmento de graça, e de virtudes, que infinitas, que estão no Céo: porque quem duvída que, se um S. Francisco houvera entrado no Purgatorio, emquanto n'elle estivesse não seria mais Santo, que milhares de Bemaventurados, que estivessem no Céo, como os que morreram pouco depois de baptisados, e outros justos particulares, os quaes a mui pouco custo se salvaram? E assim se póde dar que estejam no Purgatorio algumas Almas, e tenham mais virtudes, e merecimentos, que muitas que estão no Céo, e que por conseguinte sejam mais agradaveis a Deus.

Emfim, desejando Deus tanto este soccorro das Almas, que muito é que para alentar os Fieis a procural-o, a ellas conceda privilegio, dando-lhes este valimento com o mesmo Senhor, para dispender tudo o que pretendem. Cada dia os Reis da

terra concedem a alguma Communidade mercês de Cavalleiratos, ou de perdão de alguma vida, etc., não para que a Communidade goze d'ellas, porque não póde, senão para que as applique aos pretendentes, e logre a utilidade do que por isso lhe derem. Assim Deus concede ás Almas similhantes privilegios de perdoar, ou alargar as vidas aos homens, de que vençam demandas, de que consigam rendas, de que alcancem outros bens de honesto agrado; o que tudo, como o não podem gozar as Almas, se lhes dá, para que administrando ellas estas mercês, se aproveitem do que lhes valerem, e dos suffragios, que lhes offerecerem os que as pretendem.

Render-me a tão humano discurso é por vêr isto praticado dos Santos, pois, como fica dito, muitos fizeram concerto com as Almas o tanto e quanto, que lhe haviam de dar de obras penaes, se lhes alcançavam de Deus o que desejavam, e Deus aperfeiçoou o contracto, correspondendo a elle executivamente. Passo agora a confirmar a conclusão com exemplos, cujo numero é tanto, que sua multidão embaraça a escolha: porém porque entre os bens deleitados o maior é o da vida, mostrará a efficacia d'este patrocinio em livrar da morte, e assistir n'ella, e depois d'ella.

Para o primeiro não mais longe, que no anno de mil e seis centos e vinte succedeu *(Apud Nicium exempl. 3.)* que um homem mui entregue a vicios, porém mui devoto das Almas, ia uma noite só, e a cavallo, junto á Cidade de Tiuli fugindo de alguns inimigos, os quaes o espiavam para o matarem; porém como não fugiu d'elles a noticia de que fugia d'elles, o souberam, e o esperaram no caminho quatro, escondidos detraz de um vallado. Já ia para passar por onde elles estavam, quando

tropeçou em uma azinheira, e isto foi o menos; topou com os quartos de um justiçado, que estavam pendurados n'ella. Não lhe impediu o susto o resar pela Alma d'aquelle miseravel defunto, como costumava, e n'isto viu o que só de o ouvir estremece a imaginação; n'isto viu que aquelles quartos do justiçado, os quaes estavam divididos, começaram a menear-se, e a buscarem-se reciprocamente uns aos outros; viu que as pernas se uniam com as cadeiras, as cadeiras com o corpo, e o corpo com a cabeça, e organisando-se um corpo inteiro, viu que se punha em pé, e que chegando-se a elle lhe tomou a redea do cavallo, e lhe disse: *Apeia-te, e espera-me.* Alli o deteve immovel o assombro mais que o preceito. Montou aquelle cadaver no seu cavallo, e a poucos passos que deu, os quatro inimigos, cuidando que era o que esperavam, lhe dispararam quatro arcabuzes, e atravessado das balas cahiu no chão e o deixaram por morto de todo. Fugiram, e levantando-se então, trouxe o cavallo á dextra até onde estava seu dono, dizendo-lhe como aquella emboscada o esperava a elle, aos tiros da qual houvera de ficar morto no corpo, e na Alma, se elle o não substituira em seu logar; que d'alli em diante melhorasse seus costumes, e proseguisse em ser bemfeitor das Almas do Purgatorio. E dito isto, começaram os quartos do cadaver a dividir-se como antes, e a recobrar cada um o posto da azinheira, que occupava, e o passageiro a continuar seu caminho, e mudar de vida, apertando-a em uma Recoleta, aonde acabou santamente, ganhando aquelle que, se não fôra por esta devoção das Almas, acabaria eternamente perdido.

Levante agora o leitor a ponderação, considerando-se a Alma d'este, que foi um assassino, é tão agradecida, a quem lhe resaria tão pouco, quanto

mais o serão aquellas Almas do Purgatorio, das quaes antes diziamos que podem ser mais santas, que outras que já se acham no Céo? necessariamente hão de ter mais influxo para com Deus, que é a fonte de todos os bens, e de todos os beneficios e graças.

Não é menos estupendo o successo, que refere o veneravel Gracian Carmelita, de um Fidalgo, o qual tinha devoção, todas as vezes que passava por alguma Igreja, de resar um Padre-Nosso e uma Avè-Maria, pelos defuntos que n'ella estavam, e como tivesse muitos inimigos, e em varias occasiões o buscassem para lhe tirar a vida, nunca poderam; porque quando ia só o viam acompanhado de muitos esquadrões de gente armada, a qual lhe servia de alentada escolta, com que já mais se atreveram, nem ainda a intentar seu damno, conhecendo que militava o Purgatorio na defesa da sua vida.

Por menos alcançou mais outro devoto das Almas, o qual só resava um Padre-Nosso todas as vezes que passava por algum adro. Indo só, e sem armas, o investiram em uma rua *(apud Cantimprato)* tantos inimigos, que se viu obrigado a fugir, e elles a seguil-o; assim como elle ia correndo, ao cruzar por um cemiterio se lembrou da devoção; porém como seus contrarios lhe iam no alcance, e por pouco chegariam a elle, temeu que, se se detinha a resar, o acabariam alli; n'esta anciosa lucta elegeu parar-se a rezar o Padre-Nosso que costumava; os inimigos, que o viram parado, julgaram que o medo o havia esmorecido, e cuidando que já o tinham nas mãos, quando lhe quizeram chegar, viram que em um instante todo o adro se povoou de exercitos militares, os quaes o rodeavam, cercando-o como impenetraveis muros; com o que intimados e attonitos fugiram, tendo-se por ditosos

de que tantas armas, como viram em defesa do outro, não se tivessem voltado em offensa d'elles. E averiguando depois que isto foi obra das Almas, arrependidos se reconciliaram com elle, e se affervoraram elles, e quantos o souberam n'esta devoção.

Não é de tanto preço o patrocinio na vida, como o que exercitam na morte, e ainda que podéra referir os muitos, a quem soccorreram, e cada dia visivelmente soccorrem n'este transe, contarei só o caso, que traz a Chronica Cisterciense. Havia, diz, nas partes de Bretanha um homem, que todas as vezes que passava por alguma Igreja, resava alguma cousa pelos defuntos que alli estavam enterrados: deu-lhe um accidente tão repentino, que á meia noite obrigou a levar-lhe o Sagrado Viatico; ao voltar o Parocho com elle para a Igreja, achou as portas abertas de par em par, tendo-as deixado fechadas: quiz entrar, e por mais que o procurou, não pôde dar um passo além do assombro que o fez pasmar, e ouvindo uma voz, que disse: *Levantae-vos todos os que occupaes estas sepulturas, e vamos encommendar a Deus o nosso devoto, que está para morrer.* Viu que no mesmo ponto se levantaram todos os defuntos, e com cirios accêsos nas mãos lhe disseram com a devoção, que se póde imaginar, o Officio da agonia, na fórma que se costuma dizer aos moribundos, resando uns as Preces, Ladainhas, e Orações, e outros respondendo *Amen.* Concluida esta funcção tão maravilhosa, os mortos se recolheram ás suas sepulturas, e o Parocho se achou sem o pasmo, que lhe prendeu o movimento, e pôde entrar na Igreja, aonde depositando o Santissimo Sacramento, e acudindo a visitar o enfermo, soube que n'aquelle mesmo ponto, em que lhe diziam a Recommendação da Alma, expirára; de que seguiu dar o Parocho todos os seus bens

para o soccorro das Almas, deixar o Mundo, e tomar o Habito de Cister, aonde viveu, fazendo e exercitando a todos a que fizessem bem pelos defuntos, e morreu com a opinião de uma heroica santidade.

Assistindo pois as bemditas Almas ainda no que não é de preceito, como é a Recommendação da Alma, resando-a ellas mesmas a este seu devoto, mais seguro será que assistam no que então mais importa, como é em grangear auxilios para vencer astucias do Demonio, nunca mais formidaveis que n'aquella hora; como tambem para adquirir uma eternidade de prazer nunca mais arriscado a perder-se, ou ganhar-se, que n'aquelle unico, breve e irreparavel momento.

Este patrocinio transcendeu a mais além da morte, como sobre outras muitas experimentou a Veneravel Acacia da Paixão, Freira Franciscana na Villa de Alenguem, intima zeladora d'esta devoção; a qual sendo levada á sepultura, quiz Deus que as Almas suas mimosas viessem a acompanhar seu enterro, e que lhe cantassem um officio de defuntos com tanta destreza e concerto, que não deixaram duvida de que era aquelle côro sobrenatural, como de que a gratificação d'estes espiritos se logra na vida, se experimenta na morte, e ainda depois d'ella se proroga.

GRITOS DAS ALMAS

O' homens, que desejaes não adoecer; ó enfermos, que desejaes sarar; ó sãos, que desejaes conservar-vos; ó uns e outros, que mais desejaes morrer bem, que viver mais, já ouvistes que a nossa devoção é o atalho para chegar ao logro de todos estes fins, e não só é breve e facil a consecução,

mas ainda o caminho. Por recuperar a saude soffreis que vos tirem a saude, pois consentis que vos rompam as veias, e permitiis que vos martyrisem de mil modos, expondo-vos a diminuir a vida com o que padeceis pela augmentar. O meio da nossa devoção não só não traz damno, mas nem ainda risco, sempre é favoravel, e nunca nocivo; é tão efficaz como seguro, e tão seguro como provado. Muitos peioraram com os remedios da terra, e ninguem com este, antes saram, e sararão infinitos cada dia. Oh quantos escapariam da enfermidade, de que morreram, se assim como chamaram os Medicos para ella, nos tiverem chamado tambem a nós! porém não o fizeram, porque não sabiam que tinhamos o privilegio de lhes alcançar de Deus a vida. Os que lêstes este Capitulo, não ignorareis, como tambem que o fim de nol-o conceder é para que tenhamos a utilidade d'elle, applicando-o a quem mais bem nos fizer. Não pedimos que nos pagueis de antemão, faça-se o contracto condicional; offerecei-nos um tanto, se damos cumprimento ao que desejaes, e emquanto nós não satisfizermos a vosso desejo, não satisfaçaes vós a offerta. Offerecei-nos este, ou aquelle suffragio, se vos curamos d'esse achaque habitual que padeceis ha annos, se vos tiramos essa importuna tentação, que vos arrasta, se vos alliviamos d'essa molestia, que continuamente está alterando vossa interior paz e descanso, se vos tiramos airosos d'esse licito empenho, ou dependencia, de que pende de vossa honra, estado, ou fortuna; e emquanto não logrardes estes desejos, não pagueis isso, a que vos obrigaes; d'este modo não ides a perder, antes a ganhar. D'esta sorte contractaram muitos comnosco, e alcançaram como lêstes, o que por meios da terra, nem dos Santos do Céo não poderam conseguir.

A este partido não se póde negar o pobre, pois admittimos obras que não custam dinheiro; nem menos o avarento, pois lhe acceitamos jejuns; nem menos o mimoso e fraco, pois acceitamos Orações; nem menos o enfermo, pois acceitamos o mesmo, que padece, se o offerece em nossa satisfação; nem menos o que nada tem, e nada póde, pois d'este acceitamos o desejo: emfim por todas as partes fica sitiada vossa ingratidão, e só quem não deseja o seu bem, póde não desejar uma devoção de tão pouco custo, de nenhum risco, e de tanta ganancia.

E pois lêstes a defensa, que valeu a muitos o resar só um Padre-Nosso ao passar por uma Igreja, ou cemiterio, e estaes expostos, quando não a inimigos, a tantas desgraçadas contingencias, e quando não a estas, áquella inevitavel e forçósa, de haver de morrer e necessitar então de forças para afugentar os demonios nunca mais exasperados contra vós, de auxilios nunca mais precisos, que n'aquella hora, emprehendei a devoção, que vale tudo isto, e nunca passeis por Igreja alguma sem que digaes ao menos um Padre-Nosso pelos defuntos, que ha n'ella; e se ides acompanhado, aconselhai-o a quem vai comvosco, e vos acceitaremos vossa oração, e a que o outro fizer; e se a occupação vol-o impedir, com menos nos contentamos, pois por dizer Santo Ildeberto todas as vezes que passava pelos Templos, aonde havia defuntos, estas unicas, e breves palavras: *Requiem æternam dona eis, Domine*, dai-lhes, Senhor, o eterno descanso, nos permittiu Deus que muitas vezes lhe respondessemos *Amen*: em prova da nossa estimação, e em premio de tão abreviada memoria o enriquecemos de abundantes bens: logo poderá esperar mais quem por nós mais offerecer, e assim proponde desde este instante de

executar, e para dar principio a este bom proposito, dizei agora pelos defuntos da Igreja mais visinha, aonde vos achaes, um Padre-Nosso e uma Avè-Maria, concluindo com *Requiem æternam dona eis, Domine.*

CAPITULO XII

Illustra-se a mesma materia com exemplos

Mui culpavel seria não dar o primeiro logar entre outros exemplos ao da Veneravel Francisca do Sacramento, porque como foi a que mais se assignalou n'esta devoção das Almas, tambem as almas foram as que mais se assignalaram no patrocinio para com ella. Quando havia de receber algum favor do Céo, as almas lh'o prognosticavam, para que o conhecesse; quando lhe havia de apparecer o Demonio disfarçado em Anjo de luz, as almas lh'o avisavam, para que a não enganasse; quando padecia alguma tentação, as Almas a vinham confortar, e depois de se aproveitar do merecimento de a soffrer e resistir, lh'a tiravam de modo, que não tornava. Emfim ella mesma diz que não sabia como podesse encarecer o nimio cuidado, que d'ella tinham, e o muito que no espiritual e temporal lhes devia.

Uma noite do dia, que chamamos dos Fieis defuntos, como estivesse enferma, se lhe povoou a cella de innumeraveis Almas do Purgatorio; serviram-lhe de Enfermeiras, rodeando o estrado da sua cama, agazalhando-a com enternecidas caricias, compadecendo-se muito d'ella, e animando-a a padecer com affectuosas expressões, chamando-lhe,

como costumavam, nossa amiga, e bemfeitora: e não obstante que estava prostrada da febre, e com summa debilitação e fraqueza, pedindo luz antes de amanhecer, se assentou na cama, e rezou as Matinas do Oitavario de todos os Santos, e começando as Matinas de Defuntos, as Almas acompanharam-n'a na reza com particular attenção, emendando as faltas que commettia na pronunciação, advertindo-lhe depois que se esquecera de rezar uma das nove Lições.

Emfim não se conhece na Igreja de Deus espirito mais visitado das Almas, que este, em tanto que temia as noites, e assim tanto que se punha o Sol, se melancolisava, porque de ordinario a visitavam a essa hora; e nos primeiros annos era grande o susto, que lhe causavam, bem que para as Almas lh'o diminuirem lh'o preveniam antes de se mostrarem em formidaveis figuras, mandando diante como precursoras algumas sombras, com as quaes a avisavam, para que depois a apparição não a affligisse tanto. Muitas vezes lhe succedia estar rezando, e apparecerem-lhe as Almas de seus conhecidos a pedir-lhe que applicasse por ellas aquellas Orações.

Se a achavam entregue ao somno, como sabiam a necessidade que d'elle tinha, não a acordavam, antes lhe faziam sentinella, para que nada a despertasse, e depois que ella acordava, e as via alli ao redor da sua cama, pelejava com ellas, porque não a haviam chamado, e com ineffavel agrado lhe respondiam que por saberem a muita necessidade que tinha do descanso. Outras vezes entravam as Almas na sua cella perguntando: *Dormis?* E costumava responder: *Dormia, mas vós me acordastes;* e com a familiar lhaneza as reprehendia por isto.

Não quiz Deus que a sua Serva fosse nem des-

agradecida, nem grosseira, e assim ordenou que Santa Thereza muitas vezes baixasse com ella ao Purgatorio, e pagasse áquellas primorosas Almas as visitas, para o que contribuiria tambem a Santa Madre, por ser urbanidade cortezã. De uma vez refere que a deixou no Purgatorio por um breve espaço, e que ainda no meio d'aquellas chammas, e tão imponderaveis tormentos, mostraram as Almas alegrar-se de a vêr, e todas a uma voz (bem que mais as mais favorecidas) lhe renderam obsequiosas graças, e de novo se encommendaram a seus rogos, porém com piedade tão urbana, que vendo o muito que lhe custava, lhe pediram não se cansace tanto, quando trabalhasse por ellas. Não póde chegar a mais sua gratificação, que a pospor o seu descanso ao nosso; emfim fazia no Purgatorio, quando entrava, o effeito que faz um redemptor de Berberia, entrando nas masmorras dos captivos. Passado isto, voltou a Santa Madre a tirar d'alli a sua amada filha e a exhortou a que proseguisse a cordeal devoção das Almas, sem que a estorvasse a repetida importunação de apparições, com que a molestavam, nem a espantosa maneira como se lhe offereciam.

O muito que padeceria n'isto, se infere dos muitos confortativos, com que o Céo a esforçava, pois sobre os frequentes, que recebia dos Santos, lhe appareceu Christo sete vezes, para lhe significar o muito que lhe era acceite o soccorro, com que ella lhes acudia, dizendo-lh'o regularmente por estas palavras: *Ajuda-as, Francisca, que são minhas amigas*. E outro dia, depois de lhe terem apparecido umas Almas com os asperrimos tormentos, que alli tinham, lhe appareceu Christo, e disse: *Que te parece, Francisca, do que viste? Olha quam caras custam aos homens as offensas que me fazem*. E

prostrando-se ella toda desfeita em lagrimas a pedir seu allivio, lastimada do muito que padeciam, respondeu o Senhor: *Mais me dóe a mim, que a ti, vêr o que padecem, mas a minha Justiça ha de ser satisfeita; bem fazes em rogar por ellas, que são minhas amigas.*

Tantas e tão continuadas eram as lagrimas, que estas visões lhe causavam, que (como ella mesma diz) se viu a risco de cegar por causa do pranto, e por causa da dôr perdeu muitas vezes os sentidos, a qual dôr lhe nascia não só de vêr as penas se não de saber as culpas, a que correspendiam, e conhecer os justiçados, que as soffriam; as penas, porque eram gravissimas; as culpas, porque eram levissimas; e os justiçados, porque eram pessoas que tinham professado virtude, e mui exemplar perfeição. D'estes tres principios, nascia sua dör e mèdo, e com razão porque emfim que as Almas dos Bispos lhe apparecessem com mitras de fogo, as dos Cardeaes, Papas e Reis cobertas de ehammas, e encurvadas com o pezo de varios e atrozes tormentos, não é muito, por ter sido muito pezo, que tomaram n'esta vida, sabendo pela Escriptura que: *Cui multum datum est, multum quæretur ab eo;* porém que padeça muito ainda o que logrou pouco, é o que estranha a admiração, e entre os infinitos, que traz sua Historia, cito só o de um Ferreiro, que lhe appareceu, e lhe disse o muito que padecia no Purgatorio pelo descuido que teve em seu officio.

Oh poderoso Deus, se tanto se castigam lá os descuidos no officio do Ferreiro, quanto se castigarão os descuidos no officio Divino, quanto no officio de Julgador, quanto no officio dos Reis, quanto no officio de Confessor, ou de Parocho! Pois do descuido do Ferreiro se segue o desacertar-se um fer-

ro, e um dispendio do que valle pouco, ou nada; e do descuido dos outros se seguem dispendios de honras, vidas, fazendas, corpos e Almas. Fique assim esta especie, por não haver palavras condignas á sua ponderação. (*Veja-se acima desde o Cap. VIII.*)

Tendo mostrado a universal beneficencia das Almas no exemplar d'esta Serva de Deus, passemos a mostral-a em outros, especialmente para com os que se chamam bens de fortuna. Refere o Padre Andrade no seu Itinerario de um Letrado de Madrid, que tendo casado com bem moderada fazenda, foi tanta a que adquiriu pela devoção das Almas, que pôde mandar dizer por ellas mais de duzentas mil Missas, além de outras obras pias não pouco custosas, que por modo de suffragios lhes offerecia; e tão longe esteve de empobrecer, que depois de ter alcançado para seus filhos muitos Habitos e Postos mui honorificos, os deixou herdeiros de trinta mil cruzados de renda cada anno, tendo vivido pacificamente até á idade de noventa annos. Que melhor podem remunerar estas bemditas Almas, que em impetrar honra, vida, fazenda e paz, que é o thesouro, em que encerram todos os bens?

Não sómente ha exemplos modernos d'esta experiencia, se não actuaes. No dia de hoje vive em uma Cidade não mui distante d'este Reino um Mercador, o qual em todos os seus negocios reparte a terceira parte do ganho com as Almas do Purgatorio, e isto exercita com formalidade tão rigorosa, que como se fosse obrigação de contracto, tem para com as Almas livro particular de razão, receita e despeza; e é tanto o que tem multiplicado os seus interesses, que ha annos tinha dispendido já em suffragios das Almas mais de trinta mil escudos. Raro é o emprego, em que não lhe fique ganho

mui consideravel: tem muitas e mui grandiosas propriedades, os tempos se dispõem em seu favor, e experimenta prosperidades e venturas, e devendo tudo ás agradecidas Almas. Eu conheço a outro, que entrou em uma profissão liberal não só com falta de meios, mas com sobejas obrigações: sem embargo do que prometteu que de qualquer dinheiro que ganhasse, applicaria a decima parte ás Almas, e com admiração dos que não sabiam este arbitrio adquiriu tanto, quem em poucos dias bastou, não só para se desempenhar, se não para ficar com bons cabedaes para ao diante, seguindo-se a este bem todos os mais, que fazem a um homem ditoso n'esta vida.

O Padre Roa conta de um Fidalgo, que vendo-se muitas vezes cercado do salteadores, com uma breve Oração, que rezava pelas Almas, sempre se viu livre d'elles; e que outras vezes querendo passar algum rio cuja arrebatada enchente punha mêdo ao cavallo para ir por diante, rezando pelas Almas se achava da outra parte sem saber como. E de si proprio affirma o mesmo Padre que esta devoção o livrou de gravissimos apertos, de mortaes e desconfiados accidentes, e de perigos humanamente inevitaveis, caminhando por desertos habitaveis só de vorazes féras e de ladrões, que o accommettiam, entrando por valles profundissimos, alagados de aguas, que não se podiam vadear, e por montes cobertos de neve, e da escuridão da noite, e emfim de outros innumeraveis perigos por mar e terra, de que as bemditas Almas o livraram sempre.

Deixo os exemplos do efficaz influxo, que tem para se acharem as cousas, que se perderam, para tirar felizmente de empenhos litterarios, como são lições do Ponto, de Sermões, e outros empregos como estes, para curar de escrupulos, para inclinar

o voto do Juiz em demandas justas e de importancia, de que ha muito nas Historias, e passo a referir sómente o patrocinio nas campanhas, humanando-se a tomar armas em defensa dos que são seus devotos.

Eusebio, Duque de Cerdenha (conforme traz o Padre João Maior no seu Espelho), foi tão devoto das Almas, que applicou a renda da maior de suas Cidades para seus suffragios, e como pozesse de cerco seu inimigo Ostorgio com grosso exercito, e o Duque sahisse com menor numero de gente, succedeu que no dia da batalha se lhe aggregaram, sem vêr como, nem por onde, mais de quarenta mil Soldados, todos em extremo lustrosos, e de tão formidavel presença, que só com a sua vista se rendeu o inimigo, e com mui vantajosas circumstancias, as quaes se podem vêr no citado Auctor. Dando depois o Duque as graças ao General d'aquella gente estrangeira, que trouxera em seu favor, lhe respondeu que aquellas eram as Almas dos que elle com suas esmolas e suffragios havia tirado do Purgatorio; de que ficou tão agradecido o Duque, como empenhado a continuar com novo fervor em seus soccorros.

D'este e outros exemplos nasce o haver reinado em tantos Monarchas esta devoção. S. Luiz, Rei de França, sem reparar nos estorvos do governo e da guerra, sempre observou inviolavelmente fazer muito pelas Almas, offerecendo numerosissimos suffragios, derramando por ellas não só thesouros de seu erario em esmolas, se não copioso sangue de seu corpo em penitencias; e emfim entre outros conselhos, que antes de morrer deu a seu filho, o mais recommendado foi o d'esta devoção. Os Duques de Baviera na sua Côrte téem instituida uma Congregação dos Defuntos, na qual empregam cada

semana um dia na Igreja dedicada para isto, com o mesmo apparato e solemnidade que se usa no dia dos Fieis defuntos.

E finalmente falle por todos o exemplar, que faz mais fé, por ser da escriptura, Judas Machabeu, o qual *(2 lib. Machab, cap. 12)*, suspensas as armas do povo, que governava, mandou a Jerusalem doze mil drachmas de prata, para que se offerecessem pelas Almas dos que morreiam na guerra, e achou tão pontual a recompensa, que animado por Jeremias e Onias, cujas Almas lhe appareceram, entrando em campanha com mil homens sómente, desbaratou só com estes mil a trinta e cinco mil de Demetrio (*Josephus lib. 12, cap. 16*). Esta é a correspondencia que os mortos tem com os vivos, que os soccorrem; e para escarmentarem os que o não fazem, concluirei com o seguinte exemplo:

Na historia de Milão se refere, que passando certos homens por um caminho, lhes appareceu um defunto, e lhes deu uma carta, para que a entregassem a um seu irmão, chamado Luiz Esforcia. Assombrados os caminhantes lh'o prometteram, e deram cumprimento, e abrindo o irmão a carta, leu n'ella o que se segue: *Oh, oh, oh! Olhai Luiz por vós que Francezes e Venezianos fazem liga contra vós; porém se gastaes tres mil cruzados em suffragios das Almas, serei com ellas que se ajuntem a atalhar este damno.* Não deram credito á carta, e assim faltaram ao que continha; porque Luiz duodecimo, Rei de França, veio com mão armada, e levou prisioneiro a Luiz Esforcia. Esta é a justiça, que Deus executa nos que ensurdecem aos Gritos das Almas. E pois não explicaram o significado por aquelle Oh tres vezes na carta, sem dúvida seria: Oh loucura humana, oh Juizo Divino, oh sentença irrevogavel!

Gritos das Almas ao Rei que tiveram na terra

Ai de nós, uma e mil vezes, Senhor, se até vossa Magestade nos não quer ouvir, porque quem ha de dar a mão a quem El-Rei voltar o rosto? E assim conceda vossa Magestade interior audiencia a estes Gritos, por serem de innumeraveis Almas de seus vassallos. Rei houve, que dizia temer mais os gritos dos vassalos, que os esquadrões dos inimigos; e até da Magestade Divina foram estes clamores a pedra Iman: *Propter miseriam inopum, et gemitum pauperum nunc exurgam, dicit Dominus.* Muitas das que aqui estamos, morremos em defensa de vossa Magestade, e não morremos, Senhor, nas mãos de um Confessor, que nos confortasse, mas entre pés de cavallos, que nos despedaçassem; e como não cobriamos o premio n'esse Mundo, o esperamos, e pedimos desde este. Se é recommendação de um Soldado, para que vossa Magestade o soccorra, ter perdido na campanha um braço, mais o ha de ser, termos perdido as vidas por vossa Magestade. Se o motivo d'aquelle soccorro é a incapacidade, com que ficou o supplicante, maior é a nossa, pois desde que morremos por vossa Magestade, só ficamos capazes para padecer muito, e para nada merecermos. O soccorro d'aquelle é dispendio de vossa Magestade, mas o que nós pedimos não traz dispendio, se não utilidade a quem o dá, e a quem o recebe.

Isto é o em que vossa Magestade ha de empregar a sua consideração, e é o em que nós levantamos mais fundadamente o Grito, pois não pedimos meios, que diminuam o erario, porque sabemos a falta que ha d'elles, e porque então correria opi-

navel naufragio a justificação de nossa súpplica. O que pedimos são arbitrios, que a nós valem muito, e a vossa Magestade nada custam. Não pedimos que vossa Magestade empenhe sua fazenda, senão sua authoridade; se vossa Magestade interpozesse esta com o Papa, para alcançar o Privilegio de que os Sacerdotes seculares no dia dos Fieis defuntos dissessem tres Missas, como gozam alguns Regulares, isto custava tão pouco a vossa Magestade, como assignar uma carta, e a nós, e a vossa Magestade valeria tanto, que na Arithmetica para o sommar. Porque se a quem devemos um Padre-Nosso, alcançamos tanto, como está dito, que conseguiriamos a quem, como a instrumento, devessemos uma tão consideravel somma de Missas, como se nos accrescentaria em toda a Christandade com o referido arbitrio? Que inconveniente, custo, ou difficuldade traria firmar vossa Magestade outra carta, em que aos Prelados de toda a sua Monarchia insinuasse vontade de que se destine um dia de cada semana, ou de cada mez para que n'elle cada Communidade nos fizesse algum suffragio, e para que nós obrigadas d'elle intercedessemos por vossa Magestade, e por seus Reinos?

Se o inimigo começa a queimar alguma mui importante Fortaleza, se fazem similhantes diligencias, e se pega o incendio em alguma rua d'essa Côrte, chegam a tirar a Jesus Christo Sacramentado em algumas partes, e deixal-o exposto em uma praça: pois queimando-se a vossa Magestade, não Fortalezas de terra senão Almas de Christãos, não uma rua da sua Côrte, senão uma boa parte de sua Monarchia como está ardendo n'este Purgatorio, e talvez seus proprios paes de vossa Magestade, não ha de merecer este incendio uma diligencia de sua commiseração sobre tão efficaz e fructuosa, como

pôr uma firma em uma carta? Oh dôr, oh dôr, oh dór!

Com o ar da bôca póde vossa Magestade apagar-nos este atrocissimo fogo, e ainda com mui pouco d'este ar, pois não ha mister muito para articular um *Quero*, ou um *É minha vontade*, e com isto se logravam os suffragios referidos, e com elles, mediante a Divina acceitação, se apagaria nosso incendio. Mais custa libertar prisioneiros, que o contrario prende, e n'isto se dispendem interesses, além de que o tratamento, que se lhes faz, é tão bom, como dicta a lei militar: e nós desde que por servirmos a vossa Magestade nos degradou do Mundo a morte, e nos trouxe prisioneiras a um Purgatorio, aonde o trato é tão cruel, não merecemos que se gastem dous vintens por nosso resgate, nem ainda a lembrança, ou compaixão. Oh quantos graus de amargura augmenta á nossa angustia este esquecimento! E assim, ó Senhor, ó quantos assistis a seu lado, quantos governaes sua consciencia, quantos lhe prégaes, quantos solicitaes zelosos seus espirituaes e temporaes augmentos; e dos seus intimos, quantos trabalhaes em que com seus pés opprima Corôas inimigas, e corôe com triumphos novos sua cabeça, a todos se encaminham encarecidamente estes lamentos; proponde, instai, e cooperai a que se executem os arbitrios allegados, ou discorrei outros similhantes a nosso favor: porque além de ser este o meio mais facil, e mais breve, é o caminho por onde nada se perde, e tudo se ganha.

Não offendemos, Senhor, a vossa piedade n'isto, porque não invocamos a outros para medianeiros, se não porque desconfiando de que estes Gritos cheguem a vossa Magestade, ou ajudem a subir aos ouvidos de vossa Magestade, porque chegando a

elles, estamos seguras de conseguir o effeito: quando não pelos motivos apontados, que trazem conveniencia publica e particular, sejam admittidos na supposição de que cada Alma, prostrando-se aos pés de vossa Magestade, lh'o péde com as palavras da Rainha Esther: *Si inveni gratiam in oculis tuis. ó Rex dona mihi animam meam, cap.* 7.º Se vos devi alguma graça, ó meu Rei, n'esse Mundo, *dona mihi animam meam*, conheça-se em dar-me agora minha vida. Mais e melhor m'a dareis agora, porque com o que está dito me grangeareis uma vida immortal, e de prazer interminavel. E emfim já que por vós a perdi, de justiça vos toca o restituir-m'a.

Se soccorreis ao que por vós se impossibilitou ao sustento, mais impossibilitada fiquei eu, pois o estou, não só para o ganhar, mas ainda para sahir a mendigal-o: se tiraes de vós para soccorrer aquelle, mais me podeis soccorrer a mim, pois sobre não vos empobrecerdes, vos enriqueceis com o mesmo, que me daes: se pelos edificios de terra, que se abrazam, fazeis tanto por lhes evitar o estrago, mais haveis de fazer por Almas de vassallos, que se vos queimam. Se recobraes prisioneiros, que se alegram, á custa de despezas, mais razão é resgatar prisioneiros, que padecem, e que tanto padecem, e cujo resgate não faz custo: e finalmente, Senhor, quando não seja por esta minha pobre Alma, seja pela propria de vossa Magestade, pois, como se disse em outro Capitulo, se padecia muito no Purgatorio um Ferreiro pelos descuidos de seu officio, que menos póde esperar, ou temer quem tem officio de Monarcha? Cargo que é para render, não só hombros de homens, senão de Anjos.

Só poderia livrar a confiança de succeder bem a um Rei, que publicamente professasse ser nosso

devoto; nem nós desejariamos outro arbitrio, porque d'este nos viriam os outros: pois se os Reis ainda nos defeitos são imitados, quanto melhor seriam nas piedades? Se a affeição de um Rei, ainda no inutil, faz que o Reino se encha de sequazes, quanto mais effeito faria no que é de tanto fructo? Oh quantos devotos crearia o inflammado e público exemplo de vossa Magestade! Muito ganhariamos n'isto; e pois nada perderia vossa Magestade, e lograria tanto, seja esta devoção a que inflamme seu real coração, a que suas generosas mãos abra, a que mova seus pés, a que esmalte suas bandeiras, a que governe seus principios, e a que solicite seus prosperos fins; por nenhum lado é prejudicial, e por todos, e para tudo benefica; e para que Maria Santissima incite os Reis a esta piissima e utilissima empreza, como tambem em satisfação da nossa parte, dizei agora, ó Catholico Leitor, a Oração, em que a Igreja illustrada pelo Espirito Santo, lhe dá o tratamento de Rainha a esta benigna Senhora, e Mãe de Misericordia, que é a Salvè-Rainha.



MEIOS

PARA

APPLACAR ESTES GRITOS

LIVRO SEGUNDO

INTRODUCÇÃO

Cruel inconsequencia séria occultar o remedio depois de manifestar a ferida. Por exemplo de inhumanidade, traz Christo (*Lucæ* 10.) a do Sacerdote e do Levita, que passaram de largo, vendo no caminho aquelle que os ladrões feriam e roubaram. Aonde Christo a ambos fórma culpa de se ausentarem, pois o deixaram, tendo visto seu desabrigo e chagas; de um diz: *Viso illo, præteriit;* e do outro: *Cum videret, pertransiit.* Logo o que Christo abomina n'estes, é não lhe applicarem o remedio depois de o vêrem tão ferido, como o fez o Samaritano. No mesmo vos faria eu incorrer, se depois de vos ter mostrado no primeiro Livro a desnudez e feridas d'aquellas atormentadas Almas, não vos admoestasse n'este a sua cura, administrando-vos os meios, e persuadindo-vos a que lh'os appliqueis.

Tambem reparo que aggrava Christo esta omissão, por estar o pobre no caminho, e serem elles viadores (circumstancia que o Texto expressa de ambos.) Porque vêr um passageiro que no mesmo

caminho, por onde elle vae, acabam os ladrões de maltratar a outros caminhantes, e não se apiedar, nem ainda temer que lhe succeda o mesmo, é uma dureza tão confiada como detestavel. Logo sendo vós viador, que caminhaes para a Patria, a qual é o Céo, e vendo que por este caminho estão maltratando tanto ás Almas, se não temeis correr o mesmo risco, correndo a mesma estrada, delinquireis na mesma dureza, maiormente quando até os Santos, que não padeceram lá o Purgatorio, padeceram cá o mêdo d'elle, como de Santa Thereza e outros se sabe.

Facil e gostoso me seria ponderar o referido Texto, manifestando a pontual correspondencia d'aquelles viadores em cada um de nós, d'aquelle enfermo com as Almas, e d'aquelles medicamentos, que applicou o Samaritano, com os que nós havemos de applicar; porém deixo-o, por não reduzir este Tratado a methodo predicavel, e continual-o com a singeleza de estylo, que até aqui observei.

CAPITULO I

Do meio mais necessario para soccorrer as Almas e applacar seus gritos

O meio mais necessario para soccorrer a uma Alma do Purgatorio é o que manda a obrigação de justiça, a saber: dar cumprimento á sua ultima vontade, por isso lhe dou o primeiro logar: e ainda que acima tratei d'isto, me obrigam a que novamente o torne a tocar a ordem da doutrina, e a necessidade da materia.

Antes de mostrar a necessidade, que traz este

meio aos defuntos, vejamos a que traz aos vivos; e supponde o que disse no logar citado de parte de todos os Theologos, que o Herdeiro, que não satisfaz os encargos do defunto, e o Testamenteiro que o não constrange, peccam mortalmente, e que emquanto o não fazem, estão incapazes de absolvição, como tambem se pagam em especie, na qual fique prejudicado o credor; supponde isto, passo a demonstrar a pena, que costuma causar maior horror, que a culpa.

O Concilio Carthaginense excommunga, e com excommunhão *latæ sententiæ,* não só aos que negam, ou não pagam as obrigações que os defuntos deixaram á Igreja por suas almas, mas tambem aos que retardam a pagal-as, e ainda aos que as pagam com difficuldade. Vejam-se suas palavras: *Illi, qui negan,* (diz Canon. 4.º) *Ecclesiæ oblationes defunctorum, aut illas cum difficultate præbent, sint excommunicatit tanquam occisores egentium;* aonde lhes chama humicidas de necessitados; tractamento com que tambem os detesta o Concilio Agatense, *Canone 4.º* Não os infama menos o Concilio Ragense, mandando que se lhes prohiba a entrada na Igreja e os expulsem do Templo como a gentios, até que tenham dado cumprimento ao testamento que está a seu cargo. *Omnes* (diz) *qui mortuorum oblationes retinent, et eas Ecclesiis largari retardant, debent, tanquam infideles, ab Ecclesia, et Fidelium communicatione expelli.* Cuja sentença cahe, não só sobre os que o dilatam, e a razão, que dá e: *Quia usque ad exinanitionem pervenire certum est hanc pietatis Divinæ exacerbationem.* Porque esta é uma culpa, que parece que aniquila a Divina piedade. Exageração tão superlativa, que não pondero por ser sobre quanto

se póde explicar e conceber, e porque sua ponderação era digna de um livro inteiro.

Emfim prosegue dizendo que estes hão de ser tidos por verdugos de innocentes e necessitados, e por uns homens, que não crêem no Juizo de Deus: *Hi ergo tales quasi egentium necatores, nec credentes judicium Dei habendi sunt*. O Tridentino, *Sess. 25*, não só engarrega aos Prelados tenham grande cuidado de fazer que se executem estas obrigações, mas tambem o modo, advertindo que não se satisfaçam como por cumprimento: *Non perfunctorio*, se não pia e devotamente, *pie, et devote fiant*. E emfim é caso reservado no Bispado de Milão e outros *Apud Bonacinam*.

Não se póde abominar mais severamente esta culpa na regra espiritual, na temporal a exageram os lamentaveis effeitos dos seguintes casos: Em Milão succedeu a uma senhora, que levantando-se á meia noite para dar um remedio a um filho doente, lhe appareceu uma sombra; assustou-a não menos o que viu que o que ouviu, porque lhe disse: *Não vos altereis, eu fui senhor d'esta casa, e venho a castigar meu filho, porque se descuidou de fazer bem por minha Alma*. Respondeu a Senhora: *Sempre vos encommendamos a Deus*. Ao que replicou o defunto: *Se se tivera feito o que mandei em meu testamento, já não estivera aonde estou*. E tanto que desappareceu, sobreveio uma horrenda tempestade, a qual assolou seus campos.

Não vacille o Lavrador em buscar a causa de não lograr prospera seára, de nunca lhe amanhecer serena a fortuna, nem o Mercador de que nada lhe saia bem, porque se retem os bens de algum defunto, tudo é castigo d'esta culpa, não lhe succede por ser desgraçado em tudo, como cuida, senão por ser n'isto delinquente.

Ainda passou a mais a Alma de um Soldado *(apud Belvac. lib. 24)*, o qual havendo deixado por sua morte um cavallo a um sobrinho, para que o vendesse e empregasse parte do preço no que ordenava para descargo de sua Alma, como ao sobrinho agradasse o cavallo, descuidou-se da venda e de cumprir esta obrigação, e d'ahi a trinta dias apparecendo-lhe o defunto lhe disse: *No Tribunal de Deus accusei o teu descuido em executar minha ultima vontade, e te aviso que em pena d'isto estás sentenciado a que dentro em vinte e quatro horas padeças uma morte repentina e desastrada, e que a esta sobrevenha a eterna.* Quem crerá que ainda vendo e ouvindo isto, tão longe esteve de se emendar, que fez da apparição gracejo, e contando-a por galanteria a uns amigos, acabadas as vinte e quatro horas succedeu ouvir-se de repente uma desabrida confusão de bramidos, e apparecer-lhe um espantoso tropel de ursos, lobos, serpes e outras formidaveis féras, as quaes aferrando n'elle, á vista de seus amigos o arrebataram pelos ares, sem se lhe ouvir mais que uns lastimosos eccos da raivosa desesperação, com que se precipitou nos infernaes calabouços.

A S. Thomaz de Aquino *(apud Surium)* lhe appareceu um Religioso e mui perfeito, o qual porque tardou quinze dias em pôr por obra um testamento que lhe recommendou o Bispo, estava padecendo o mesmo numero de dias no Purgatorio, e tantas penas, que não se podiam dizer nem cuidar. Cantimprato *(liv. 2.º, cap. 53)* refere de outro, que porque em oito dias depois de morto não tinha seu herdeiro pago as dividas e esmolas que lhe ordenou, lhe appareceu, e disse como já tinha pedido justiça ao supremo Juiz, para que castigasse sua perfida crueldade, acriminando-lhe fortemente este

descuido. Oh Santo Deus, contra a tardança de oito dias se ouvem queixas em vosso Tribunal! Pois quanto maiores serão contra a tardança de tantos annos como ha que vós dilataes essa obrigação?

O que importa aos defuntos, deu a entender Christo na ressurreição de Lazaro, mandando primeiro que os homens tirassem a pedra da sepultura: *Tollite lapidem.* Não foi porque sua Divina Magestade não tivesse virtude para tirar a campa da sepultura, tendo-a para dar vida ao sepultado, senão porque, conforme Santo Ambrosio, Lazaro na sepultura significava uma alma no Purgatorio, e quiz ensinar-nos que para sua Magestade tirar uma Alma do Purgatorio, ha de preceder o tirarem os vivos primeiro a pedra, que o impede, isto é, que restituam e paguem, e que assentem o que manda em seu testamento: *Tollite lapidem.*

O mesmo Senhor o confirma litteralmente por sua propria bocca, pois perguntando-lhe Santa Brigida *(liv. 6.º, cap. 34)* porque meios poderia livrar a uma Alma do Purgatorio, Christo lhe respondeu que este era o primeiro: ***Primum est, si per aliquem reddantur quæ injuste aliis abstulit:*** porque é mui conforme á Justiça (prosegue) que a Alma pague aqui penando, até que se satisfaça o que ella no Mundo ficou devendo. Duas congruencias dá o Cardeal Lugo. A primeira porque emquanto isto não se satisfaz, é mui verosimil que não ouve Deus as orações, que por ellas se lhe offerecem, emquanto ao impetratorio; e a segunda é fundada no que aqui passa, aonde padece mais pena, e menos espera o réo, que damnificou a outro, emquanto não se satisfaz a parte damnificada.

Não ha muito tempo, que movido d'esta doutrina um Fidalgo em Madrid, estando para morrer, mandou que lhe trouxessem á cama as quantias,

que devia, e chamando seus credores, e criados, elle mesmo por sua propria mão lhes foi pagando tudo quanto lhes devia até o ultimo real, não o querendo fiar de seus herdeiros, posto que eram mui Christãos. Oh com que paz morreria, com que consolação entraria no Purgatorio livre da contingencia de que o descuido dos vivos lh'o alargasse: Eccles. 14. *Ante obitum tuum operare justitiam.*

Oh quantos mortos quizeram ter feito o mesmo! e oh quantos dos que aqui estão lendo, o reconhecem, o louvam, e o invejam, e nem o imitam, nem o hão de imitar! Pois á fé que lá pagarão bem amargamente tudo o que deixam de pagar aqui: porque é peccado mortal não pagar em vida, podendo, confiados em que o mandaram em seu testamento, maiormente correndo tanto o abuso de pagar então de modo, que o credor fica pago, posto que não fica contente. Quero dizer, que o Herdeiro, ou Testamenteiros com a tardança, ou com duvidar da legitimidade da divida difficultam seu pagamento e quasi o impossibilitam a fim de que o credor acceite em paga moveis inuteis, ou cousas que não tem venda, as quaes admitte por acabar, ainda que conhecendo que sahe prejudicado, cujo tracto não sendo licito a quem o faz, tambem não é util á Alma, que padece.

Isto não é serem Fieis, mas antes infieis os Herdeiros, pois seguem aquelles Gentios, em cujo povo entrando a prégar o Padre Mendonça, Jesuita, viu que estavam comendo a toda a pressa quarenta touros assados, e que deitavam os ossos, e residuos em uma casa vasia, que estava perto. Perguntou o motivo, e lhe responderam que lançavam alli aquelle sobejo, para que com elle se alimentassem as Almas dos defuntos. Esta barbaridade gentilica usam ainda os Herdeiros, que entre nós se tem por

Fieis: porque deixando o defunto dinheiro, e fazenda, que é a sua carne e sangue, pagam as dividas (que é o com que se ha de alimentar a Alma do defunto) com ruim trigo, ou com moveis, que são o despresado sobejo da casa.

Emfim succede ao homem, que morre, o mesmo que á azinheira, que cortam. Cahe esta arvore em terra ao golpe do machado, e todos começam a despojar cada um d'aquillo que ha mister. O Tintureiro lhe tira a casca, o que parte lenha corta a rama, o Carpinteiro lhe leva o tronco, e a terra se fica com a raiz. David chama ao homem arvore. S. Lucas põe o machado á raiz d'esta arvore: *Iam securis ad radicem*, a morte lh'o imprime. A este impulso cahe morto em terra o homem, e logo o despojam todos os que na casa tem entrada, do que cada um tem necessidade, um da armação, que lhe falta, outro da preciosa lamina, que appetece, outro dos espelhos, que ha mister: só a terra se fica com a raiz, que é o corpo, e ainda d'este fazem os bichos miuda carniceria. A este usado roubo todos dão a côr de algum direito, ou por Testamenteiros, ou por amigos, ou por contraparentes do defunto, ou por serviços, que elle não gratificou em sua vida, motivos tão insufficientes, como fraudulentos.

Se compram estes bens, é por menor preço do que se arrematariam em leilão, e d'isto ha muito mal, e pouco escrupulo, mas o que basta, para que não fiquem eximidos de culpa, se o obram sem toda a segurança. Desenganem-se pois que peccam, e ficam com obrigação de restituir aquella parte de preço, em que defraudaram a Alma, adiantando-se a tomar por menos aquillo, que vale, e que certamente subiria a maior preço. Muitos annos ha, que Raulino o disse na Seff. 2. Defunctorum: *Pauci inveniuntur fideles executores, qui non rapiant me-*

liora bona defunctorum minori pretio, quam valeant.

Obram alguns Testamenteiros (se me não engano) como Sansão, de quem conta a Escriptura *(Idic. cap.* 14) que vendo-se empenhado a dar trinta vestidos, e não tendo modo para sahir d'este empenho, matou trinta homens, e despindo-os, vestiu aos vivos com o que despiu aos mortos. Ah quantos tem sahido de seus empenhos com fazenda da Testamentaria de algum defunto, sem considerar que d'esse modo se mettiam em maiores, e peiores empenhos, por ser uma culpa, que entra, e sahe ferindo, e resgatando a um mesmo tempo, e que em seu castigo dispõe Deus que á volta do alheio se lhes consuma o proprio, e com o tempo fiquem despidos, e na rua!

Ultimamente, quando não fôra por bem de vossa Alma, por evitar esta occasião de ruina ás alheias, devieis não fiar de outrem o que podeis obrar por vós, e quando não por isto, por assegurar o bom logro do que dispondes com a experiencia de quanto se arrisca em outras mãos, e para que escarmenteis no mal correspondidos que foram outros, vos allegarei os seguintes desenganos:

Já succedeu estar um poderoso morrendo, e antes de expirar, cuidando um circumstante que já morrera, arrancar-lhe um dedo, por lhe tomar um annel. Em quaes se vêem mais commumente estes desenganos, é nas mortes dos Bispos. O veneravel Senhor Palafox, lastimado de lêr que a Alma de um insigne Bispo appareceu á Madre Francisca do Sacramento, para que rogasse a Deus por elle, affirmando que não tinha outro soccorro, exclama que não ha jeroglofico da ingrata correspondencia dos homens, como o que passa na morte dos Bispos: porque não havendo quem faça em vida mais mer-

cês, e sem alguma recompensa, não ha outros que sejam mais desamparados na morte.

Refere elle mesmo que alguma vez succedeu faltar uma tijella para dar uma colher de caldo a um Bispo moribundo; outra vez antes de morrer, furtar-lhe o cobertor da cama, em que jazia, e depois ficar em duvida se o matou o frio originado d'este desabrigo, ou o accidente; como tambem de a outros ter ficado vehemente suspeita de que morreram mais por falta de sustento, e de quem lh'o désse, que do mal. Emfim diz ter succedido que por não se acharem dous castiçaes, deixar duas vélas mettidas entre dous tijolos, para que allumiassem o cadaver de um senhor Bispo. Já disse acima o que aconteceu ao de Alexandre. E depois de tudo isto ha quem fie em homens os negocios de sua Alma? Maldito seja tal homem, diz Deus. *Hierem. cap.* 17. *Maledictus homo, qui confidit in homine.*

Emfim, morrendo Christo, não encommendou a Alma a sua Mãe, nem a seu Primo S. João, se não a Deus: *In manus tuas Domine, commendo spiritum meum.* E assim quando não possaes encommendar os legados de vossa Alma a Deus, deveis encommendal-os a quem tenha mais de Deus, posto que não seja parente, pois serve mais a graça nos justos, que o sangue nos parentes; e se uns córvos *(apud. P. Pistacci S.* 11*)*, que vagueavam pelo ar, cahiram na terra atroados dos gritos, que levantou um exercito, vejamos se os leaes Testamenteiros, pois se assimelham ao córvos em procrastinar sua obrigação, e em cevar-se nos mortos, vejamos se cahiram na conta, attonitos dos Gritos, que as Almas lhes dão.

GRITOS DAS ALMAS

Ah Herdeiros, ah Testamenteiros, ah Juizes, ah quantos em razão de vossos officios tendes dependencias de defuntos, e dilataes seu cumprimento, já vos não pedimos que vos compadeçaes de nós, se não de vós mesmos, vendo o calamitoso estado em que vós representa este Capitulo. Notae que vosso peccado em razão de culpa, de pena, e das mais circumstancias vae subindo os ultimos degraus da malicia. Entre o genero de culpas, é o ultimo, porque é mortal: entre os mortaes o mais offensivo, porque é contra Deus, e em damno de terceiro; entre estes o mais iniquo, por ser contra terceiro, o mais necessitado, e indefenso. Entre os d'esta especie o de mais difficil restituição: porque ainda que agora satisfaçaes, com que recompensareis o damno de me terdes abrazado até agora? Os citados Concilios não comparam esta culpa com as de outros maus Christãos, se não com as dos infieis, e entre estes com os que chegam ao ultimo da dissolução, que são os Atheistas, que negam a Deus, e seu Juizo, dos quaes foi Caim o fundador. Em razão de pena Ecclesiastica lhe alcança tambem a excommunhão, e a ultima por ser excommunhão maior, e entre as maiores a de mais prompta execução por ser lata e se o ultimo rigor, que se podia accrescentar, era impedir a outros sua absolvição, reservando-a o Prelado a si, já tendes lido que está reservada em muitos Bispados. A outras culpas castiga Deus na outra vida com supplicio eterno, a esta na outra vida com eterno abysmo, e n'essa com temporaes golpes. Outras injustiças não entram em juizo até que a morte faz final ao tempo: *Cum accepero tempus, ego justitias judicabo.* Po-

rém d'esta injustiça antes que Deus chame a Juizo, chegam a seu Juizo os clamores: e se lêstes que chegaram ao Tribunal de Deus queixas contra um, que tardou trinta dias, contra outro, que tardou quinze, e ainda contra outro, que tardou não mais que oito dias, olhae quantas accusações terão já chegado ao Tribunal Divino contra vós, que ha tantos annos que tardaes em dar cumprimento aos legados d'esse Testamento, e (oh desesperação!) depois de ter tardado tanto, e ainda o não executaes, e (oh temeridade!) depois de o não executar, ainda não temeis, antes triumphaes, comeis e rides, quando devieis ir todo tremendo, como outro Caim por vêr conjurado contra vós o Céo, a Terra, a Igreja, o Purgatorio, e o horrendo Juizo de Deus.

Se a tão espantoso trovão como o do Juizo não accordaes, já não estaes dormindo (diz Santo Agostinho) se não morto. E pois não vos choraes por peccador, choraes-vos já por morto, pois este Grito não faz em vós mais impressão, do que faria em um cadaver insensivel, porém nem ainda sois insensivel; nos insensiveis reina uma natural propensão á sua conservação, vós continuando este descuido, sois pretendente de vossa propria ruina eterna e temporal. Como pois corrpondes o racional com tão desapiedado rancor contra vós mesmo? Em que estribo sustentaes o animoso engano de que não vos ha de chegar a vós a inexoravel justiça, que se executou em tantos? Não o attribuo a outra causa mais que ao que diz o citado Concilio, ou a que não crêdes o Juizo de Deus, ou a que crêdes que o ha de haver para todos, e só para vós ha de faltar: e quem póde tragar um bocado como este e assim bebe o Juizo, bem ha mister o calor de todo um Inferno, que lh'o ajude a digerir.

Oh não vos façaes tanto mal a vós mesmo, afer-

vorae esta fé do eminente Juizo, a qual se não está de todo morta, em vós agonisa moribunda. Procurae que se anime com obras, e seja a primeira este cumprimento. Temei que a Alma defraudada já muitas vezes tem querelado contra vós no Tribunal de Deus, dizendo: *Domine, vim patior, responde pro me;* e que sahiu a sentença de vos não esperar mais que até que lesseis estes Gritos, por Deus vos dar n'elles o ultimo auxilio, e que se não deixaes da mão o livro, e accudis logo a satisfazer esses legados, que dilataes ha tanto tempo, começarão as causas segundas a obedecer á ordem, que tem de Deus, de choverem sobre vós os infortunios, que choveram sobre os outros, que lêstes, prostrando vossa saude, consummindo vossa fazenda, acabando vossa vida e deixando vossa Alma perdida por uma eternidade.

Ao Leitor, que se achar comprehendido n'esta obrigação, não pedimos que nos rese, porque nem ainda n'isto se detenha, e vá satisfazel-a; ao que não se achar comprehendido d'esta obrigação, lhe pedimos um Padre-Nosso e uma Avè-Maria.

CAPITULO II

Do segundo meio de applacar este Grito, que é a Missa, emquanto dita, ou ouvida

Se é preciso suppor, o que seria ocioso provar, supponho como todos os Theologos, Padres, e Concilios, que a Missa é o mais efficaz e executivo meio para soccorrer as Almas, e passo a referir algumas excellencias, que de sua utilidade dizem os Santos.

S. Bernardino *(apud Castelvi Diurn. Sacerd. præparat.)* diz que uma só Missa é sufficiente para despovoar o Purgatorio de todas as Almas, que n'elle habitam, e isto não é muito, pois o valor de uma só Missa póde bastar para a redempção, não só do Mundo, se não de innumeraveis Mundos. S. Gregorio *(apud eundem)* diz que por cada Missa, que se celebre, succedem tres cousas, que são: converter-se um infiel á Lei de Deus, sahir uma Alma do Purgatorio, e confirmar-se um Justo em graça. Santo Agostinho accrescenta o effeito de sahir de culpa um peccador. Quem haverá, pois, que por uma diligencia tão facil não aspire a ser occasião de quatro admirabilissimos effeitos, e dos quaes não ha quem não seja capaz: porque se é peccado, póde esperar que sahirá de tão infernal estado, e se é Justo, passar ao falsissimo de ser confirmado em graça, regalia dos Bemaventurados no Céo.

S. Lourenço Justiniano *(apud eundem)* diz que agrada mais a Deus uma Missa, que todos os merecimentos de todos os Anjos e Santos do Céo e da terra; e S. Bernardo diz que em uma só Missa offereceis a Deus muito mais, que se dereis toda a fazenda, que tendes, aos pobres, ainda que foreis senhor do Universo, e dereis de esmola a todo o Mundo, e suas rendas: e a razão é: porque n'este Sacrificio offereceis a Deus seu mesmo Filho, e este, e seus merecimentos excedem infinitamente a todos os mais bens de fortuna, e graça, e n'elle apresentaes ao Padre Eterno o mais, o maior, e o melhor, que lhe podeis dar, e que sua Divina Magestade vos póde pedir.

Mais ganhaes em ouvir devotamente uma Missa, *(apud Azn.)* que se peregrinasseis por Christo toda a redondeza do Orbe; mais que se visitasseis os Santuarios de Jerusalem, de Roma, de Santiago e

de Loreto. Desde que sahis de casa para ouvir Missa (conforme Santo Agostinho) logo o vosso Anjo começa a contar-vos os passos, e a escrevêl-os no livro de vossas boas obras. E emfim o Papa Urbano quarto, Martinho quinto, Sixto quarto, e Eugenio quarto concederam duzentos annos de Indulgencias a quem devotamente ouve uma Missa, ou a quem a diz, ou dá sua esmola, e Innocencio sexto trinta mil annos de Indulgencias *(apud Castelvi supra citatum.)*

Soares, *in* 3. *part. quœst.* 87 *sect.* 8, diz e prova que quem a ouve, cobra por dous motivos, duas porções de graça, e por outros dous satisfaz as penas devidas por suas culpas. O primeiro motivo, por onde enthesoura um cabedal de graça, é por virtude do Sacrificio: porque elle mesmo de seu natural *(ex opere operato,* como diz o Theologo) dá graça a quem o offerece, e quem assiste o offerece com o Sacerdote, e esta porção de graça é tão segura, que não depende da devoção do que ouve a Missa. A outra porção é dependente do espirito, com que a ouve, e á medida d'este se dá aquella. Tambem diz que por dous caminhos satisfaz o que ouve Missa. O primeiro, porque a satisfação de Christo pelo aqueducto d'aquelle Sacrificio corre a communicar-se a quem assiste, porque se applica pelos presentes. Com quem ouve uma Missa, adquire graças por duas vias, e por outras duas grangeia satisfação das penas, em que sua Alma está endividada, e esta satisfação é moeda de tanto valor, como é o Sangue de Jesus Christo.

Emfim a Missa é o porto, aonde este Senhor desembarca em nós a frota de merecimento, que grangeou no sanguinolento mar de sua Paixão, é (como diz S. João Chrysostomo) o Tribunal, desde o qual reparte as graças; é aonde as havemos de

chegar a pedir com tanta fé de bom despacho, como se, sendo contemporaneos de Christo, quando vivia no Mundo, chegassemos a pedir-lh'o de rosto a rosto, por ser de Fé que é o mesmo. Além d'isto na Missa (segundo diz S. Lourenço Justiniano) clama Christo a seu Eterno Pae com as bôcas de suas feridas, instando-lhe com ellas, para que não condemne aos que a ouvem; motivo, pelo qual diz Eugenio Papa *(apud Castelvi)* que uma Missa aproveita mais, que todas as Orações, que se podem fazer no Mundo, sendo o reparo de todas nossas doenças, o perservativo de nossas culpas, a fiança de nossas penas, a casa de armas de nosso espirito e assolação de nossos inimigos, como a seu pesar o confessaram a Santa Juliana. Emfim é a occasião, em que podemos ser agradecidos a Deus, retribuindo-lhe pelo que nos deu o dom, que lhe offerecemos, e com que podemos serenar sua provocada ira: pois se antigamente a mitigava o sacrificio de um animal, quanto mais agora o de quem é tão bom como Deus, por seu proprio Filho.

Estende-se sua impetração, não só aos bens da Alma, mas tambem aos temporaes de saude, e vida; pois diz Santo Agostinho *(apud Castelvi)* que no dia em que um ouve Missa, não permittirá Deus que morra repentinamente; e o Veneravel Beda *(apud eundem)* diz que a mulher, que ouvir Missa, ou a mandar dizer no dia em que parir, não terá infeliz successo se não prospero e ditoso. Oh quantos exemplos podia allegar dos muitos, a quem esta devoção livrou de infortunios, prosperou com felicidades, grangeou numerosas conveniencias, tirou accidentes, e alargou a vida! Mas quem estranhará que Christo levantado na Hostia faça com os que o vêem o que na lei antiga fazia uma serpente de metál com os que olhavam para ella, por ser figu-

ra de Christo? Por isto deixo o successo de um raio que despedido do Céo em uma tempestade foi rodeando a uns homens, que iam juntos, para tirar a vida aos que não tinham ouvido Missa, e deixal-a sómente aos que a ouviram.

Porém porque tudo o referido está consignado aos que não só ouvem Missa, se não aos que devotamente a ouvem, direi com brevidade, e em substancia o que se requer para esta devoção. Quem se põe a ouvir Missa, deve unir sua intenção com a do Sacerdote, e juntamente com elle offerecer o precioso Filho ao Divino Pae; e não ha de parar aqui, se não unir seu coração com este Divino Filho, que se offerecer e com isto logra seguramente que seu coração chegue ao mesmo Deus; e a razão é: porque o Filho, que se offerece, infallivelmente chega, sem que possa frustrar este effeito ser o Sacerdote peccador, ser hereje nem estar excommungado, porque nem por isso perde o poder consagrar, ainda que o faz illicita, e temerariamente; e assim como, se eu ponho dentro em uma carta minha outra inclusa, é impossivel que chegue a minha, e que não chegue a inclusa, porque vai dentro; assim será seguro que chegue meu coração a Deus, se o incluo e o ajunto com quem não póde deixar de chegar, que é seu Filho, quando o manda o Sacerdote em Sacrificio.

Feita esta diligencia, deve o Christão assistir na Missa com o mesmo temor e reverencia, que se achára no Calvario, quando estavam crucificando a Christo, fazendo, e deixando de fazer agora o que então fizera, e não fizera: porque a Missa não só é representação, se não renovação d'aquelle Sacrificio. E se alli assistiria enternecido, devoto e compungido, assim ha de assistir aqui; e se alli emquanto via que maltratavam a Jesus Christo, não

divertiria os olhos, não fallaria com elle por sobre o hombro, não tomaria tabaco, etc. Tudo isto tambem ha de deixar de fazer, ouvindo Missa. Se então se teria por feliz, se o salpicassem algumas pingas de tanto manancial de sangue, em que se desfazia, aqui se deve ter por igualmente feliz, crendo que quando ouve Missa, lhe alcançam os merecimentos, e satisfação d'este mesmo Sangue, por se estar sacrificando no Altar o mesmo Senhor, que se offereceu na Ara da Cruz.

Não quero confundir ao Leitor, nem alargar o Capitulo com os muitos caminhos, por onde se vai, e se chega a esta devoção; sómente lhe aconselho que faça no principio a dita preparação, e depois no discurso da Missa se empregue em avivar a fé d'aquelle Mysterio, e se aproveite da occasião, pedindo ao Senhor tudo o que deseja, pois, como tem ouvido, alli sáe a fazer beneficios. Correspondei-lhe tambem, fazendo muita estimação da felicidade, que tendes em concorrer a tão soberana funcção, lembrando-vos para isto, de que n'aquelle Templo assistem com o Senhor áquella Missa os Espiritos Angelicos, conforme S. João Chrysostomo, dizendo que n'aquelle intervallo não nos havemos de considerar como moradores da terra, senão como Cidadãos do Céo, pois fazendo-nos condiscipulos dos Anjos aprendemos com elles em um mesmo theatro, e com um mesmo Mestre a venerar uma mesma acção.

Baste para exemplo, e regra n'este ponto o seguinte caso: De um bom homem se refere (*apud Ludovic. Pinel de Miss.*) que depois de morto appareceu glorioso ao seu Confessor, e lhe deu as graças dos bons conselhos que lhe tinha dado. Perguntou-lhe o Confessor que cousas o ajudaram mais para alcançar a Gloria? A que respondeu que as

Missas, que ouvira com devoção. Perguntou-lhe como as ouvira, e lhe disse: *Haveis de saber que antes de sahir de minha casa me benzia, e começando a caminhar, resava o Padre-Nosso, rogando a Deus que me fizesse digno de entrar em seu Templo. Em chegando á Igreja, entrava n'ella como quem entra no Céo a avistar-se com o Senhor. Tomava Agua Benta e adorava a Cruz, pedindo a Deus graças para levar a Cruz que sua Magestade me quizesse dar. Logo me punha de joelhos diante do Altar, empregando a vista em Christo crucificado, e lembrando-me de que aquelle Sacrificio da Missa era representação e lembrança de sua morte; resava cinco vezes o Padre-Nosso á honra de suas cinco Chagas, accrescentando uma petição a cada uma.*

Na primeira petição dizia: *Senhor, aqui estou diante de Vós como um pobre pedinte, dai-me por esmola uma parte de vossa graça.* Na segunda dizia: *Aqui estou como um criado diante de seu Amo, dai-me o sustento de vosso Corpo, e Sangue, e o vestido da Caridade, que cubra todos os meus peccados.* Na terceira dizia: *Em vosso acatamento estou como réo diante de seu Juiz, perdoai-me, e tende piedade de mim.* Na quarta dizia: *Aqui estou diante de Vós, como um amigo com outro, apertai-me com o laço de vosso Amor tão estreitamente, que nunca me possa apartar de vós.* Na quinta dizia: *Aqui estou diante de Vós, como um filho diante de seu Pae, não me negueis a paternal herança do Céu. D'esta maneira ouvia eu Missa* (lhe disse) *e agradei ao Senhor tanto com isto, que teve por bem de conceder minhas petições, e me deu sua graça para a viver, e morrer com ella, e agora vou cobrar o terno galardão da Gloria.* E desapparecendo, deixou tão cansolado ao Confessor,

como instruidos a todos com o exercicio de sua devoção.

O que vale a Missa, ou dita, ou ouvida, ás Almas do Purgatorio, ainda que se infere dos quilates de seu valor no impetratorio e satisfactorio, como se tem dito, não obstante, Santo Athanasio *quæst. 54. ed Antioch* o explica com uma comparação tão aguda e galante, que não quero privar d'ella ao Leitor. Ao modo, diz, que quando na vinha floresce a vide, o vinho, que está recolhido, na adega, sente o cheiro, assim quando os Fieis brotam algum fructo em flôr, isto é, um intento, ou proposito de algum suffragio, logo começam as Almas encerradas no subterraneo centro do Purgatorio a sentir o cheiro e a consolar-se com sua fragrancia; e assim como a distancia que ha da vinha á adega, e da flôr ao fructo, não impede lá esse effeito, tambem cá a que ha do proposito á obra, nem da terra ao Purgatorio, o não impede.

Corôa com ajustada propriedade esta agudeza o caso *(apud Vilhegas)* de um servo de Deus, o qual vendo a uma Alma no meio do Purgatorio com um semblante affligido e angustiado, correspondente ao desmedido de seu sentimento, notou que de repente serenou o rosto com indicios de menor dôr, e mais consolação. Perguntou á Alma a causa de tão subita mudança, e respondeu-lhe: *A causa é, porque Deus me faz saber que n'este instante acaba de parir um filho a mulher que tive n'este mundo, e que esse como tiver idade, se ha de ordenar de Sacerdote, e que por mim ha de offerecer a primeira Missa, em virtude da qual hei de sahir então d'estas terriveis penas; e esta noticia é a que me refrigera, e me recreia tanto, como advertistes em meu semblante.* Pondere-se agora a verdade, e propriedade do dito de Santo Athanasio, pois não bas-

tou a distancia de um, e outro sitio, nem a do intervallo de tempo, até que chegasse a poder dizer Missa um menino acabado de nascer, para que esta Alma não sentisse tão temporão alvoroço. Se isto obra a mystica Vide da Vinha da Igreja, explicada sua virtude só em floridos rudimentos; que fará, quando se verter actualmente o fructo, que Christo madurou no estreito logar da Cruz?

S. João Chrysostomo diz que não só assistem os Anjos á Missa *(ut supra)* senão que concluindo o Sacrificio, acodem todos de tropel, voando ás portas do Purgatorio, a pôr por obra os resgates, que Deus franqueia por virtude d'aquella Missa, e muitas vezes succedeu quando o Sacerdote dizia: *Ite Missa est*, ouvir-se nos cemiterios grande, e festivo estrondo das Almas, que com suma alegria se preparavam para subir ao Céo em virtude d'aquelle Sacrificio, que se acabava de celebrar.

Ultimamente advirto em favor das Almas a vantagem de offerecer por ellas a Missa a respeito de a offerecer pelos vivos, pois o vivo póde perder o fructo da satisfação, porque póde não estar em graça, e não se perdôa a pena, senão se tira a culpa; mas como as Almas do Purgatorio não podem deixar de estar sempre capazes d'este fructo, sem que se frustre por estar em peccado o que diz a Missa, o que assiste, nem o que a manda dizer, de modo que não deixa de ficar soccorrido o pobre, ainda que esteja em peccado quem o soccorre. Antes diz o *Veneravel Padre Soares* que, ainda que nem se lembre, nem o peça o Sacerdote, nem faça especial oração pela Alma, por quem applica o Sacrificio, sempre se logra o fructo, por elle ser de sua natureza propiciatorio, e satisfactorio.

Em favor dos vivos advirto o que diz Santo Anselmo *(apud Castelvi ubi supra)* que aproveita mais

mandar dizer por si, ou ouvir uma Missa em vida, que mil Missas depois de morto. Pondere-se a importancia de adiantar este suffragio, pois um só tostão dado agora por esmola de uma Missa grangeia mais, que cem mil reis dados depois por esmola de mil Missas; dous tostões ou duas missas ouvidas agora, por mais de duas mil depois; tres por mais de tres mil; e se o Leitor vai a este respeito multiplicando a cada Missa ouvida agora o interesse de mais de um milhão ditas depois, tirará que é tanto o interesse das que póde ouvir cada dia, que ambicioso da ganancia tomará por officio empregar as manhãs só em ouvir Missas: porque se teria consolação de poder deixar por sua morte cem mil Missas, esta felicidade está tanto na sua mão, que a póde ter, e ainda maior, ouvindo agora cem Missas, pois (como assegura Santo Anselmo) é maior o proveito: *Audire devote unicam Missam in vita, vel dare eleemosinam pro ea, prodest magis, quam relinquere ad celebrandum mille post obitum.* E bastava para deixar indubitavel esta verdade a razão de que a Missa emquanto eu vivo me grangeia auxilios para merecer, e salvar-me, o que não póde depois de morto.

Mas porque não cuide alguem que tendo-se dito uma, e muitas Missas por uma Alma, não necessitará de mais em fé de sobejar o valor de uma para livrar a todas, é razão prevenir que, como é necessario que Deus a acceite por quem eu a applico, e isto póde deixar de ser, ou pelo menos não o posso eu saber, com isto deve continuar, sem me cansar jámais em repetir suffragios, porque talvez aquelle que se deixa de fazer, é o que Deus tinha determinado acceitar. De S. Luiz Beltrão se lê, que oito annos contínuos fez oração, obras pias, penitencias, e celebrou por tirar a seu pae do Purgatorio, e não o conseguiu até o fim dos oito an-

nos, e é certo que este Santo faria estas diligencias com mais fervor, que nós.

Bem informado se achava d'esta doutrina Filippe Terceiro, pois no mesmo dia em que morreu a Rainha D. Margarida, sua mulher, n'esse só dia, e só dentro em Madrid lhe mandou dizer mil e setecentas Missas, cincoenta e quatro cantadas, e duzentas e oitenta em Altar privilegiado. A Infanta Isabel Clara Eugenia fez dizer por seu Esposo o Archiduque Alberto quarenta mil Missas, e nos trinta dias immediatos á sua morte ouviu em cada manhã por sua alma dez Missas, por saber que ao defunto aproveitava com as ouvir mais, que com quantas boas obras de genero podia fazer por elle.

Concluo este capitulo, advertindo com todos os Theologos que tem mais parte nos fructos da Missa os que ajudam, em prova do que S. Thomaz de Aquino dizia uma Missa, e ajudava a outra cada dia. Não é menos a honra, que isto lhes adquire, por ter succedido muitas vezes responderem os Anjos ao Sacerdote, faltando ajudante; e o mesmo Christo em fórma de Menino ter ajudado á Missa a S. Pedro Paschoal, como traz a sua Historia. Do que resulta que ouvil-a, e ajudal-a é dobrar o valor ao merecimento.

GRITOS DAS ALMAS

A Vós, ó Sacerdote do Altissimo, a vós chamam estes espiritos desamparados dos seculares, e acompanhados só de tormentos: ouvi, ouvi a todo o Purgatorio que vos falla, e diz assim:

Se algum acaso vos transferisse ao palacio d'El-Rei de Tunes, se este vos désse a chave da masmorra com poder de a abrir; se com ella na mão

espreitareis o inclemente do sitio, seu aperto, sua profundeza, sua escuridão, seus cadafalsos, seus fornos, e cavernas; se n'ellas visseis um sem numero de captivos, se conhecesseis que eram Christãos, que eram amigos, e entre elles parentes vossos; se chegasseis a vêr que partiam vivos a uns com partezanas de aço, que murgulhavam a outros em abrazadas fornalhas de liquido fogo, que arremessavam a estes aos penhascos, para os esmagarem, que indomitas féras arrastando áquelles por pés e mãos, os despedaçavam; se uns e outros, se estes, e aquelles, se a uma voz todos juntos com lastimosas lagrimas vos dissessem: Ah senhor Sacerdote, applique vossa mercê a chave a essa porta, pois lh'a deu El-Rei para isto, applique-a vossa mercê, pois a tem já na sua mão; applique-a vossa mercê, pois é tão pouco o que lhe custa, e tanto o que nos vale; applique-a vossa mercê, pois com isso nos tira de tanta atrocidade, e nos habilita para tomar uma embarcação, que nos espera para nos trasladar á nossa querida patria. Se isto vos succedera, se isto ouvisseis, dizei-me, voltarieis então as costas, e entregando a chave a El-Rei, vos irieis d'alli, deixando todo aquelle Mundo de Christãos perecendo? Não farieis tal, e se o fizesseis, vos reputarieis pelo réo da mais infame culpa, e por digno da mais exorbitante pena. Pois ajude-nos aqui a razão, e favoreça-nos aqui a verdade. Não nos tem captivas n'este carcere do Purgatorio o Rei das eternidades, Christo? Não vos deu este Rei, quando vos ordenastes, a chave d'esta masmorra com o poder de abrir com o Sacrificio da Missa? Não sabeis pela Fé as angustias d'este sitio? Não ouvis que todas gritando vos dizemos que appliqueis essa chave? Não está na vossa mão fazel-o? De a applicar não lograes tirar-nos de tão miseravel esta-

do, e por-nos em caminho de nossa desejada Patria, que é o Céo? Pois em que juizo cabe que ou por vos desjejuardes mais cedo, ou por não perder o passa-tempo da caça, ou da viagem, ou por qualquer outro terreno estorvo deixeis de o executar? Isto que é, senão voltar as costas a nosso allivio, ensurdecer a nossos brados, e por não applicar essa chave deixar uma immensidade de Almas penando tanto, e tanto sem alivio, e talvez até o fim do Mundo?

Oh que inconsideração nascida de não conhecer o bem de uma só Missa! Pois se o ponderasseis, a cubiça de o ganhar vos curaria o mau uso de o perder. Oh negligencia originada de não pesar com a reflexão o ditoso officio que por vosso estado occupaes, de não considerar que vos achaes thesoureiro, e distribuidor do sacrosanto cabedal de todo um Jesus Christo! O Eterno Pae poz nas mãos de seu Filho todas suas riquezas, quando o Filho se pôz aos pés de seus Discipulos: *Omnia dedit ei Pater in manus;* e todas suas riquezas, e todo seu Filho, ó mil vezes ditoso Sacerdote, se põem em vossas mãos quando celebraes; o fim é, para que vos enriqueçaes, e nos allivieis, e vós retiraes a mão, e fugis com o corpo para nem dar, nem receber tanto bem. Ponde em uma balança os estorvos que vos tolhem a celebrar, ponde da outra parte os motivos, que vol-a admoestam, os quaes são os allegados n'este Capitulo, e vereis que sempre pesa incomparavelmente mais a causa que o pede, do que a que o impede: porque não se póde offerecer n'esta vida negocio, que seja mais grave, nem de maior importancia, que o de celebrar uma Missa.

Que dirieis do Tutor, ou Curador, que tendo copiosa fazenda de umas pupillas creanças, as deixasse passar em um carcere graves penas, por não

pagar por ellas leves custos? Não acharieis palavras, com que aggravar sua culpa, já por ser divida em razão de seu cargo, já por poder com pouco allivial-as muito, já porque ainda esse pouco não era dispendio do Tutor, senão do alheio, e já por ellas não poderem livrar-se de si, nem defender-se. Pois voltai contra vós, ó negligente Sacerdote, essas abominações, já porque desde que vos ordenastes sois nosso Tutor, nomeado por Christo, e pela Igreja; porque nós somos orphãos pupillas, que estamos n'esta cadeia pelas custas; já porque vós podeis com pouco; e já porque nem ainda este pouco é vosso, senão das indeficencias expensas de Jesus Christo, que pôz em vossas mãos esses meios para este fim. Pois em que lei cabe, ó Sacerdote, que queiraes, por deixar um dia a Missa, deixar estas vossas pupillas pelas custas em um lago de miserias como este? Quando devieis santamente perder a paciencia do que tarda o dia em amanhecer pelo que vos retarda a occasião de celebrar.

Mas ai de nós, que os mais altos tornam menor ecco a nossos Gritos, e que os mais poderosos costumam ser os mais ingratos, como nos que podem menos costuma luzir mais o agradecimento. A tibieza, que experimentamos nos Ecclesiasticos, nos faz recorrer a vós, ó pios e temeratos Seculares. Attendei ao que n'este Capitulo interessaes em uma Missa, que mandaes dizer, ou que ouvis, o que vos enriqueceis a vós, o que nos alliviaes a nós, quanto alegraes aos Anjos, e quanto glorificaes a Deus.

Desenganai-vos de que nenhuma obra é mais efficaz, que a Missa; ainda que todos os homens do Mundo jejuassem por nós, ainda que por nós se açoutassem até se affogarem em seu proprio sangue, ainda que todos morressem por nós, nada

d'isto, nem quanto todos os homens, e os Santos podem fazer, e padecer, chega, nem póde chegar ao suffragio de uma só Missa: porque n'ella se offerece o que fez, e padeceu um homem Deus, a cujo respeito tudo o mais é nada. Se não tendes para nos mandar dizer Missas; ouvi-as, lembrando-vos de que, se os Bemaventurados descessem do Céo para estar meia hora no Mundo, não empregariam esse breve tempo em outra obra mais, que na de ouvir uma Missa. E pois lêstes no Capitulo a consolação, que deu a uma de nós só a noticia de que um menino acabado de nascer havia de dizer por ella a primeira Missa, quando se ordenasse, inferi, se de tão longe, como desde que nasce o que a ha de dizer, fez tal effeito a esperança de uma Missa, quanto maior fará a que nos mandardes dizer, ou ouvirdes ámanhã? E pois Santo Athanasio vos disse no Capitulo que só o proposito, ou o intento nos alvoroça, desde logo nos podeis infundir este prazer; se agora o propondes, desde agora nos consolaes: não negueis este allivio a estas affligidas Almas, promettei, se podeis, mandar-nos dizer Missas, se não podeis, promettei de as ouvir; e se ouvis uma cada dia por costume, promettei ouvir duas, e muitos dias mais por nosso soccorro: e é tanto o que isto excede ás Orações, que não concluimos estes Gritos, como os outros, pedindo-as, senão rogando-vos este proposito, e promessa; fazei-o por amor de Deus, de vossa Alma, e das nossas.

CAPITULO III

De outro efficaz meio para applacar estes Gritos, que é a Esmola

Que depois do Sacrificio da Missa seja a esmola a que mais aproveite aos defuntos, é corrente com S. Thomaz 4 *dist* 45, e ainda ao sacrificio da Missa se augmenta mais proveito para este fim, quando se dá sua esmola a Sacerdotes, ou Religiosos pobres. A razão de conduzir tanto para isto é, porque além do satisfatorio (emquanto é obra penal desapropriar-se um do que dá) se adquirem as Orações dos que as recebem, e como as dos pobres tem por si a presumpção de mais justos, são mais impetratorias, que as dos peccadores. *(Tobias, cap. 14.) Panem, et vinum super sepulturam justi constitue, et noli ex eo comedere cum peccatoribus.*

Esta virtude vence as outras no que alcança, porque uma só esmola aproveita a tres, a quem a dá, a quem recebe, e á Alma do Purgatorio, por quem se offerece. E para provar distributivamente esta verdade, começo mostrando que quem dá a esmola, fica de melhor condição, do que quem a recebe, ainda que este fique rico com ella: porque este recebe bens terrenos fugitivos, e o que a dá bens do Céo, que não se podem perder; este recebe o que occasionalmente condemnou a muitos, e o que a dispende faz o que salvou a infinitos. E para que se veja ainda com que circumstancias obra esta esmola, diga-o o seguinte caso:

Leoncio, na vida de S. João Esmoler, refere que havia um senhor tão rico, como avaro. Achavam-se muitos pobres em um dia de Inverno tomando o Sol; foi entre elles murmurada sua dure-

za, e contestando todos que nenhum lhe podéra jámais tirar uma esmola, apostou um pobre com os outros que pouco poderia elle, ou lhe havia de tirar alguma cousa: acceitaram a aposta, e foi o sobredito a combater sua miseria; esperou-o ao entrar de casa, pediu-lhe esmola, negou-lh'a, tornou a pedir-lh'a: encheu-o de injurias por ser tão importuno; não obstando estas, tornou o pobre a pedir-lh'a, e furioso o rico de tanta importunação, buscou a vêr se achava alguma pedra, com que lhe atirasse; cego de cólera não a achou, e como então lhe trouxessem o jantar, pegou o rico em um pão, e com elle lhe atirou indignado á cara: tomando-o então o pobre, foi contar a victoria a seus companheiros, e cobrar sua aposta. Crueldade foi, que o diabo não imaginou, pois só elle quiz que se fizesse das pedras pão para comer, e este rico fez do pão pedra para atirar.

Passados dous dias, adoeceu gravemente, e achou-se opprimido de um pesadissimo lethargo; n'elle viu que era apresentado ao Tribunal de Deus, e que os demonios em figura de feiissimos negros carregavam em uma balança todas suas más obras; os Anjos, querendo-as contrapesar com as boas, repassaram o livro de sua larga vida, e nenhuma acharam, de que sumamente se entristeceram, até que encontraram com o pão, com que havia atirado ao pobre, e pondo-o na outra parte da balança, e vendo o muito que lhe faltava para igualar, disse um dos Anjos ao miseravel réo: Bem vês que esta esmola tão pequena, e por força, e nascida mais da cólera, que da piedade, é nada o que contrapesa a teus muitos, e gravissimos peccados; não obstante, por ella, ainda que tão abominavel por suas circumstancias, te dá Deus licença, para que tornando ao Mundo, te empregues em tão boas

obras, que sejam equivalentes ás más, que commetteste. Tornou em si e a esta vida, exclamando: *Que prodigio é este do valor da esmola! Se um pão arremessado só por vingança, me livrou do Inferno, que fará dado, e por amor de Deus?* Emfim ficou tão convencido, que deu toda sua fazenda a pobres, deu até o vestido que trazia, e se deu tambem a si proprio, porque se vendeu por escravo, para com o seu preço soccorrer aos pobres, vivendo tão dado a esta virtude, como favorecido do Céo; e não se deve perguntar como morreu, dizendo S. Jeronymo que nunca ouvira, lêra, nem soubera que alguma pessoa esmoler se tivesse condemnado.

Os riquissimos engenhos de S. Cypriano, e Santo Anselmo não se contentam com assimelhar a esmola ao Baptismo em muito, mas animaram-se a dar-lhe alguma vantagem, isto é, em que o Baptismo póde uma só vez lavar o homem, porque uma vez só o póde receber, e a esmola tantas, quantas vezes a dér. Eu mesmo posso fazer resto a esta virtude; faço muito resto, ganharei muito, e pouco, se pouco, e todas as vezes que eu queira, o que não tem o Baptismo. Por isto S. Maximo intitula a esmola com termos não de tanque, ou regato, capazes de seccar-se, senão de fonte, que sempre póde estar manando: *Fitque in illis misericordia* (diz Serm. 1. de Eleemosyna) *fons salutis, quibus avaritia fuerat mortis incendium.*

Bem gostosamente o experimentou *(apud Cart. tom. 4.)* aquelle lavrador, que hospedando uma noite a dous pobres Religiosos, como não tivesse mais que quatro vintens, e gastando-os com elles, havia de ficar elle, e sua familia sem cear, se resolveu a gastal-os, e ficar sem elles, e sem cear, porque os dous pobres Religiosos ceassem. Deus

lhe premiou esta esmola, fazendo que desde então achasse quatro vintens todas as vezes que mettia a mão na algibeira; durou este successivo, e contínuo milagre até que com os muitos quatro vintens que foi tirando, comprou propriedades, com que passou a vida com largas conveniencias. Veja-se como se verificou aqui ser a esmola fonte perenne, e ser quem a dá o que augmenta o resto, pois por este o ter feito de quatro vintens, lhe manava a mesma quantidade.

Por isto a singularidade mais grandiosa d'esta virtude é começar o seu premio logo n'este Mundo, e de contado, de modo, que com ser regra tão geral, que ninguem póde ter gloria n'este Mundo, e no outro, com tudo diz o douto Palacios que só no esmoler padece esta regra excepção: *Hanc regulam sola violat charitas,* verdade, que David faz authentica, não se contentando com o beatificar no Céo, mas tambem na terra: *Et beatum faciat eum in terra.* De cujo Psalmo diz o Chrysologo que é uma rogativa, que toda a Igreja faz a Deus para este fim, e se conhece que sempre a ouviu, por se achar tão qualificada de experiencias.

A S. Gregorio levantou o Senhor ao Summo Pontificado em premio de ter dado a um pobre a tigella de prata, em que sua mãe lhe mandou uns legumes, como lh'o disse depois um Anjo. S. Silvestre subiu á mesma Dignidade, pela mesma virtude. Pela esmola veio Cosme de Medicis a ser Duque de Florença. Todas as honras, triumphos, e riquezas, que conseguiu o Cid, lhe deu a piedade de ter deitado na sua cama um pobre, que achou na rua; e pela esmola *(apud Sur. 6 August.)*, além de outros muitos, chegaram os filhos de um Fidalgo particular a ser Reis de França.

Não só grangeia honras a esmola, mas tambem

interesses em tanto, que tendo muitos empobrecido, ou pelo jogo, ou por desgraça, ou tempos contrarios, não se sabe que alguem tenha empobrecido pela esmola, e de innumeraveis se sabe que os fez ricos, e poderosos: mas que muitó, se Deus dá um réddito tão excessivo como o de cento por um? No que é tão pontual, que mandando o Bispo S. Germano a seu Assistente de Evangelho que désse de esmola tres moedas, e como désse não mais de duas, por se ficar com a outra para o gasto, depois lhe vieram milagrosamente duzentas do mesmo valor. A de não ser maior a somma tirou o Bispo por conta que não teria dado de esmola mais que duas, e disse ao Assistente: Tomai essas duzentas, que correspondem ás duas, que déstes, e se tivereis dado as tres, como vol-o mandei, teveramos recebido agora trezentas, que eram os rédditos, com que Deus nos havia de recompensar a razão de cento por um. S. João o Esmoler costumava dar ao pobre um real não mais que por fazer esta experiencia, dizendo entre si: Vejamos se Deus me restituirá cento; e se alguma vez não lhe tornava cento, era porque lhe restituia mais, como quando pagou em estanho grande quantidade de trigo para os pobres, e Deus permittiu que nas mãos do credor se convertesse em fina prata; e quando umas botijas de mel, que lhe mandaram, se lhe tornaram de subido outro. O mesmo experimentou o referido Duque de Florença, dizendo: *Desde que assentei companhia com Deus, tenho achado por meus livros de caixa que por cada particula que dei a seus pobres, recebi cem vezes mais do que dei.*

Isto se faz duro de crêr a muitos, porque deram algumas esmolas, e nunca receberam este cento por um, e os desenganos que o receberam, pos-

to que o não sabem. Como póde isto ser? Respondo, que de dous modos, adquirindo, ou deixando de perder cento, que virtualmente é o mesmo. E senão, pergunto, tudo o que adquirem depois de feita a esmola, ainda que lhes venha por qualquer direito, não o podia Deus frustrar? E' certo que sim. Pois se em premio da esmola deixa de o fazer, já lhes dá cem vezes mais do que lhe deram. O segundo modo é estorvando, que percam cento, porque deram ao pobre um; senão, digam-me, não podia Deus mandar-lhes uma doença, em que gastassem cento, ou alguma desgraça, em que os perdessem? Não tem dúvida. Logo se em premio da esmola desvia sua Providencia aquillo, em que haviam de gastar cento, e isto é por aquelle um, que deram ao pobre, já cobram o cento por um, que deram de esmola. E como ignoram que não lhes frustrar Deus o que percebem, e que desviar-lhes as occasiões de gastar o percebido, é em premio da esmola, por isso disse que recebiam sem o saberem; pois desde agora o saibam, e conheçam quanto mais é o que Deus lhes recompensa, que aquillo que deram ao pobre; advertindo tambem que não se dá este avanço a quem só por elle faz a esmola, porque este não olha para Deus, nem para o pobre no que dá, senão para o seu temporal interesse: e é uma cubiça tão civil, que quanto merecia pela obra, o desmerece pelo fim.

Engraçadamente se acredita a referida doutrina com este milagre. *In vitis Pat. lib. de Pauper.* se refere que um lavrador empregava nos pobres tudo o que lhe sobejava do gasto. Um dia se pôz a considerar que se não reservava alguma cousa para uma doença, ou para quando fosse velho, morreria de fome, e assim resolveu recolher em um sacco o que antes empregava nos pobres. Apenas tinha o

sacco cheio, quando se lhe cancerou um pé, e depois de ter gastado com Medicos, e Cirurgiões tudo o que tinha recolhido, lhe disseram que, se não lhe cortavam o pé, morreria. Determinou cortal-o ao outro dia, e n'aquella noite recorrendo mui affligido a Deus, lhe disse: *Lembrai-vos, Senhor, do que dei a vossos pobres no principio.* E apparecendo-lhe um Anjo, lhe disse: *Aonde está o dinheiro das esmolas, que deixaste de dar, pelo guardar para uma doença? Não vês como com isso perdeste o dinheiro e a saude?* Ouvindo isto, se arrependeu do mal que discorrera, pois devia entender que em premio do que gastava com o necessitado, Deus o preservaria de que necessitasse do que poupava, livrando-o de adoecer, como o experimentou emquanto o fez. (Ah quantos d'estes ha no Mundo, os quaes regateiam as esmolas pelo receio de cahir em uma cama! Queira Deus que a allegada razão, e exemplo lhes abra os olhos, e as mãos.) Emfim, fazendo proposito de continuar como a principio, lhe tocou o Anjo no pé, e ficou tão livre, que quando veio o Cirurgião para lh'o cortar, achou que andava já no campo trabalhando. Ora, pois, humanos, não ha mais que renovar esmolas para enthesourar, e achar quando percaes a saude, se não quereis perder a saude, e o que forrastes.

O segundo effeito da esmola, que é o soccorro de quem recebe, não necessita de prova, e assim passo ao terceiro, que é o que aproveita ás Almas, e isto deu a entender uma á Madre Francisca do Sacramento, a quem, como negasse uma fatia de pão a um pobre, por estar já dada a esmola d'aquelle dia, appareceu, e lhe disse: *Dai-lh'a em meu nome, porque me acho mais neccessitado do soccorro, que o mesmo pobre.* Assim o fez deixando com uma mesma acção a ambos soccorridos. Por isso

aconselha Lansperigio *(Enchridion. cap. 13)*. que quando algum pobre nos pedir, entendemos que uma Alma do Purgatorio é a que nos pede, e que dar-lhe esmola a elle é dar-lhe a ella o Céo, e assegural-o para nós; e com esta consideração desejaremos seu soccorro tanto, como nossa salvação propria. Movida d'isto a veneravel Matrona Antea de Luca, andava pelas ruas, e pelos Palacios pedindo para os defuntos com estas palavras: *Homens, fazei bem para vós mesmos*.

A razão, porque a esmola é o meio mais proporcionado para este soccorro, é porque o humor peccante, de que adoecem os mais dos humanos, é a cobiça, como o choravam á Madre Francisca as Almas, que lhe appareciam; e como é inclinação de Deus curar as coisas com seus contrarios (como diz S. Gregorio), e o contrario de guardar o temporal é distribuil-o com os pobres, por isso esta distribuição é o medicamento mais immediato contra as penas dos defuntos, e as culpas dos vivos; S. Maximo o disse expressamente acima, porém não chega á clareza, com que o Espirito Santo o canoniza: *Sicut aqua extinguit ignem, sic eleemosgna peccatum*; e o Chrysologo: *Misericordiam nescit Divinus ignis exurere*.

Confunda vergonhosamente aos Christãos um Japonez baptisado de pouco *(apud Boniers cap. 2)*, o qual achando-se tão pobre, que não tinha com que mandar dizer uma Missa pela Alma de seu pae, se despiu de todo o vestido, que trazia, e o deu a um Sacerdote, para que por elle lhe dissesse uma Missa; bem que este, compungido da acção, não o quiz acceitar, e lhe disse muitas sem mais esmola, que a de seu espirito. Isto fez um baptisado de dous dias, e entre nós haverá quem tenha as paredes vestidas de seda e as Almas de seus avós

nuas de suffragios. Entre as senhoras haverá quem tenha para accrescentar cada dia custosas galas, e de deixar tremer de frio as Almas de seus paes, e avós; e outros terão cuidado, cabedal, e lembrança, para que nenhum dia se deixe de dar a ração a cães, passaros, e cavallos, e deixam muitos annos a seus defuntos sem algum sustento de esmola. Chegai-vos ao espelho d'este novo baptisado, e vereis vossa muita impiedade, e pouca Fé.

Para que os dous referidos abusos se emendem, e se troquem em esmolas, direi dous casos: um traz Cesario *(lib. 11, cap. 41)*, e é uma senhora mui principal, que creava passaros, e cães a todo o custo; negou esmola a uns pobres, e reconvindo-a com que o mereciam mais, que os brutos, que creava, tanto se indignou, que os despediu com aspereza de palavras. Chegou brevemente a hora de sua morte, e estando nas agonias d'este passo, á vista dos circumstantes sahiram os passaros de suas gaiolas convertidos em horriveis corvos, e os cães em ferocissimos rafeiros, entraram uns, e outros na camara da moribunda, e afferrando cruelmente em seu corpo, o arrebataram com a Alma aos abysmos; tragedia, que não necessita de mais ponderação, que sua proposta.

O outro caso é da senhora *(apud Carab. trin. 2)*, que sendo persuadida a que reformasse o trajo, e defendendo-se com que ella não andava profana, disse irada: *O diabo leve tudo o profano, que eu trago;* e logo se pôz diante d'ella um feiissimo demonio, que com furor começou a despojal-a de todos os adornos, a arrebatar-lhe o vestido, e a arrancar-lhe o trançado do cabello, joias, e fitas, deixando-a mal ferida, e bem escarmentada. D'estes dous successos hão de tirar o proposito de evitar em seu gasto o superfluo, para dar aos pobres o

preciso; como tambem os mesmos adornos, que ou por antigos não aproveitam, ou por muitos sobejam, mandal-os a Hospitaes, ou Sacristias pobres, pois mais vale que os leve Deus, que não leval-os o diabo, procurando applicar esta esmola por suffragios áquellas desabrigadas Almas do Purgatorio.

Não escusa d'esta obra a falta de meios, nem a multidão de filhos; não o primeiro, porque tem muito, deve dar muito, e o que possue pouco, basta que dê pouco. *(Tob. cap. 4.) Si multa tibi fuerint, abundanter tribue; si exiguum fuerit, etiam exiguum impertiri stude.* Antes quem tem menos, ha de dar esmola, não porque tenha mais se não por ter mais. O Cluniecense *(lib. 1, cap. 28)* diz que a Alma de um criado appareceu a seu Amo, e lhe disse: *Dai de esmola oito soldos, que me ficastes devendo de meu salario.* D'onde infiro o grande allivio, que uma Alma recebe de qualquer esmola, por pequena que seja, e o grave prejuizo, que faz aos defuntos quem lhes retem maiores quantias.

Nem menos escusa o segundo, porque (conforme diz S. Cypriano *de oper, et Eleem)* quanto maior fôr o numero dos filhos, tanto hão de ser mais as esmolas, pois ha mais Almas, por quem rogar, mais peccados que redemir, mais consciencias que purificar, mais vidas que conservar, e mais salvações que pretender, e tudo isto grangeia a esmola: *(Tobiæ, cap. 12.) Eleemosyna a morte liberat, purgat peccata, et facit invenire misericordiam, et vitam æternam:* como o praticava o invicto Job, o qual cada manhã offerecia outras tantas oblações, como tinha filhos, sendo que tinha dez, multiplicando a seu respeito as esmolas pelos ditos fins.

Para comprovação d'esta verdade não era necessario mais, que avivarem os homens a fé de que

não ficam carecendo d'aquillo que dão ao pobre. O mais mesquinho lavrador se desapropria do trigo, e o lança de si quando semeia, com a esperança de que a terra lh'o tornará augmentado, sobre a experiencia de mentir tantas vezes a seu desejo; e um rico não semeia no pobre com a fé segura de que o Céo lh'o augmentará, affirmando-o Christo, que é incapaz de ser enganado, e de enganar, o qual offerece *(Matthæi, cap. 19)* que aqui receberá cento por um, e lá a vida eterna; sobre o que diz o Chrysologo: Ou o credes, ou não o credes; se o credes, e não daes esmola, avaliai-vos por louco, e se o não credes, por hereje. Veja agora cada um qual d'estes attributos lhe convém. Por isto perguntado um poderoso pelo cabedal, com que se achava, respondeu que só tinha seis centos florins. E replicando-lhe como podia ser, quando era senhor de muito mais, disse que porque só tinha o que dera aos pobres, e só esta era a quinta, que lhes havia dado. Ponha o Leitor os olhos emquanto gastou no decurso de sua vida e verá que de tudo o que empregou nas creaturas, nada lhe ficou, tudo se desvaneceu, e que só tem o que deu a pobres e sem que se lhe diminuisse um real, desde o primeiro que deu até agora, como o achará no livro das contas, que der a Deus. Por isto um que foi grande Esmoler, mandou esculpir na sua sepultura estas palavras: *Nada tenho mais que aquillo, que com Pobres dispendi, porque tudo o mais perdi.*

GRITOS DAS ALMAS

É possivel, meu amado Neto, que nem ainda vos deva uma lembrança a Alma de vosso pobre avô? Esta vida que tendes, e essa fazenda, que

lograes, não tivera vindo de vosso pae a vós, se não passára de mim a vosso pae; pois como em tantos annos como ha que falleci, não tenho merecido que desseis em meu suffragio a um pobre alguma cousa do mesmo, que foi meu? Direis que não me conheceste: que importa que não conhecesseis ao credor, se conheceis a divida, e vossa obrigação? Oh que rigor! Porém não é effeito da dureza de vosso coração, senão filho da ignorancia de minha pobreza. Ouvi, vereis que excede a toda a maior.

Se é pobre o que nada tem, mais pobre é aquelle, que sobre ser nada o que tem, é muito o que deve; mais pobre é o que sobre ter nada, e dever muito, não tem arte, nem modo para o ganhar; pois ainda é mais pobre aquelle, que além de não ter, além de dever, e além de o não poder ganhar, não tem quem lhe empreste, nem fórma para mostrar sua miseria, e pedir socorro; este é o ultimo grau da pobreza, e este é o que afflige a minha Alma. Não tenho, porque se me passou o tempo de merecer: *Mortui non habent ultra mercedem (Ecclisiast. 9.)* Devo muito, porque não se podem comprehender os delictos, que aqui se pagam *(David.) Delicta quis intelligit?* Falta-me arte para o ganhar, porque desde que me colheu a noite da morte, não posso trabalhar *(Ioan. 9.) Venit nox, in qua nemo potest operari.* Não tenho quem me empreste, porque vós, que podieis, não o fazeis, meu filho, que devia, pelo ter creado, e exaltado, se esquece de mim, e me despreza *(Isaie 1) Filios enutrivi, et exaltavi, ipsi autem spreverunt me.* E sobre tudo isto não posso tornar ao Mundo a pedil-o *(Sapient. 2.) Non est agnitus, qui reversus sit ab inferis.* Olhai se o extremo de pobreza, que me magôa, é o maior, o surperlativo, e o ultimo.

Pois nada tenho, pois sobre nada ter, devo muito; pois sobre não ter cousa alguma, e dever muito, não o posso ganhar; pois sobre não ter cousa alguma, sobre dever muito, e sobre o não poder ganhar, não posso sahir a pedil-o: e sobre tudo isto tenho n'esse Mundo um Neto, como vós, que podera, e devia valer-me, e o não faz, como é possivel que o extremo de minha necessidade não quebrante ao extremo de vossa obstinação. *Quid faciam* (Luc. 16) *quia Dominus meus aufert a me villicationem? Fodere non valeo, mendicare erubesco.* Que farei, pois o Senhor por uma parte me tirou do campo Militante de sua Igreja, aonde o podia servir, e ganhar mercês, por outro não posso ir cavar, nem me deixam andar de porta em porta? *Quid faciam?* Que farei? Ai de mim! Que farei? Nada posso fazer, o que posso é só padecer, mas justamente; pois a miseria, de que usei com os pobres, se desquitou com a miseria, que padece minha Alma, porque não fiz esmolas, que agora cobririam minha nudez, e mitigariam o frio que nos afflige, e me tiveram tecido a nupcial vestidura, precisa para tomar posse do eterno desposorio com Christo.

Emfim, se a qualidade da pobreza não vos move, mova-vos a quantidade dos pobres. Se ouvir que em um Hospital ha a um mesmo tempo oito centos, ou nove centos doentes, e vos enternece, e vos faz alargar a mão e a esmola; sabei que os doentes, que jazemos n'este santo Hospital do Purgatorio, não se contam por centenas, nem por milhares, se não por milhões; e assim pelas entranhas de Jesus Christo, que quando ouvirdes dizer: *Esmola para as bemdictas Almas do Purgatorio*, vos lembreis quam bem, e emquantos a empregaes, que é o mesmo que dizer-vos: Esmola para vestir a vosso avô, que aqui jaz chagado paralytico, e to-

lhido; esmola para que se cubra, por estar trespassado do mais agudo, e enregelado frio; e esmola para pagar suas dividas, e apagar suas chammas. Se isto tendes presente, não a negareis, e se ainda repugnaes, não vos lembreis do que eu ganho, se não do que vós interessaes, que é mais: porque eu só ganho allivio de pena temporal, o pobre, que a recebe, só adquire soccorro para o corpo; porém vós adquiris bens do corpo, da Alma, temporaes, e eternos; pois applicando esta esmola, por mim, ella, e minha intercessão vos grangearão auxilios para tudo.

Vós lograes ser agradecido a Christo na maior fineza, que lhes deveis, porque se esta foi sacramentar-se para vosso sustento, não tendes outro modo de sustentar a Christo, que sustentando ao pobre: *Esurivi, et dedistis mihi manducare*. Vós lograes dar um nada da terra a quem depois vos ha de dar o Céo: vós com o que dizeis ao pobre regulaes o que quereis que Deus vos diga no Juizo: *Disponet sermones suos in judicio*. Se ao pobre, que pede, cerraes a porta, dizendo-lhe: *Perdôe, não ha que lhe dar*; quando vós pedirdes o Céo a Christo, vos responderá o mesmo: Perdôe, que não foi esmoler, que não ha Gloria que lhe dar, porque esta que ha, está destinada por meu Eterno Pae para os que o foram: *Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est a Patre meo*. E com razão; porque seu Pae o é das misericordias por Antonomasia: *Pater misericordiarum*, e com o *Perdôe*, e com o *Não ha que lhe dar*, com que cerraes a porta ao pobre, vol-a cerrará o Senhor, como pelo mesmo (pois foi por falta de caridade, significada no azeite, que faltou) se fechou ás imprudentes do Evangelho: *Clausa est janua, nescio vos*,

aonde tambem concorreu não haverem despertado aos Gritos: *Et ecce clamor factus est.*

Emfim é tanto o ganho da esmola, que se se considerasse com viva fé, no mesmo ponto todos dariam suas fazendas aos pobres; e estes tanto que com ellas passassem a ser ricos, buscariam a outros pobres, em quem as distribuissem, e os outros a outros, não havendo quem quizesse ser um instante rico, por não deixar n'aquelle instante de exercitar esta virtude, e colher o fructo do seu exercicio. Não succede isto, porque vem ao pobre pelo que mostra e não pelo que esconde; o que mostra, tudo affugenta, porque é tudo asco, chagas, trapos, e miseria; o que esconde, tudo é regalo, porque é o ser formosissimo retrato do mesmo Christo, e ser aqueducto, por onde dispende todos os bens; outras vezes não é retrato, senão o mesmo Christo, que costuma andar como pobre disfarçado, e talvez chegou de rebuço Christo em pessoa alguma hora a pedir esmola, e lh'a negastes. Qual seria o pesar que terieis, se em realidade tal vos acontecera? Pois para que outra vez não vos succeda, vos aconselha Santo Agostinho que deis esmola a todos, porque não aconteça que esse a quem a negardes, acerte de ser Christo: *Date omnibus, ne cui non dederitis, ipse sit Christus.*

Abri pois os olhos, e abrireis as mãos, ás arcas, e aos escriptorios; abri os olhos para vêr, e considerar o immenso aggregado de conveniencias, que a esmola vos traz na fazenda, no corpo, na Alma, na vida, na morte, no Juizo, no Purgatorio, e na eternidade; e abrireis as mãos para dar muito se podeis muito, e para dar pouco se podeis pouco; e abrireis as arcas, para as despejar de vestidos que não são do uso para vossa pessoa e são de proveito para o pobre; e abrireis os escriptorios para os des-

occupar de brincos, que n'elles de nada servem, e distribuidos no ornato e culto Divino, servirão de suma utilidade a vós e a estas angustiadissimas Almas de vossos Avós, as quaes em tantos annos, como ha que cahiram n'estas escuras enxovias, não tiveram de allivio nem um só instante, tudo foi e é um continuo suspirar, sem respirar um ponto. E, pois, como ouvistes ao Espirito Santo, a esmola é a agua d'este fogo, deixae logo o livro, e se vos achaes em vossa casa, acudi a tirar agua do superfluo d'essas arcas, com que apagueis estas chammas, as quaes tão tenazmente se estão cevando em nossos espiritos; se agora não podeis, promettei fazel-o ámanhã, e se vos faltam estes meios, lançae-nos á agua da Oração da Avè-Maria tres vezes repetida, alludindo ao valimento, que Nossa Senhora tem com as tres Pessoas da Santissima Trindade. Avè-Maria.

CAPITULO IV

Da Oração e Orações com que as Almas podem ser soccorridas

É voz commum de Theologos e Padres ser a Oração um dos efficazes meios, com que os vivos podem alliviar aos defuntos. Da mental ha um ou outro que o negam, fundados em que não é satisfatoria, porque não é obra difficil, nem penal. Faça o Leitor experiencia de si em ter Oração, conhecerá quam falso fica este fundamento, porque será testemunha da difficuldade que encontra, e mortificação que sente. Um dos mais experimentados o confirma, que é o grande Abbabe Agathon, tendo-o por tanto trabalho, que no seu conceito não ha ou-

tro, que se lhe iguale: *Non puto esse alium laborem talem, qualis est orare Deum.* A razão dará quem não é menos prático na materia, o Abbade Nilo: *Omne bellum, quod inter nos et dæmones conflatur non est de alio, quam de Oratione.* A raiz (diz) de toda a raiva do demonio contra nós é a Oração. Este é o forte, contra o qual assesta sua artilheria, e toda a munição, com que faz a guerra, são as especies, que arroja a nossa phantasia; com que padecer, resistir, e rechaçar estes tiros, sendo tão contínuos, tão inevitaveis, e tão vehementes, não póde deixar de ser difficil, e penal, e por consequencia satisfatorio pelas Almas, quando se lhes applique. Emfim a Escritura tira toda a dúvida n'esta materia, porque *(Machab. 1) diz: Santa ergo, et salubris est cogitatio pro defunctis exorare, ut a peccatis solvantur;* aonde aquelle *Santa et salubris est cogitatio pro defunctis, etc.*, canonisa a Oração Mental pelos defuntos.

Comtudo requer a Oração essencial attenção para este effeito, e estranho haver Theologos, que a tratem de propriedade, ou circumstancia sua não podendo duvidar que a sua attenção é toda a sua essencia, e substancia, por se definir: *Elevatio mentis in Deum:* aonde se vê que não consiste em levantar a voz a Deus, se não o pensamento, e imaginação, *Mentis*, e que emquanto esta se abate voluntariamente ao temporal, já não póde ser Oração, nem de fructo para as Almas: porque (como S. Cypriano discretamente disse *de Orat. Domini*) que muito é que Deus não attenda ao que pedis, se nem ainda vós vos attendeis a vós mesmo, quando lh'o estaes pedindo? *Quid mirum á Deo orantem non intelligi, cum ipsi semetipsum non intelligat?* Disse voluntariamente, porque se não consentis nas distracções, antes as aborreceis, e pas-

saes o breve espaço n'isto, tendes Oração muito mais proveitosa, para vós, e agradavel a Deus, que se a tivereis absorto sobre os mesmos ares.

Explico-me em dous pretendentes de uma mercê, que solicitam d'El-Rei: um allega que o serviu, guardando na Primavera seus jardins, e casas de recreação; e outro que o serviu em um Inverno defendendo-o na porta de seu palacio do inimigo, e luctando com elle de dia, e de noite, impedindo que entrasse a tirar-lhe a vida. Quem duvida que este allegava. mais que aquelle, e que tinha melhor direito á mercê? Pois assim o tem quem ora, forcejando continuamente com as tentações, porta por onde o inimigo de Deus arma a tirar-lhe a vida com a culpa. O outro que ora sem opposição, antes com o fructo da interior, e dulcissima paz de espirito, serve a Deus na Primavera, conserva-se firme em seu serviço, porém morando em casas da Divina recreação, favorecido da suave aura do Céo; *In sibilo auræ tenuis*. Emfim ora gozando, e goza orando; mas aquelle padece orando, e ora padecendo; com isto merece mais para si, e satisfaz mais pelas Almas, se lhes applica aquella Oração, e tem mais direito a qualquer mercê, que pedir a Deus.

Para tirar escrupulos, e consolar aos infinitos que se affligem por padecer distracções, ou na Missa que dizem, ou na que ouvem, ou no mais que resam por obrigação, ou devoção parecendo-lhe que não satisfazem, pelo terem feito divertidos, quero dar um documento tão seguro, como do Mestre dos Mestres, S. Thomaz; e é, que no principio de qualquer obra d'estas tenhaes intenção de estar attento, e ainda que depois tenhaes acabado a obra sem vos haverdes lembrado de Deus, antes imaginando em despropositos, e ainda em cousas más, como não seja advertidamente, satisfazeis, e não deveis

repetir a obra, e mereceis, e mais satisfazeis forcejando com estas tentações, que considerando altissimamente em Deus: *Attentam saltem in prima intentione oportet esse Orationem, si meritoria, si impetratoria sit futura* (*2, 2 quæst. 84, art. 4.*) E a razão é: porque a intenção do principio se continúa virtualmente, ainda que depois physicamente a interrompam as distracções, por muitas e horriveis que sejam, se são involuntarias.

Tendo-me uma Alma pedido remedio para isto, por ser tão incomparavel seu desasocego, que não foram bastantes os meios, que os Mysticos dão, a persuadi que tanto que lhe viesse algum mau pensamento, dissesse uma Oração, que observei no veneravel Padre Nieremberg, e depois me disse que não necessitou chegar a dizel-a, porque desde que o propoz, lhe cessou a perseguição, sendo que até então havia sido tão grande, que se explicou, dizendo que em se pondo a resar, ou a meditar em Deus, vagueavam em sua cabeça os maus pensamentos da maneira que os átomos se vêem ferver no ar á luz do Sol. A Oração é a seguinte:

Oração contra os maus pensamentos

Meu Deus, quantas vezes me vier alguma tentação, tantas vezes vos quero louvar, e glorificar, e vos louvo, e glorifico, e tantas vezes vos offereço todos os louvores, que vos teem dado, vos dão, e vos hão de dar todos os Bemaventurados, e todos os que vos tiverem dado, vos dariam agora, e vos estariam dando por toda a eternidade o maligno espirito tentador, e seus companheiros, se por sua soberba não tiverem cahido.

N'esta Oração se exercitam dous actos mui importantes, um da Virtude da Religião, pois recolhen-

do a Alma todas as glorias, e louvores, que em todos os tempos Deus recebe de todos os Bemaventurados, as apresenta a sua Divina Magestade como em um ramalhete. O outro acto é tão offensivo ao demonio, que por lhe não darem em rosto com sua cahida, e com o que por ella perdeu, que é o que mais o desfaz em desesperação, deixará de tentar a quem sabe que o ha de affugentar com esta tão affrontosa esconjuração; e assim seria mui culpavel que quem aqui tenha lido a efficacia d'este remedio, e que se curou com elle, se a qualquer mau pensamento, ou tentação, que lhe venha, o não applica, dizendo attentamente a sobredita Oração.

Fique pois por indubitavel doutrina, que não podemos nós impedir que as tentações desafiem, e chamem, o que devemos é não lhes responder, não lhes dar entrada, e muito menos assento em nosso coração. O primeiro é tão certo, que sem especial privilegio de Deus não é facil impedil-o, e a mui poucos deu este privilegio. Entre os Santos sómente o li do Beato Luiz Gonzaga, em quem a distracção foi muito menor, que a meditação, sendo que esta foi muita. Porém nos demais se lê tanto ao contrario, que deixando Santos de menor classe só allego ao que por maior póde ser maior o assombro, que nos cause. Santo Agostinho diz de si mesmo, fallando com Deus: *(In Psalm. 37.) Quotiescumque ante te steti, tanta vana et superflua cogitavi, ut vix unquam fixam et stabilem Orationem fecerim.* Todo o espirito de um Santo Agostinho diz que eram tantos, e taes os pensamentos vãos, e ociosos, que o inquietavam orando, que apenas pôde ter uma só vez Oração fixa, e constante. E emfim o Propheta David que é mais, diz o mesmo de si, conforme S. Thomaz: *Cor meum dereliquit me (Psalm. 93).*

Por isso se ha de applicar todo o cuidado em nos anteciparmos cautelosamente no principio, como disse, intentando attender, e protestando não querer divertir-nos, pois com esta prevenção salvamos todos os divertimentos involuntarios, que tivermos, não só não faltando, mas merecendo mais, que com a attenção mais fixa. E ditoso aquelle, que só n'isto gasta a hora. Eu ao menos se soubera que havia dous, que tinham Oração, um dos quaes nunca se pôz n'ella, sem que merecesse que Christo, e Maria Santissima descessem a consolal-o, assistir-lhe, e favorecel-o, e o outro que se empregou em estar todo o tempo de sua Oração trabalhando, e vencendo os pensamentos mais impuros, feios, e sacrilegos, sem allivio espiritual, nem favor do Céo, antes me iria atraz d'este, solicitaria reliquia sua, e me encommendaria a elle, que ao outro pela razão, que fica dita.

Convém pois que nos portemos como os que vão em navio, que faz agua, cujo exercicio é, assim como sem cessar entra, sem cessar lançal-a fóra, porque por pouco que n'isto se tarde, se vai o navio a pique; assim nós, como pelas gretas dos sentidos continuamente nos entram especies do Mundo, continuamente nos havemos de empregar em as deitar fóra, e por pouco que n'isto se descuide o espirito, ir-se-ha a pique, correrá perigo, e parará em naufragio, como pelo contrario será mais util ao defunto por quem se offerece, assim como affligir mais a quem medita *(Eccles. 12.) Frequens meditatio est carnis afflictio.*

A materia da meditação mais conducente para isto é a Paixão de Christo Senhor Nosso, por ser o poço, d'onde sahe a agua, que apaga, e preserva d'este incendio. Refere Cesario que pela meia noite entrou na cella de seu Prior um Frade Leigo

a pedir-lhe licença para se ir; e perguntando-lhe o Prior aonde queria ir áquellas horas, lhe respondeu que ao Céo, porque então acabava de morrer. Admirado o Prior, lhe disse: Como, sem entrar no Purgatorio, sendo que viveste como os outros? E lhe satisfez, dizendo: Haveis de saber que todas as vezes que passava por diante de algum Crucifixo, lhe dizia: *Senhor meu Jesus Christo, por aquella amargura, que por mim soffrestes na Cruz, especialmente quando vossa Santissima Alma sahiu de vosso sacrosanto Corpo, tende misericordia de mim, quando a minha sahir d'esta carne mortal.* E é tão suma sua piedade (lhe disse), que me premiou esta devoção com trasladar-me ao Céo, sem passar pelo Purgatorio.

Provado que preserva, falta provar que livra, e não são poucos os exemplos d'esta verdade, maiormente pela devoção de resar com os braços em Cruz cinco vezes o Padre-Nosso e a Avè-Maria pelas Almas em reverencia das cinco Chagas. E já succedeu cansar-se quem as resava, e virem as Almas a sustentar-lhe os braços até que acabasse; será pelo que conduz esta postura, pois é a de Christo crucificado, e com ella mudamente diz o Christão ao Eterno Pae: *Respice in faciem Christi tui.*

Corrobore isto uma razão tirada d'aquella tão sabida sentença de Alberto Magno. Este affirma que uma simples meditação da Paixão de Christo monta mais, que resar o Psalterio cada dia, jejuar a pão e agua cada dia, e tomar disciplina de sangue cada dia por todo humano. Se cada dia fizereis isto pelas Almas, no decurso de um anno, cuidarieis que fazieis muito; logo se é mais, conforme o citado Author, meditar um breve espaço na Paixão, mais farieis pelas Almas n'isto, que é tão pouco, tão

leve e tão facil, que n'aquillo, que é tão largo, difficil e custoso.

Emfim como a virtude do aço tocado na pedra iman se acha com mais vigor na mesma iman, d'onde lhe veio, assim a satisfação de todas as boas obras se hade achar augmentada na Paixão de Christo, d'onde se lhes deriva como de iman: *Omnia traham ad me ipsum*. Por isso entre as devoções, que tenho visto, a que mais me contenta é o seguinte Decennario, cujo sanguinolento alvo é a Paixão, e com que, mediante nossa applicação, attrahirá Christo as Almas desde o Purgatorio até si mesmo.

DECENNARIO DA PAIXÃO

Que repetido cinco vezes formará um Rosario importantissimo a quem o rese e á Alma por quem se applicar

Em logar do Padre-Nosso direis:

Piedosissimo Jesus, vêde com benignos olhos as Almas dos Fieis Defuntos, pelas quaes morrestes, derramastes vosso sangue, e recebestes o tormento de Cruz. Amen.

Em logar, de Avè-Maria direis, nomeando no fim aonde se põe um N. a Alma, que quizerdes.

1.º *Meu Jesus, por aquelle copioso suor de sangue, que suastes no Horto, tende misericordia da Alma de N.*

2.º *Meu Jesus, pela bofetada, que vosso veneravel rosto recebeu, tende misericordia da Alma de N.*

3.º *Meu Jesus, pelos crueis açoutes, que descarregaram em vosso santissimo Corpo, tende misericordia da alma de N.*

4.º *Meu Jesus, pela corôa de agudos espinhos, que trespassaram vossa santissima cabeça, tende misericordia da Alma de N.*

5.º *Meu Jesus, pelos passos, que déstes na rua da Amargura com a Cruz ás costas, tende misericordia da Alma de N.*

6.º *Meu Jesus, por vosso santissimo rosto cheio de sangue, que deixastes impresso na toalha da Varonica, tende misericordia da Alma de N.*

7.º *Meu Jesus, pela vestidura ensanguentada, que com violencia vos despiram os algozes, tende misericordia da Alma de N.*

8.º *Meu Jesus, por vosso santissimo Corpo estirado em uma Cruz, e atormentados membros, tende misericordia da Alma de N.*

9.º *Meu Jesus, por vossas santissimas Mãos, e Pés pregados com duros cravos, tende misericordia da Alma de N.*

10.º *Meu Jesus, por vosso Lado aberto ao tiro de uma lança, d'onde manou sangue, e agua, tende misericordia da Alma de N. Amen Jesus.*

Não vos contenteis de nomear uma Alma no fim de cada uma das referidas clausulas; podeis nomear a muitas, e a todas as do Purgatorio, se quizerdes, porque é divisivel o fructo, e se repartirá entre as que tiverdes intenção de o applicar; bem que assim como forem mais, será menos o que lhes caiba. Espero que haveis de abraçar esta devoção, e exercital-a todos os dias de vossa vida, grangeando este breve espaço de allivio para a Alma do Purgatorio, e este opulentissimo mineral de bens para a vossa, especialmente se acompanhaes, ou procuraes acompanhar as palavras com a meditação.

Porém para que vossa intenção acerte o tiro n'isto, e o mais que obrardes, vos dará a escolher a sorte de Almas, por quem o podeis applicar, e

que podereis nomear em cada clausula do Decenario, aonde se põe a letra N.

1.° Por aquella, que vos é mais conjuncta por causa de justiça, sangue, amizade, ou caridade. 2.° Pela Alma, que está mais perto de sahir do Purgatorio. 3.° Pela que está mais longe. 4.° Pela Alma do Purgatorio mais avantajada em merecimentos. 5.° Pela Alma mais amante, e mais amada de Maria Santissima, por qualquer d'estas, ou por todas juntas podeis dirigir vossa intenção, porque tendes especial motivo, por onde seja maior vosso merecimento, e mais seguro o galardão.

Entre as Orações vocaes, as que são mais uteis, e convenientes para soccorrer as Almas, são as que a Igreja tem instituidas para esse fim, como são, o Officio de Defuntos, qualquer de seus Responsorios, os sete Psalmos Penitenciaes, e entre elles tem especial virtude o Psalmo *De profundis*, não só pela propriedade de sua accomodação a este intento, mas tambem pelas Indulgencias concedidas a quem o disser por algum defunto, e pelos prodigios, que Deus obrou em prova de sua acceitação. Baste o d'aquelle Fidalgo *(apud Boniers.)* que levando a um Abbade vinte mil cruzados, os quaes seu defunto pae deixára de esmola ao Mosteiro, tanto que os recebeu, se ajoelhou, e disse o Psalmo *De profundis*. Despediu-se o Fidalgo mui desconsolado de que a uma tão grossa quantia correspondessem com uma tão breve Oração, e conhecendo o Abbade a interior desconsolação, com que o Fidalgo se ia, o chamou, e diante d'elle pôz em uma balança todo o dinheiro de uma parte, e da outra o Psalmo *De profundis* escripto em um papel, e viu o mesmo Fidalgo que o Psalmo escripto pesava mais que todos os vinte mil cruzados.

Innocencio undecimo concedeu Indulgencia, com

que se tira uma Alma do Purgatorio, se ao primeiro signal dos sinos, com que se dobra por um defunto, se resar o Psalmo *De profundis*, ou se quem o não sabe, resa um Padre-Nosso, cuja concessão muito para se estimar me assègura que a viu, e leu na Cidade de Pamplona uma pessoa grave e fidedigna por sua virtude, letras e cargos, porque com menor segurança não me atreveria eu a imprimil-o: e assim tanto que ouvirdes o primeiro signal, antes de perguntar quem morreu, dizei o *De profundis* por sua Alma, e se o não sabeis, dizei o Padre-Nosso e divulgae esta preciosa noticia, para que a saibam, pois sendo tão breve, e facil diligencia, e tão consideravel o interesse, será lastima que não a exercitem todos.

Na primeira impressão d'este Livro tratei da efficacia para este intento, que tinha a Oração do Padre-Nosso e especialmente a Salvè-Rainha: agora o deixo, por introduzir outras cousas menos sabidas, e porque estas Orações não necessitam de mais qualificação, que a que lhes dá a Igreja com as admittir e praticar; só accrescento á do Padre-Nosso o que Chrysostomo disse com a seguinte comparação, a qual desde que a li, me deixou namorado a esta Oração.

Se pretendesseis (diz) uma graça d'El-Rei, e o mesmo Rei vos notasse o Memorial, que lhe havieis de dar, não esperarieis conseguil-a? E' certo que sim: porque como ninguem melhor que elle sabia ao que a elle mesmo havia de fazer mais força, e o poria n'elle, com isso constaria o Memorial de tudo o que era mais efficaz para conseguir a graça: pois o Padre-Nosso (diz o Santo) é um Memorial, que o mesmo Rei do Céo nos deixou adequado para o que pretendessemos com elle mesmo; que graça lhe podemos pedir com outro Memorial, que seja mais

seguro que o d'esta Oração? E assim nem por vulgar o proponhaes a outros, seja esta vossa continua Oração, ainda que deixeis outras, lembrando-vos de que apparecendo a Virgem Maria a um Servo seu, lhe disse: *Menos devoções, e mais devoção.*

Será tambem devoção mui proveitosa, se no principio do anno mandardes dizer uma Missa pelas Almas, para que por sua intercessão vos conceda Deus n'aquelle anno todo o bem, que justamente desejaes; outra, para que vos livre de todo o mal, e no fim do anno uma em acção de graças pelo primeiro e outra em acção de graças pelo segundo; sei eu que assim o faz uma pessoa e que lhe rende experimentar ambos os effeitos. Aquelle que tiver possibilidade e desejar assegurar melhor esta feliz sorte, execute-o no principio de cada mez.

Quem não tem cabedal para mandar dizer Missas pelas Almas, não tem escusa, porque o póde supprir commungando por ellas; assim o diz expressamente Santa Gertrudes e o confirma *(apud Tauler. Serm. Sacra.)* o defunto que appareceu a a um seu amigo e lhe disse qus padecia inexplicaveis tormentos no Purgatorio, só porque fôra negligente em commungar e que se commungava uma vez por elle, sahiria d'aquelle abysmo de chammas. Commungou o amigo ao outro dia por elle e viu que com alvoroço triumphal subia ao eterno descanço da Gloria. Por isto diz Santa Maria Magdalena de Pazzis que não tem o homem em sua vida espaço de tempo mais precioso, que aquelle, em que acaba de receber a sagrada Communhão, nem ha melhor opportunidade para tratar com Deus e rogar-lhe pelas Almas, grangeando de caminho para si mais, por ser doutrina corrente em Theologia, que emquanto as especies Sacramentaes duram no peito, é maior a graça, que causam os actos de virtude, que se exerci-

tam, e para isto direis tanto que commungardes a seguinte Oração:

Oração para depois da Communhão

Padre Eterno, que para nosso bem déstes vosso Unigenito Filho, eu que agora recebi, e o tenho por mercê vossa como cousa minha, vol-o offereço para gloria vossa, suffragio das Almas do Purgatorio, para meu bem espiritual e corporal: não permittaes que quem tão unido está com este Senhor, se aparte d'elle em tempo e eternidade.

Não é para passar em silencio uma santa industria, que traz o douto e Pio Padre Mercado da Companhia de Jesus, para tirar agora merecimento do que depois havemos de padecer no Purgatorio. O arbitrio é acceitar agora voluntariamente as penas, que então havemos de padecer, com o fim de que se faça a Divina vontade e se satisfaça sua Justiça; e ao modo que Christo mereceu na lançada, não quando a recebeu, por estar então já morto, mas pela ter acceitado voluntariamente quando vivia, assim nós, posto que não podemos merecer no Purgatorio, porque com a morte se acabam os dias da graça, comtudo podemos agora acceitar voluntariamente tudo quanto então padecermos, para que se faça a vontade de Deus e se execute sua Justiça, o que será um acto mui meritorio.

GRITOS DAS ALMAS

POSTOS EM METRO POR CERTO AUTHOR

Triste de mim, que quando vida tinha,
Podéra alliviar pena tão feia,
E agora hei já mister que mão alheia
Me dê quanto adquirir podéra a minha.

Qual de vós de piedade constrangido
Não dá a mão a quem vê no chão deitado?
Pois quanto mais merece ser louvado,
Dando-a a quem n'um abysmo se vê mettido?

Compadecei-vos pois de mim, humanos,
Compadecei-vos pois de mim, amigos,
Reparae que em tão asperos castigos,
Tantos são vossos bens, como os meus damnos.

Pela mais leve culpa aqui se atiça
Contra mim d'este fogo a violencia,
E se o soffro, julgando-me a Clemencia,
Que seria, julgando-me a Justiça?

Quantos martyrios inventou cruento
Quem mais nas tyrannias imagina,
Piedades serão da Mão Divina
Comparados á dôr do meu tormento.

Este fogo do fogo d'esse Inferno
Não se distingue ao tempo, que se sente,
Porque só se conhece differente
Em ser um temporal, o outro eterno.

Posto que a todos este fogo excede,
E d'elle tanto uma Alma se trespassa,
Ainda é mais o que impede, que o que abraza,
Pois quando abraza, vêr a Deus impede.

Ó filho, ó pae, esposo, irmão, e amigo,
Por quem talvez padeço taes ardores,
Mitiguem minha pena teus favores,
Pois teus favores foram meu castigo.

Doei-vos de meu mal cruel e forte,
Ou de vós, pois é pena merecida,
Que quem do morto se esqueceu na vida,
Encontre esquecimento igual na morte.

Ardo, clamo, supiro e pouco monta:
Que quem a chamma d'este ardor padecé,
Paga o que deve, porém não merece,
Para sahir primeiro que dê conta.

Sente, chora, mortal, que é cousa clara,
Pódes agora; e se em mim se vira
Esta dôr quando vivo, não sentira,
E se houvera chorado, não choràra.

Quanto padeço, sinto, gemo e choro,
Pude escusar a troco de Indulgencia,
Mas ai de mim, que pela negligencia
Suo de fogo um mar em cada poro!

CAPITULO V

De tres meios com que as Almas podem ser soccorridas

Os tres meios, com que as Almas podem ser soccorridas, são a Bulla Sabbatina, a Bulla de Defuntos e a intercessão dos Santos; começo por este ultimo. O Eximio Soares (*Tom.* 4, *disp.* 48, *sect.* 5) ajunta os muitos modos, com que os Bemaventurados podem alcançar de Deus a liberdade das Almas do Purgatorio.

O primeiro, impetrando de sua Divina Magestade que acceite as satisfações, que nós applicamos.

O segundo, pedindo ao Senhor que com auxilios mova aos homens, para que façam com o modo devido as obras, que lhes dedicam. O terceiro, pedindo-lhe que se abrevie o termo, porque as Almas estão condemnadas, augmentando a intensão dos tormentos para diminuir o prazo dos dias. O quarto, alcançando de Deus licença, para que as satisfações, que a elles sobejaram, por terem sido mais suas penitencias, que suas culpas, as possam applicar a esta, ou áquella Alma, por quem lhes rogamos, e assim os mais aptos para isto são Maria Santissima e S. João Baptista. O quinto é, por Deus ter concedido a alguns Santos especial privilegio para isto, um dos quaes é S. Lourenço, e o escreve não menos que S. Gregorio Turonense, o qual diz que desejando um Abbade saber o valimento d'este Santo com Deus, lh'o mostrou em fórma de um Levita, mais resplandecente que o Sol, o qual tirava de uma cova profundissima e cheia de embravecidas chammas a uma Alma; então lhe disse o Anjo: *Este é S. Lourenço, tão amado de Deus, que lhe deu o dom de que todas as sextas-feiras de cada anno tire uma Alma do Purgatorio, por ter padecido o martyrio em sexta-feira.*

D'aqui se ha de inferir, tendo padecido nos primeiros seculos da Igreja e estando em posse de tirar cada sexta-feira uma Alma, quantas haverá tirado e quantas tirará. Não duvido que desde logo se ha de affeiçoar o Leitor a este Santo e que com esta noticia accudirá todas as sextas-feiras a pedir-lhe que empregue o Privilegio, que tem, na Alma de seu pae, ou mãe, ou de quem deseja livrar e de caminho logrará que em premio da devoção, que lhe tiver em vida, livre a sua depois que morrer. Porém importará muito que elle incorpore na supplica alguma obra de virtude, ou esmola, ou Commu-

nhão, ou alguma mortificação; como tambem aconselho que quando quizer interceder por algum defunto, invoque o Santo, de quem o defunto foi mais devoto, ou se empregou em o servir quando vivia: porque deixando Deus aos Santos as satisfações, que a elles sobejaram, para que livremente as appliquem como quizerem, parece que as hão de repartir pelas Almas d'aquelles que mais os serviram, e foram mais seus devotos: e em caso que este Santo as tivesse gastado todas com outras Almas, diz Soares que aqui entra pedil-as este Santo a outro, para que não fiquem defraudados os rogos dos que se valem de sua intercessão.

Nosso Padre S. Pedro *(apud Prompt. Exemp.)* appareceu a uma pessoa, que rogava por uma defunta, e lhe disse: *Por minha intercessão se salvou, agora está padecendo no Purgatorio, mas brevemente a tirarei.* Prova-se de *minori ad maius* este patrocinio com o que conseguiu o Beato Alfredo Magno, a quem (como se diz na sua Historia) concedeu o Senhor, quando morreu, que entrasse no Céo com seis mil Almas, que tirou do Purgatorio, e foi (conforme o revelou a Godofreo), por haver aqui tirado a outros tantos das trevas da ignorancia. Considere-se as que por este motivo merecerá tirar um S. Pedro Apostolo, um S. Thomaz de Aquino, um S. Francisco Xavier, e os Santos laureados por Doutores da Igreja. Emfim as Onze mil Virgens, os Anjos Custodios, e outros muitos Santos tem este privilegio, e em especial os Martyres, e mais os que padeceram mais, maiormente se o martyrio foi de fogo.

Tratei do poder dos Santos primeiro que do poder de Nossa Senhora do Carmo, porque aquelle é o antecedente, do qual se ha de arguir como consequencia indubitavel o excesso d'este, e não é ar-

gumento meu, porque por ser tão notoriamente apaixonado d'esta sagrada Religião, aventuraria sua credulidade. O Reverendissimo Padre Moncada, Jesuita, Escriptor grave, pio, e dogmatico, o argue no erudito Tomo *Declarações Catholicas.*

E' sentir (diz) *de muitos Santos Doutores, que nenhum privilegio de quantos o Senhor concedeu aos Santos, deixa de se achar n'esta Senhora. E d'aqui se toma um argumento mui efficaz, com que se convençam os incredulos do Privilegio, o qual affirma ter esta Senhora para livrar das penas do Purgatorio aos que se alistam na Irmandade da Senhora do Carmo, e trazem seu Escapulario, e dão cumprimento ás Regras que lhes assigna, a que chamam Indulgencia Sabbatina. Pois se a S. Lourenço está concedido para as sextas-feiras, por ter padecido o rigor de seus tormentos n'esse dia, porque o não terá a universal Princeza do Mundo para exercitar nos Sabbados com seus especiaes devotos, por ser este dia dedicado particularmente ao seu culto por toda a Igreja Catholica?*

Entre os innumeraveis prodigios, e efficazes testemunhos de Authores, com que podia deixar indubitavel esta protecção, só escolho o que se expõe na vida do veneravel Sacerdote João Baptista Beltrão, do que se refere no Capitulo nono de sua vida o seguinte:

Algumas vezes succedeu, retirando-se o servo de Deus de noite ao Templo em muitas festas feitas, ouvirem os moços, que andavam pelo Logar, á meia noite, a roda de campainhas do Presbyterio por mui largo espaço, e incitados da novidade chegarem a apalpar as portas da Igreja, e vendo que não estavam fechadas com chave, entraram, e encontrando alli seu bom Pastor em Oração, lhe perguntaram a causa d'aquelle desusado e incessante

estrondo de campainhas, e respondeu: *Como já entra o Sabbado, as Almas dos Irmãos do Escapulario, que Nossa Senhora do Carmo tira do Purgatorio, celebram na terra sua ditosa sorte com esta musica.*

Ultimamente é Mãe de misericordia, e a miseria das Almas do Purgatorio, por ser mais que a maior de cá, especifica mais a este attributo; como tambem porque aqui assim como nossa necessidade a chama, no mesmo tempo nossa ingratidão a desconvida; vicio em que não podem incorrer estas Almas por impeccaveis; por isso por sua propria bôca disse a Santa Brigida *(lib. 4.º, cap. 238):* Eu sou Mãe das Almas, que estão no Purgatorio, e em qualquer hora se alliviam em certo modo suas penas por meus rogos; e no *Liv. 6.º, cap. 21* que não ha tormento, o qual por sua intervenção não se faça mais moderado. Emfim debuxai-vos n'esta varonil Senhora passear illesa por aquellas chammas de uma parte a outra em busca dos que foram seus Confrades, a uns diminuindo-lhes o ardor, a outros moderando-lhes o sentimento, a estes confortando-os para o que lhes resta que passar, e áquelles tirando-os ao doce estado da eterna Bemaventurança.

Tambem os Anjos da guarda teem este Privilegio de entrarem, e para o mesmo fim, pelo Purgatorio dentro. As mesmas Almas o disseram á Madre Francisca, contando-lhe que os Anjos Custodios as visitavam, e consolavam a miudo, e lhes davam noticia do que Deus queria que soubessem de cá do Mundo, e que elles eram os que lhes levavam os allivios nos suffragios, que Deus lhes repartia, assim dos geraes, como dos particulares, com que seus parentes, e amigos as soccorriam, e que não as desamparavam até as pôrem na Gloria.

O terceiro suffragio é a Bulla de defuntos, e este é um dos mais certos, e seguros. Porque não acho por onde possa debilitar-se sua força, assim porque o Papa tem o poder para o conceder, como ensina a Fé; já porque tem causa, e a mais grave, por ser a defensa da Igreja; já porque não é possivel faltarem meios no Thesouro, d'onde se tiram, por ser infinito, e interminavel seu cabedal; e não menos porque a diligencia, que eu hei de pôr, não é facil que a erre, se quero, por ser só dar a esmola da Bulla. Por isto diz o nosso grande Abbade Carrilho que a Bulla de defuntos é um dos suffragios mais convenientes, e promptos, porque em qualquer dia, e hora se póde applicar a uma Alma; e assim não duvido que quem desejar a liberdade de alguma, não só tomará uma, senão duas, que é o que póde ser, e não só um anno, senão cada anno.

Corrobora o referido o que succedeu á Madre Francisca do Sacramento. O Senhor Bispo de Pamplona, D. Christovão de Lobera, informado de que as Almas de tres Bispos seus antecessores padeciam rigorosas penalidades no Purgatorio, um dia, em que se publicava a Bulla n'aquella Cidade, mandou a Serva de Deus quatorze Bullas com ordem de que tres se applicassem pelas Almas dos seus antecessores, e as demais por quem ella quizesse. Assim o fez, e na noite seguinte vieram os tres Bispos a dar-lhe repetidas graças, e a que em nome d'elles tambem as rendesse ao Senhor Bispo. Mas o que merece mais ponderação, é a multidão de Almas, que acudiram ao requerimento das onze Bullas, que lhe ficavam, e o mais é, além de serem tantas as Almas, e tanto as desejarem, a suma paz, com que as solicitavam sem a menor porfia, e sem que as que ficaram defraudadas, ficassem in-

vejosas das preferidas, despedindo as muitas, que depois, acudiam, com lhes dizer: *Já não ha mais, já não ha mais;* porém sabendo-o o Bispo, lhe mandou depois trezentas Bullas, e ao anoitecer foram tantas, as Almas, que acudiram por ellas á sua cella, que o explica sua historia, dizendo que vinham exercitos inteiros de Almas, como costumam ir os Fieis aonde ha algum mui notavel Jubileu. E finalmente, cuidando, a Serva de Deus que as trezentas estavam já distribuidas, vieram duas Almas a dizer-lhe: *Olhai que ainda faltam duas Bullas por applicar;* e averiguando que assim era, e que por descuido ficaram duas, lhes pagou com ellas o aviso, applicando as duas Bullas por aquellas duas Almas.

Esta da Bulla é Indulgencia plenaria, como outras que ha, pelas quaes inteiramente se perdôa a pena das culpas; mas ha outras Indulgencias, que são parciaes, pelas quaes se perdôa parte da pena sómente, e d'estas se ha de fazer mais caso do que alguns fazem: porque quem, se tivesse alguma pessoa propria condemnada a galés por dez annos, não a livraria dos nove, se podéra, ainda que com isto não a tirasse d'ellas? Quem, se tivera um amigo ardendo em um forno, se podéra tirar tições a suas chammas, o não faria, ainda que lhe não podesse tirar todo o fogo? Logo, ainda que a Indulgencia não seja demais que de quarenta dias, devo solicitar-lh'a, porque acaso é esse o tempo, que lhe resta de padecer, e quando não, por tirar quarenta tições ao fogo, em que a Alma arde. E sendo algumas Indulgencias de trinta mil annos, como a concedida a quem devotamente ouve uma Missa, muito mais razão haverá para a solicitar.

Advirto, ainda que de passagem, que nem todas as Indulgencias aproveitam aos defuntos, senão

aquellas, em que o Papa dá expressa faculdade, porque só sua Santidade a tem, e não os Bispos, nem Arcebispos; estes só podem conceder quarenta dias de Indulgencia, e em occasião de se ter edificado algum Templo, um anno, mas para vivos, e não para defuntos. Ainda que é tão commum a sentença de que não aproveitam aos defuntos Indulgencias, que não expressam essa faculdade, comtudo ha dous Authores, que dizem o contrario, posto que tão desconfiados de sua opinião, como singulares em seu dictame; um d'elles é Georgio Gobar, animando-se a esta novidade, com que os negocios, em que não se arrisca a algum damno, e se póde seguir muito proveito, se hão de emprehender intrepidamente: e como de applicar aos defuntos estas Indulgencias, concedidas só aos vivos, se segue o proveito de poderem valer aos defuntos e não se segue o damno de as perderem os vivos, não ha inconveniente em que se lhes appliquem.

Suppõe este Author por certo o que é mui incerto nos mais Authores, os quaes sentem que, se eu offereço pelo defunto a Indulgencia, que não se estende a elle, nem aproveita ao defunto, porque não é capaz, nem a mim, porque a renunciei, applicando a quem não podia, vai para o Thesouro da Igreja, e um e outro ficam sem o seu fructo.

A composição, que esta materia tem, e com que se concilia tudo, é com fazer o offerecimento, não absoluto, senão condicional, dizendo: *Senhor, acceitae esta Indulgencia pela Alma de meu pae, ou de N. e se não tem logar, applico-a pela minha.* Assim em caso de não aproveitar ao defunto, não vae ao Thesouro e fica em mim. David: *Oratio mea in sinum meum convertetur.* E assim pela manhã dizei a Deus que é vossa intenção ganhar pelas Almas todas as Indulgencias, de que são capazes, e das que o não forem, que as ganheis por vós.

GRITOS DAS ALMAS

Pae e querida mãe do coração, uma filha de vossas entranhas, que morreu sem estado e amargamente está gemendo no Purgatorio, péde uma Bulla á vossa piedade. Lembrae-vos quanto vos custaria meu casamento, e achareis que quanto vos peço morta, é nada a respeito do que vos custaria viva. Gastarieis gostosamente muitos mil cruzados para me dar um homem por esposo e agora não empregareis meio tostão para me dar por esposo a um Deus? Oh suspeitosa inconsequencia! Não vos negastes ao gasto de meu enterro, sendo para que o corpo começasse a ser despreso de aranhas, e o gosto de uma Bulla vos doe, sendo para que a Alma saia d'estas penas a ser immortal claridade da Gloria? Oh rigor, quão perto vives da incredulidade! Que estimação fazeis da Bemaventurança, se por tão limitado preço não m'a antecipaes?

E vós, ó meu Irmão, vós sois o que tambem me tendes condemnadas estas penas, porque desde que expirei me condemnastes ao vosso esquecimento. Ah que dôr, o mesmo foi lançar de casa meu corpo morto, que lançar minha Alma de vossa memoria! Pois se a sorte se tivera trocado, não vos corresponderia minha piedade assim. Oh quanto por vós tivera feito! mas só allego o que actualmente faço; e se eu por ter morrido, não renunciei o affecto de irmã vossa, intercedendo agora por vós a Deus, não o renuncieis vós de irmão meu, esquecendo-vos de obrar por mim, porque sou morta. Esse esquecimento, que foi a culpa, foi até agora a desculpa, porém não o será d'aqui em diante, pois com estes Gritos minha miseria desperta a vossa misericordia: tambem vós por minha morte fostes me-

lhorado de bens da fortuna, razão é que me deis o allivio d'esta Bulla que vos peço; bem vos posso reconvir com que nascemos de um ventre, que nos creamos e crescemos juntos. Faça o sangue o que não póde acabar a caridade e emfim se depois de terdes ponderado minha razão e vossa obrigação, o mal de que me privaes, o bem que me grangeaes e o muito que vós n'isto interessaes, ainda prepondera o vil amor de meio tostão ao nobre, generoso e santo effeito de minha eterna liberdade; mereça-vos ao menos o que não é para vós dispendio e a mim me adquire allivio, que são os meios propostos no Capitulo, a saber, rogar por mim aos Santos, nas sextas-feiras a S. Lourenço, nos sabbados a Nossa Senhora do Carmo, ouvir muitas Missas por mim, visitar por mim os Altares e outras obras similhantes a estas, que não tiram dinheiro da bolsa, como as Bullas, não tiram sangue do corpo, como as mortificações, e tiram a Alma do Purgatorio com a acceitação Divina. Mereça-vos pois este soccorro, e para que vão bem guiados, ponde-os nas mãos dos Anjos Custodios, que são os correios, que vão e vem a este logar, porque logo (como lêstes no Capitulo) nos trazem a nova do que se faz por nós no mundo. Se mandaes tomar uma Bulla, mais tardará ella em chegar, que o Anjo em m'o dizer. A uma Alma diz: Agora sahe teu filho a correr a Via-Sacra por ti; á outra diz: Agora se põe teu marido a ouvir segunda Missa por ti; a esta Alma diz: Agora um teu sobrinho dá por ti uma esmola; áquella diz: Agora tua mulher, filhos e familia accrescentam a Oração da Salvé-Rainha ao Rosario, que tua casa costuma resar por ti; á outra Alma diz: Agora um teu criado resa por ti. Só pela consolação que esta noticia nos infunde, haveis de dar assumpto para ella, e só o entender que o sabe a

Alma favorecida, havia de ser incentivo contra a vossa frouxidão.

Ora, pois, arda a caridade tão vehemente, que o impeto de suas chammas apague ao vigor das nossas; e pois condescendendo com a vossa escassez, não vos pedimos aos que não podeis, ou não quereis, cousas que custem; compensae este soccorro com Orações ou devoções, e para que não vos escuseis com a ignorancia, vos regularemos uma, e que vosso merecimento lance a barra até ao extremo a que póde chegar; uma finalmente, que as comprehende todas, com advertencia, que a digaes não só pela manhã e á noite, se não antes, e depois de qualquer obra boa, todas as vezes que der o relogio, ou estiverdes só, e assim lograreis o morrer dizendo: porque vos advertimos, ó mortal, como Almas que já passamos por isso, que se morre fallando, e cuidando no que se cuida, e falla em vida; o homem de negocio não morre cuidando, nem dizendo Psalmos de David, porque vivendo não os disse, senão cuidando nos negocios. Emfim então experimentamos que quando falta a razão, governa o habito, e para que este seja do melhor, repetireis em vida os seguintes actos, e seja esta vossa contínua occupação, estando só.

DEVOÇÃO DE DEVOÇÕES, EM QUE ESTÃO INCLUIDOS OS ACTOS MAIS PROVEITOSOS AO HOMEM E MAIS AGRADAVEIS A DEUS

Meu Jesus, Creador, Redemptor, e meu Conservador, por vossa infinita bondade me pésa de vos ter offendido; proponho com a vossa graça a emenda. Perdoai-me minhas culpas, como eu perdôo n'esta hora a meus inimigos.

Creio em Deus. Espero em Deus. Amo a Deus.

Adoro a Deus por tudo o que n'elle se encerra, a quem dou infinitas graças pelos beneficios recebidos, cuja vontade quero que se faça em tempo, e por toda a eternidade.

Meu Deus, tudo quanto eu imaginar, fallar, fizer e respirar, quero que seja para maior honra, e gloria vossa, e de vossa Mãe Santissima, para bem de minha Alma, e das do Purgatorio, e por todos os bons fins, porque o posso fazer.

Rainha dos Anjos Maria Santissima, Virgem e Mãe de Deus, eu vos entrego minha Alma, e minha pessoa, para que a guardeis com a diligencia, com que guardastes a humanidade de vosso Santissimo Filho, e vos peço que me façaes puro escravo vosso por vossa immaculada Conceição.

Infinitas vezes seja bemdito, e louvado o Santissimo Sacramento do Altar, e a pura e limpa Conceição de Maria, concebida sem peccado original desde o primeiro instante physico e real de seu sêr.

Padre-Nosso, e Avè-Maria pelas Almas do Purgatorio, e ponha-se nas mãos do Anjo da Guarda.

CAPITULO VI

Das culpas que levam ao Purgatorio e dos meios penaes com que se póde satisfazer

Das culpas, porque a Justiça Divina condemna ao Purgatorio, ninguem póde dar melhor relação, que os mesmos que por ellas estão presos. Estes appareciam á tantas vezes allegada Madre Francisca, e lh'o contavam. Quem se quizer assombrar,

veja-o na sua historia, e achará exemplos de todos os estados. O commum é padecer alli, por terem faltado ao exacto cumprimento da obrigação de seu officio, e os que a executarem pelo terem feito sem a devida intenção, posto que não com intenção má. E por isto ao modo que foram maiores os cargos que occuparam no mundo, são maiores as penas, que no Purgatorio padecem, como lh'o diziam as Almas do Summos Pontifices, Cardeaes e Bispos, as quaes apparecendo-lhe com mitras, e baculos de vivo fogo, exclamavam com gemidos, que partiriam uma pedra: *Ah quem não tivera sido Prelado! Ah que caro nos custa aqui o que lá tanto desejamos!* Entre outros lh'o disse um Cardeal, e estranhando a Madre que ainda estivesse no Purgatorio, por haver annos que morrera, lhe respondeu: *Estou e estarei n'elle; prouvera a Deus que nunca tivera prelazias, que tão caras me custam:* e despediu-se, rogando-lhe que o encommendasse a Deus.

Como o estado do Sacerdote requer tanto, é tão certo que padecem mais, como é certo que satisfaz menos. Bem lh'o deu a entender a Alma de um, dizendo-lhe: *Ah Francisca, cuidam os homens que não ha mais que ser Sacerdotes, sabei que é um estado, o qual requer muita pureza; eu vos digo que me vi em assaz aperto para me salvar.* E em outra occasião a Alma de outro lhe disse que havia já quarenta e cinco annos que estava no Purgatorio, e era a causa a desattenção no santo Sacrificio da Missa. Um Anjo revelou a um servo de Deus, que se acham mui poucos, ou quasi nenhuns Sacerdotes no Purgatorio *(apud Dionys. Carthus.)* Sentença que ainda que o sobrescripto é de consolação, é para atemorisar seu motivo, o qual é, por ser tanta a excellencia do estado, que quem devi-

damente o exercita, se isenta d'este fogo, e se salva sem dilação, como quem o não satisfaz, logo vae para os abysmos. E d'estes quaes são os mais? O Chrysostomo diz que estes, segundo: *Non arbitror Sacerdotes multos esse, qui salvi fiant, sed multo plures, qui pereant.* E a razão que dá, é: porque ao Sacerdote que pecca, em pena do que aggrava ao Sacramento, costuma Deus negar-lhe os auxilios efficazes, para que verdadeiramente se arrependa.

Outra vez lhe appareceram as Almas de cinco Desembargadores, que o tinham sido no real Conselho de Pamplona, e depois de se queixarem da severidade de seus tormentos, lhe disseram que os padeciam por terem sido remissos em defender a justiça, e pela negligencia que tiveram em despachar as causas, dizendo-lhe um d'elles que avisasse a outros Julgadores que lhe nomeou, para que abreviassem os negocios, e administrassem justiça sem respeito a creaturas.

A Alma de um Escrivão lhe appareceu padecendo atrozmente, e trazia uma escrivaninha de fogo, e uma batalha do mesmo, com que era atormentado, por ter sido taful, e cubiçoso em seu officio. A Alma de um Medico lhe appareceu, e lhe disse que estava no Purgatorio pelo descuido com seus doentes, e por não ter assistido na morte de um. Se isto se castiga em um Medico, que será em um Cura! A Alma de uma mulher, porque tivera má condição com seu marido. A Alma de outro marido, porque fez padecer a sua mulher injustamente. Oh quanta lenha corta para aquelle fogo a discordia dos casados! Mas estes tiveram cá o Inferno, e lá o Purgatorio: porém outros cá, e lá o Inferno.

A Alma de uma moça lhe disse que padecia, por haver tido muito sentimento de perder a vida,

e um morgado. D'aqui se infira quanto se castigará o ambicioso desejo de adquirir, aonde se castiga a dôr de perder o que já estava adquirido, e quanto importa conformar-se com a morte, quando Deus a manda. A todos os viventes é violenta esta resignação, porque o desejo da vida é natural; porém isto não ha de ser obra da natureza senão da graça. Viveu o veneravel Frei Gil chorando, e morreu um Santo Arcebispo de Saragoça rindo; perguntando aquelle porque vivia chorando, respondeu, porque se lembrava de que podia peccar; e perguntado este porque morria alegre, respondeu: Porque se me acaba o tempo de poder offender a Deus. Motivos são estes, que se a Fé os alenta, lavrarão uma facil e animosa conformidade.

Para isto importará muito imitar a um Varão Mystico, o qual na segunda-feira meditava que já adoecera, e que d'aquella doença havia de morrer; na terça-feira considerava que já se lhe aggravava o accidente; na quarta lhe mandavam que se confessasse: (e confessava-se como para morrer) na quinta recebia o Senhor como Viatico: na sexta-feira meditava que já por ordem dos Medicos lhe davam a Santa Unção, e apressava o dispôr-se, e augmentava o fervor; no Sabbado considerava que já tinha expirado, que davam recado para seu enterro, e que o deixavam já na sepultura; e no Domingo dava graças a Deus de que o tivesse livrado d'esta realidade tão proxima a ter-lhe succedido. Na semana seguinte considerava com igual viveza o proprio, e d'esta sorte o resto de todo o anno. Com que logrou não só a emenda de sua vida, e o estimulo á perfeição, mas tambem o morrer, quando chegou o successo, sem susto, sem pressa, sem angustia, com resignação, alegria, e com provavel esperança de sua felicidade eterna.

O outro não menos conducente meio para esta conformidade é desapegar o coração das cousas d'esta vida; com isso nos consolaremos, quando chegue o termo de gozar os bens da outra, como o dirá o seguinte caso: Estava para morrer uma grande senhora, e depois que melhorou, perguntaudo-lhe o Confessor que era o que mais sentia em sua morte, respondeu que o que mais sentia era deixar o seu gabinete, por ter empregado todo o seu gosto, e recreio nos pucaros, vidros, louças, e outros brincos de pouco valor, que n'elle tinha. Então o Confessor, que era um velho santo, entrou n'elle dissimuladamente, e com o bordão, que trazia, foi quebrando um por um todos os vidros, pucaros, e as mais miudezas superfluas, que guardava, e tornando depois a vêr a senhora, lhe disse: *Já Vossa Excellencia póde morrer sem pena e com descanso.* E com tanta conformidade o levou, como devia. Não ha quem não tenha similhantes idolosinhos no coração, e o coração n'elles, e não ha outro meio para os deixar sem dôr, mais que o de os não ter com amor; para que sua privação não seja arrancando-os, não se lhes permitta deitar raizes no coração.

Não é facil reduzir a numero o das culpas, que no Purgatorio se castigam, o certo é que o que aqui padece pouco, lá se purga muito, e por muito tempo. Não mais que por uma Freira ter fallado demasiadamente, conta, e não menos que S. Gregorio que depois de a terem enterrada foi vista que levantando-se uma noite da sepultura, lhe estavam ferrando todo o corpo, e depois a assavam em vorazes e disformes chammas, dispondo Deus que desde então a campa da sepultura ficasse chamuscada para signal, e se assim se pagam as palavras superfluas como se pagarão saperfluas galas, e especialmente se ainda não se pagaram ao Mer-

cador? Uma senhora, que appareceu a S. Domingos, lhe disse que Deus a tinha condemnado a duzentos annos de Purgatorio pela profanidade do trajo. D'aqui se segue que abstendo-se as mulheres d'este abuso, será um suffragio mui satisfactorio por si, ou pelas Almas, se lh'o applicarem; como o fez por seu defunto esposo a santa, formosa, nobre, e discreta, e prudente Judith *(cap. 8, Judith.)*

Supposto pois que qualquer genero de mortificação exterior, ou interior, feita por este fim, é meio de alliviar as Almas, direi as que praticaram alguns para abrir caminho á sua imitação. A Madre Francisca deu ás Almas todas as suas satisfações, tudo o que fazia e padecia, e corporalmente trabalhava, tudo o que obrava nas officinas, tudo o que fiava, e cozia; além de ser incansavel n'isto, resava a toda a hora pelas Almas o Rosario, e repetia em cada Conta: *Jesus, ajuda-as;* e outras vezes: *Requiescant in pace.* Não perdia occasião de ganhar Indulgencias. Andava cheia de contas e veronicas, que as tinham; não dava passo que não fosse pelas Almas, e em chegando a trinta e tres, os offerecia em reverencia da Vida de Christo. Dos Sacerdotes, com que tractava, lhes solicitava Missas, dos ricos Bulla. Eram contínuos seus jejuns a pão e agua, suas disciplinas de sangue, seus cilicios, seu enfreamento de condição e de sentidos, sendo de aspecto e impaciente natural, e tudo pelas Almas: não só lhes offerecia o que o demonio imponderavelmente a vexava por ellas, mas tambem os mesmos sustos, disvellos e espantos, que as mesmas Almas lhe causavam com lhe apparecerem. Emfim, diz sua Prelada, que admirava vêr as raras invenções que discorria em favor das Almas aquella que era tão simples e singella para tudo o mais.

Não é para se deixar, por ser do mesmo gene-

ro, a santa lhaneza do veneravel Irmão Francisco do Menino Jesus, Carmelita Descalso, bem conhecido por sua heroica vida, a qual foi summamente austera, e toda a sua austeridade dedicou ao allivio das Almas. Este, pois, quando apanhava o lixo, fazia concerto com o Menino Jesus, que por cada pá, que lançava na feira, lhe havia de tirar uma Alma do Purgatorio, e quando lavava a louça, por cada prato ou tijella outra, e se era vasilha maior, como tigella de fogo ou panella, por cada uma lhe havia de tirar duas Almas, dizendo ao Senhor que não se contentava com menos: e Deus, que ouve aos humildes, e se agrada de tão ingenuas simplicidades, acceitaria aquellas singellezas em desconto das penas, que restavam ás Almas, por quem lh'as offerecia. Não estranhará n'elle esta grande devoção quem souber quão cordealmente está radicada em toda a sua Religião, pois até das recreações, que dão a suas fadigas, tiram as Almas lucro, porque costuma ser a materia de suas apostas nas disputas tantas disciplinas, ou tantos cilicios, que cedam (ganhe qualquer d'elles) em utilidade das Almas. Oh se isto se introduzira nos seculares, suavisando a materia, já tirando nas casas de jogo uma porção para Missas pelas Almas, ou já quem ganha, pois dá barato ao pagem, ou ao chocarreiro, destinando cada vez a esmola de uma Bulla para soccorrer a uma Alma!

Santa Aleida, Freira de Cister, segundo sua historia, sentia tanto as culpas de alguns homens, e as penas de algumas Almas do Purgatorio, que por tirar os peccadores de mau estado, e do Purgatorio as Almas, offereceu-se (oh inaudito extremo de caridade) a padecer as penas que aquelles mereciam no Inferno, e que estas passavam no Purgatorio. Manifestou-lhe Deus o grande empenho em que

entrava, e com tudo revalidou a offerta, e acceitando-lh'a sua divina Magestade, logo sentiu que se lhe tirou a vista da parte direita, e pouco depois da esquerda; depois que se lhe tolheu um pé; e depois sentiu em si quantas enfermidades se podem imaginar com suas dores correspondentes em extremo grau, padecendo tudo isto no corpo e no espirito.

Cada dia era tres ou quatro vezes apresentada no Purgatorio, e outras tantas no Inferno, não só a vêr, mas a padecer os tormentos de um e outro sitio, e costumava dizer, exclamando: *Agora sou atormentada no Inferno, agora no Purgatorio.* Isto se lhe fazia toleravel, porque mostrava Deus então as penas, de que livrava as Almas no Purgotorio, por se encarregar d'ellas. Emfim o Senhor lhe mandou, já perto de deixar a vida, uma tão larga e immunda enfermidade, que já não eram muitas suas chagas, senão uma composta de muitas, que deixavam seu corpo lavrado desde os pés até á cabeça, sendo todo elle um manancial de podridão, e um formigueiro de bichos, sem poder usar de outro membro mais que da lingua, para ser até n'isto o Job das mulheres, com a qual expressava sua alvoroçada alegria entre aquellas penas, e repetia acção de graças a seu Author.

O que pondero é trazer sua Historia, que custou a esta Santa um anno inteiro de penitencia o tirar do Purgatorio a Alma de um Fidalgo. Tremam os Fidalgos e senhores do que os espera, pois não terão depois de sua morte Matrona como esta que faça e padeça tanto por suas Almas e confundam-se á vista do que uma fraca e delicada mulher padeceu, de faltar n'elles espirito para padecerem, ou a condição de sua consorte, ou o descuido do criado, ou a molestia de uma febre.

Tenham presente o que de Hugo Victorino traz

o Carthusiano, que porque deixou de tomar aqui algumas disciplinas, quando chegou ao Purgatorio, diz que não houve demonio, que não provasse a mão n'elle, dando-lhe cada qual um cruelissimo açoute cou um látego de fogo; pondere-se quantos e quaes seriam. E assim se castiga o não fazer obras boas, como se castigam as más? Se tanto padece um Varão tão exemplar, que tanto fez, e se mortificou, e que está esperando ao Senhor, ou á Senhora, depois de ter passado uma vida licenciosa, tendo peccado muito, sem nada se ter mortificado, com muitas culpas e nenhuma penitencia.

Dirão que adoecem de um natural mui delicado; satisfaça-os a resposta d'aquelle nobre menino, o qual tendo entrado Noviço em uma Religião mui austera e admoestando-o sua mãe que a deixasse, visto serem mui poucas suas forças para os trabalhos da Religião, a convenceu com lhe responder: Pois, mãe, se não tenho forças para aturar os trabalhos e penas da Religião, menos as terei para soffrer os trabalhos do Inferno, ou do Purgatorio; e assim o que me allegaes para que saia, vem a conduzir para que me esforce, e preserve.

Por isso os senhores devem fazer mais penitencia, que os que o não são: porque se aqui sobré esteiras, e alcatifas, se entre tapeçarias e vidraças, se cobertos de roupa, que abrigue sem pesar, se isentos da menor inclemencia, e mimosos da mais ociosa commodidade, não querem soffrer o minimo descommodo, como soffrerão os grandes tormentos de um Purgatorio, aonde sem abrigo algum, e com total aspereza serão opprimidos? Diz a Escriptura que os poderosos padecerão poderosamente tormentos, porque se proporcione a pena com a culpa, e correspondam os fins aos principios. E' dourado o berço que ao nascer os recebe, dourada a cama,

em que morrem, luzida a pompa, com que os enterram, magnifica a sepultura, que os recolhe, e tudo isto é enramar o cadafalso pela permissão Divina, para que seja mais estrondosa a execução de sua justiça, como a Pharaó, que o não exterminou na praga das trevas, senão nas aguas, para que o tumulo de crystal fizesse mais manifesta sua ruina, e mais patente sua affronta: *Potentes potenter tromenta patientur.* Sapient. 6.

GRITOS DAS ALMAS

Poderosos do Mundo, senhores, e senhoras da terra, desenganai-vos de que nenhum vivo vos desengana. Toda a noite vos tem o somno cerrado os olhos, e todo o dia vos guarda este somno a lisonja dos que vos tratam; e pois não vol-o diz quem tem falla, porque não lh'a tireis, como Herodes ao Baptista, nós, que não temos vida que perder, vol-o diremos.

Se pelo sangue sois illustres, tambem pelo sangue sois mortaes, pela mesma veia do engano corre o desengano. Porém como vossa mesma grandeza faz tremer a mão ao sangrador, e esse respeito é á custa de vossa saude, assim faz tremer a voz a quem vos ha de reprehender, e esse silencio é á custa de vossa Alma: porque por vos não ferir aonde reina o humor viciado, vos ficaes com elle, e morreis tão enganados, como viveis. Estareis morrendo, e os mesmos que o conhecem, vos despintam o risco, e vos enchem de esperanças da saude, e esperam a dizer-vos o desengano, quando por ter perdido o sentido não podeis ouvir o desengano; com isto cerraes os olhos antes de os terdes abertos, e vos achaes mortos sem ter sabido que morrieis; muitos tem a morte repentina e ainda

que todos por sua culpa, mais são os poderosos, que até pela cortezã aleivosia dos seus mesmos. Pena é sem duvida de terem pagado em vida os lisonjeiros, e de se pagarem d'elles, esperando a que o Céo desminta com o golpe o que elles com a lisonja os enganaram, como Alexandre, a quem fez apear uma ferida da presumpção de divino, a que o subiram seus lisonjeiros.

Inseri pois, ó senhores, e senhoras, o porto, a que póde conduzir uma vida enganada, e uma nunca desenganada morte: vós mesmos vos sentenciai, que ainda cegos do amor proprio, que é o que vos predomina, não vos poreis em boa paragem. Depois ponde em vossa consideração a horrivel novidade, que vos ha de fazer pelo mesmo que sois delicados, passar em um instante de temporaes senhores da terra a eternos escravos do demonio, e se fordes ao Purgatorio, passar em um momento de uma cama branda e dourada, cercada de luzida e numerosa assistencia, a umas gralhas espigadas de accêsas pontas de penetrante aço, sem mais companhia, que a dos tormentos, e com um desamparo tão funesto e lamentavel como este. Vêde se é guardar o corpo mortificar ao corpo, e se é attender á vossa mesma delicadeza o preserval-a com uma leve mortificação d'este castigo tão carregado. Ahi padecendo pouco, mereceis muito, aqui padecendo muito, mereceis nada; pois não é mais descanso e conveniencia vossa padecer pouca pena, e por pouco tempo n'este Mundo, do que padecer n'este tanto, e por tantos seculos? Oh que arrependidas lagrimas nos custa aquella ignorante vulgaridade de não fazer caso de culpas leves, porque o mais a que podiam levar, era ao Purgatorio, dizendo: *Praza a Deus que nos vejamos lá*. Não sabe o que é o Purgatorio quem diz isto; ainda Santo Agosti-

nho sem o experimentar, disse: *Nescit Purgatorium qui eligit Purgatorium.* Não só é ignorancia, mas passa a loucura, porque se o seria expôr um o peito á estocada, porque lhe não rompessem a capa, o mesmo faz quem, porque um cilicio lhe não fira o corpo, que a capa da Alma, expõe a mesma Alma a que a esteja atravessando um Purgatorio a feridas.

Tremei, pois, senhores e senhoras, de que haveis peccado, tremei de que é de Fé que sem satisfazer essas culpas não podeis entrar no Céo; e tremei de que se não as pagaes, e a pagaes ahi com toleraveis penitencias, as haveis de purgar aqui com intoleraveis penas. A desculpa de: era senhor, ou era senhora, ou era delicado, lançará Christo no chão affrontosamente; não só com os exemplos, que lêstes no Capitulo, em que donzellas tão delicadas se mortificaram tanto, senão com se deixar vêr sua Divina Magestade, pois sendo mais Senhor, e de natural mais mimoso, mostrará suas Chagas, quando vos julgar, que para isto ainda conserva seus signaes. Oh que pejo cahirá sobre vós! S. Bernardo: *Pudeat sub spinato capite membrum fieri delicatum.*

E emfim, quando a estas obras por penaes vos não quereis sujeitar, que desculpa tendes para o que não é penal e é um dos principalissimos meios, com que podeis satisfazer por nós, e por vós, a saber, a sagrada Communhão? Seja este suffragio o que vos devamos, pois não se oppõe á vossa delicadeza, e é de tanta conveniencia para o bem dos vivos, e allivio dos mortos; e para que o concebaes, supponde que tinheis em vosso poder ao filho do Gran Turco, e que elle tinha a vossos paes captivos, e lhe offerecieis a seu filho, se elle vos dava livres a vossos paes. Não vos parece que por lhe

dardes a seu filho, vos daria elle de bonissima vontade livres a vossos paes? Vêde pois se fará Deus o que não negaria nem ainda o Gran Turco. E assim offerecerei por nós a sagrada Communhão, como se admoesta na pag. 165, porque em retorno de dar ao Eterno Pae o Filho, que tendes em vosso poder, vos concederá a liberdade de nossos espiritos captivos. *Padre-Nosso, e Avè-Maria.*

CAPITULO VII

Continúa-se o mesmo intento

O louco juizo do Mundo presume em algum modo desacreditar ao rectissimo Juizo de Deus, dizendo temerariamente que n'elle não fia Deus tão delgado, e não sei como não está já condemnado este dito por prejudicial e falso, pois não tem em seu favor razão alguma, e em contrario clamam tantos testemunhos e experiencias.

Ao que referi assim da Alma do criado, que appareceu ao Amo por oito soldos de salario, que lhe ficou devendo, accrescento *(apud. Spec. Exempl.)* o que diz da Alma de um menino, que morreu de nove annos e apparecendo a sua mãe, lhe disse que se estava abrazando em um fogo maior do que o que formaria todo o carvão, que se tinha gastado no Mundo, se todo se ajuntara e accendera. Lastimada sua mãe lhe perguntou como podia ser tendo morrido tão menino, e tendo vivido tão perfeito? E lhe respondeu: *Padeço tanto porque tendo pedido emprestado para comprar algumas cousinhas para casa, não as paguei, nem procurei que as pagassseis; e assim vos peço encarecidamente que o*

satisfaçaes e rogueis a Deus me tire de tão formidavel incendio. A mãe fez logo uma e outra cousa e o filho tornou glorioso a dar-lhe as graças de quam pontual tinha chegado seu soccorro.

Pondere-se quam pouco seria o que se fiava a um menino e que diz que para comprar cousinhas e que elle o não devia pagar, se não sua mãe, e comtudo pelo não ter solicitado, ardia em tão horriveis chammas. Veja-se se Deus fia delgado, e se esta justiça faz em meninos, e por cousinhas, qual será a que fulmine em grandes e por grandes dividas. Oh quanto ha d'isto no Mundo! Com que facilidade se desattende a algumas cousas, porque são materia parva, sem considerar que fez Deus as forças do Purgatorio para justiçar materias parvas.

Quem não teria por materia parva o deter-se em se conformar com a morte a donzellinha nobre, formosa e rica, que morria de quatorze annos? (como dissemos) e comtudo o que em nosso juizo seria leve imperfeição, no Juizo de Deus, foi de tanto peso, que fez cahir a balança até á escura profundeza de um amargo Purgatorio. E pondere-se que não foi por se desconformar com a vontade de Deus em morrer, senão por ter tardado em conformar-se; e sendo uma creatura pequena e com tantas circumstancias, que faziam a repugnancia mais natural, que culpavel, veja-se se fia Deus delgado. Assim como esta foi condemnada ao Purgatorio por tardar em se conformar com a morte, foi um Monge livre d'elle, por se ter conformado com ella. Appareceu a seu Abbade *(apud Cæsar. lib.* 12), e lhe disse que por ter offerecido a Deus as dôres da doença e agonias da morte em satisfação de suas culpas, foi direito ao Céo sem rodear pelo Purgatorio. D'estes dous exemplos sirva um de escarmento e outro de doutrina, e estejam advertidos

os que assistem a moribundos, para os exhortar a que dirijam a este fim o que padecem.

É tal a bondade de Deus, que (como diz o Tridentino *Sess.* 14. *cap.* 9), em paga de nossas dividas acceita ainda o que necessariamente padecemos; pelo que não havendo quem não padeça n'este Mundo, não ha quem não tenha moeda, com que soccorrer aos do outro, e assim ás Almas, que a Gritos vos pedem o soccorro, não podeis responder: Não tenho que lhes dar; porque lhes podeis dar a resignada tolerancia d'este accidente, que vos afflige, d'essa perda que vos magôa, d'essa paixão que vos irrita, d'essa injuria que vos affronta, d'essa ingratidão que experimentaes, e d'essa aspereza de condição da mulher ou do marido, que vos mortifica; toda esta é moeda, com que podeis soccorrer as Almas. E é grande fatuidade, que, sendo cousas, que ainda que não queiraes as haveis de padecer, as queiraes padecer com damno, e sem fructo, podendo com a applicação cobrar o fructo e diminuir o damno.

Entre todos os exercicios de paciencia referidos, o mais meritorio e satisfatorio (como dizem os Santos) é o soffrimento e perdão dos aggravos. Este é o presente mais saboroso, com que podeis regalar a Alma do Purgatorio, que desejaes soccorrer. Os que avivaram a fé d'esta verdade, não só acceitaram as injurias, mas ainda as agradeceram. Eu conheci em Saragoça um Titular mui poderoso, o qual por cada injuria, que lhe faziam, mandava em acção de graças uma joia a Nossa Senhora do Pilar; e quando era mais sensivel e maior o aggravo, que lhe faziam, era mais rica, e custosa a joia, que lhe mandava. Na morte cobrou o réddito d'esta paz, porque sendo senhor e rico, morreu com uma serenidade tão conforme, como digna de se invejar.

Não é menos exemplar o caso, que refiro na Vida, que imprimi, do veneravel Padre Gracian, *cap.* 3. *pag.* 80. Uma devota mulher em Toledo com zêlo santo se empregava em tirar de maú estado a outras mulherinhas, que viviam mal com uns estudantes. Estes, raivosos contra ella, a accusaram por corretora de torpezas á Justiça: prenderam-n'a, e condemnando-a a duzentos açoutes, ao descer pela escada da cadeia para subir o jumento, Deus, que não permitte padecer a innocencia, dispôz que se aclarasse esta, e lhe deram honorifica liberdade. Sentiu depois tanto ter perdido esta occasião de sacrificar a Deus seu credito, e sua paciencia, que nunca emquanto viveu se pôde consolar, e com mui santo gracejo costumava dizer a seu Confessor (que era o veneravel Padre Gracian): *Parece-lhe, Padre, que eram para perder duzentos açoutes pelo amor de Deus, e por Toledo?* Repetindo uma e outra vez, *e por Toledo, e por Toledo?* Logar tão insigne, e populoso. Oh se Deus quizera que resgatassemos as Almas com esta moeda de injurias toleradas, pois é moeda tão corrente no Mundo! e pois pelo mesmo que é a que mais nos custa, é a que vale ás Almas, como já deixamos ponderado.

Sabidos os meios penaes, com que se póde soccorrer ao Purgatorio, falta avisar as culpas, que levam a elle, e só fallarei de duas, por serem as que mais se commettem na vida, e das que mais se lamentam n'aquelle logar. A primeira é a irreverencia nas Igrejas: e posto que admira que um Bispo Santo, como S. Severino, fosse um anno reteúdo no Purgatorio por ouvir na Igreja as respostas, que seus criados lhe traziam; mais digno de assombro é, que uma Alma, que frequentemente apparecia a uma Serva de Deus, como esta lhe perguntasse uma cousa no Templo, a Alma lhe res-

pondeu: *Não se póde fallar na Igreja, depois vos tornarei a vêr, e vol-o direi.* O Padre Joseph Pavía o escreve a *pag.* 61. Confesso que me confundiu esta noticia, considerando que quem fallava era uma Alma, e por ordem de Deus, e que a prática havia de ser santa e boa, e que o modo com que havia de fallar, não havia de ser articulado com vozes que soassem como as nossas, senão locução interna, que é um idioma sympathico de corações, e comtudo pela reverencia devida ao Templo se absteve. Veja-se que ecco farão na outra vida as desentoadas vozes e inquietações, que os Christãos movem na Igreja, Se um Bispo e Santo, e por ouvir n'ella esteve um anno ardendo no Purgatorio; que idades não espera, ou teme estar quem não só falla, mas em voz alta, e quem falla, obra e escandalisa? Até aqui póde chegar a temeridade humana, e a paciencia Divina.

Conta o Padre Almenara que dois infieis vieram a Hespanha com animo de explorar nossa Lei e se lhes agradasse, admittil-a. Entraram em uma Igreja, viram o que faziam os Christãos n'ella, que fallavam uns, que riam outros, e que todos estavam divertidos, e tornaram-se á sua seita, dizendo: Que Fieis são estes, que com tal desattenção assistem na casa de seu Deus? Que Deus é este, que soffre virem a sua propria casa os que o adoram, a espremer-lhe o agraço nos olhos? Isto é signal de que nem n'elle ha justiça, nem n'elles Fé, vamo-nos d'aqui, e tornemos á nossa seita, aonde temos Deus mais venerado dos seus. A quem não atemorisam as grandes consequencias d'este abuso? Baste para sua emenda, não só ferir a Deus, mas a sua Fé, affrontando-a para com os estranhos. E ainda que Hespanha se jacta da mais fiel entre as Nações, é n'isto a mais delinquente, causa sem dúvida de seus

poucos progressos, e de suas muitas ruinas: *Omnes qui Templa Dei fœdaverunt* (Ximenes Past. cap. 20), *mortui sunt horrenda morte, etante mortem temporalia perdiderunt.* E Santo Anselmo diz dos mesmos, que: *In hoc sæculo, et in futuro a Deo terribiliter punientur.*

Comtudo ha quem não se atreva a parar na rua a fallar com uma mulher, por temer que o vejam e não repara em lhe fallar em uma Igreja, sem temer a um Deus, que o está vendo. Oh cegueira sacrilega! Não se lê, nem se sabe que a mais perdida mulher do Mundo se atrevesse a adulterar á vista, e em presença de seu mesmo esposo; e a Alma de um Christão atreve-se a offender a seu Esposo Christo na Igreja á sua mesma vista. *Fecerunt* (queixa-se por Zacarias) *malnm coram oculis meis.* Oh queira sua Divina Magestade dar-nos luz, para que avivemos a fé de sua presença na Igreja e n'ella estejamos como no mesmo Céo; pois é de Fé, que não tem o Céo, nem mais Christo, nem mais de Christo, do que tem qualquer Templo no Sacrario.

Veja-se o que digo contra este abuso na vida, que imprimi, do Sagrado Atlante de Christo, e cego Argos da Igreja, S. Franco da Sena, no cap. 3.º e 4.º, por ser o que com menor descuido escrevi, ainda que com as travessuras de estylo, que a pouca idade dictava.

A segunda culpa, de que offereci tratar, por ser das que mais lavram no Mundo e das que mais se pagam no Purgatorio, é o excesso de amor no permittido. Este é o ladrilho, em que costumam tropeçar ainda os mais espirituaes. Manda-lhes Deus que se amem a si e aos seus, mas com ordem: *Ordinavit in me charitatem*; e dão cumprimento ao amor e faltam á ordem, porque amam desordenadamente. Emfim amam o que Deus quer, porém mais

que o que Deus quer. Desde o principio do Mundo se repete este vicio. Adão serviu a Deus em amar a sua esposa e faltou na ordem, porque antepôz seu amor ao de Deus, desagradando a Este por agradar a ella. Descontou esta desordem o casto Joseph (*Genes* 39), o qual amava a Deus, a sua Ama e a seu Amo; porém com a devida graduação, porque deixou de amar a sua Ama desde que este amor se oppoz ao de seu Amo e a um e outro, desde que se oppunha ao amor de Deus. Emfim tudo se ha de amar com modo e com medida, tirando a Deus, porque (como diz S. Bernardo) o modo de amar a Deus é amal-o sem modo.

A razão d'esta doutrina é, porque Deus se ama como fim, as creaturas como meios. O fim (como ensina Aristoteles), é amado por si, e os meios não por si, senão pela conducencia relativa ao fim: e assim como porque a saude é o fim, a deseja o enfermo sem termo, e os remedios, que são meios para ella, os deseja como limite, duas onças d'esta bebida, seis onças da outra, etc., assim o Christão ha de amar as creaturas, que são os meios, com termo e limite; porém a Deus, que é absolutamente o fim, sem limite e sem termo.

Deus manda que os paes amem a seus filhos, mas n'este amor póde haver falta, porque póde haver demazia, pelos amarem desordenadamente, e por terem mais amor ao mais travesso, como é costume. O que sobeja no amor é erro, e d'este erro costuma Deus formar cutello com que os excessos do filho castiguem o excesso do amor do pae. Ainda que isto tambem passa nos avós para com os netos, nos Prelados para com os subditos, nos tios para com os sobrinhos, e nos maridos para com as mulheres; comtudo mais milita nas mulheres para com os maridos, porque como n'estas é maior o amoroso affecto, é maior o perigo de passar a extremo. Conta

o Padre Carabantes *(Tom. 2. Dominic 17)*, que uma boa lavradora acabando de commungar, pediu a Deus que lhe tirasse o que a embaraçava para melhor o amar, e Deus a ouviu, dando a seu marido um mal de pintas, de que logo morreu; do qual, e de outros exemplos, que deixo, se segue o excesso de pena, que por este excesso de amor padecem as casadas no Purgatorio, e por isso entoam com prantos a seus maridos os seguintes

GRITOS DAS ALMAS

Até quando, esposo meu, até quando haveis de ter vossa fiel esposa afogada n'estas profundezas de fogo? Sei eu que alguma vez pouco satisfeito do que me amastes em vida, dissestes em vosso coração que serieis outro comigo, se me podereis recobrar. Pois melhor podeis agora desaggravar essa falta, e desafogar esse affecto, porque mais fareis em me tomar agora uma Bulla, que em me dar então um Mundo. Não duvido que o farieis, se soubereis o que passo: mais é tanto, que supponde com S. Thomaz que o numero dos Anjos excede ao de todas as creaturas, que Deus creou, haveis de saber que, se todos estes Anjos, sendo tantos, estivessem até o dia do Juizo sem fazer outra cousa mais, que explicando o que eu só padeço no Purgatorio, não bastariam para o declarar exactamente. Ainda que é tanto o que S. Lourenço padeceu, e ainda que Santo Agostinho vos diz que uma Alma do Purgatorio em um só abrir e cerrar d'olhos padece mais que S. Lourenço em todo o seu martyrio, sem embargo de tudo, ainda é pouco o que se diz, porque e mais o que padeço. E se em um abrir e cerrar d'olhos, que é a medida de um instante, padeço tanto, que será o cumulo do que tenho padecido em tantas horas, mezes e

annos, que vosso descuido deixou, deixa, e deixará correr?

Formai na ideia que uma pessoa, vivendo, tivesse todas as veias do corpo cheias de impetuoso ar, que tivesse cerradas todas as partes da respiração, a qual não tendo por onde sahir, bateria rijamente no peito este opprimido vento, não vos parece ser esta uma angustia não só incapaz de se soffrer, mas ainda de se imaginar sem horror? Pois maior agonia, e mais vehemente palpitação, e sem o menor espiraculo por onde respirar estou sempre padecendo mais que isto, a esse mesmo tempo se ajuntam a devorar-me pés e braços, insaciaveis serpentes, a opprimir-me garganta e peito apertada prensa, segurar-me n'ella penetrantes prégos de fogo, afogar-me a cabeça ao mesmo passo inextinguiveis chammas. Considerai pois que assim estou eu, quando vós dormis, que assim estou eu, quando vos comeis, que assim estou eu, quando vos rides, que assim estou eu, quando vós jogaes, e nem vos moveis a tirar-me d'este lago, nem entraes no temor de parar n'elle: Pois que é o que temeis, se vos não atemorisa tão espantosa verdade? Ai de mim, e ai de vós!

Se um tigre podera estar-se queimando uma hora vivo, não terieis valor para vêr aquelles raivosos tombos, com que agonisava entre as brazas, nem aquelles angustiados bramidos que arrancava, lançarieis agua na fogueira para atalhar tão lastimoso espectaculo, pois como agora tendes coração para vêr e ouvir ancias e gritos, não de um tigre, mas da Alma baptisada de uma mulher, e que foi mulher vossa, e que tanto vos amou, e que vos ama agora mais, e que o excesso com que vos amou, aggrava o fogo, em que se está abrazando viva? Como não atalhaes espectaculo tão doloroso, apa-

gando este incendio com as abundantes aguas que para isso está manando este Livro?

E' possivel que vos não mova a tão devida caridade, nem a lei que guardaes a Deus, nem a lei que ambos nos promettemos que vos não mova, nem o nosso contínuo tracto, nem o nosso conjugal amor?

Nec te noster amor, nec data dextera quodam? Dizei-me a quem d'esse mundo quereis recorra, se n'esse mundo não servi a outrem mais que a vós? O' deshumanidade! *Clamant ad nos* (dizia Santo Agostinho) *quotidie, qui dum vixerunt, multa mala pro nobis sustinere volunt, nec eis subvenir curamus. Oh verè magna inhumanitas!* Em um candieiro de bronze fez tal moça tocal-o a agua, em que uma de nós padecia, que logo o derreteu, assim como o fogo costuma derreter a cera. Oxalá foreis de bronze, pois com es'e caso esperava enternecer-vos; oxalá fôra dureza de irracional a vossa, que ainda esperaria correspondencia mais humana. Os Delfins se compadecem dos defuntos, e os tiram á praia, para que lhes dêem o descanso da sepultura; já succedeu que os Leões a abriram, e que os Elephantes os tiraram das chammas, expondo-se a ficar n'ellas sem vida; e a vós não vos incita nem a razão de homem, nem a de Christão, nem a de marido, nem a de cumplice de minhas culpas, para me tirar d'estas penas. Pois até quando vos ha de obstinar contumacia tão sem igual? Ora pois, se algum dia haveis de abrir os olhos, quando não para olhar para mim, para chorar por vós, seja este. Homem houve, que trocou sua relaxada vida, porque tendo morrido o amigo, com quem mais tractava, lhe occorreu esta especie: *Já no Tribunal Divino se fallou em mim.* A mesma nova vos dou, querido esposo meu, a mesma nova

vos dou, já se fallou de vós no Juizo de Deus, porque me tomaram n'elle residencia de quanto descuidei de minha Alma, por contemporisar comvosco, do que comvosco me indignava, do que comvosco sobremesa murmurava, e de tudo o que comvosco obrei, e por vós deixei de obrar, olhai se se tem já fallado de vós no Tribunal de Deus? e pois sois tão ditoso em o saber a tempo, que podeis perservar-vos, aproveitai-vos da occasião, e da noticia em vosso e meu favor: em vosso favor, sahindo já do peccado mortal em que viveis, por não terdes satisfeito o que reservei para minha Alma no nosso contracto, e depois ordenei em meu testamento; já procurando ordenar os affectos de modo, que o excesso de seu uso não vos traga ao excesso d'estas penas; já offerecendo as adversidades domesticas, e as frequentes occasiões de desgosto em satisfação das penas devidas a vossas culpas; já repetindo com interior anhelo verdadeiros desejos de vêr a Deus, já conformando-vos ingenuamente com sua vontade quando vos chame, e em meu favor vertendo agua, e mais agua das Orações propostas.

Nada é pouco, se se faz por este fim, e quando não baste para me dar a liberdade, bastará para me alliviar a prisão; quando não para me tirar a cadeia, bastará para se lhe diminuirem os fuzis; e emfim tanto podeis chegar a repetir uma Oração, que baste para dar cumprimento ao que me falta, maiormente se fôr a do Padre-Nosso e Avè-Maria, cinco vezes em referencia das cinco Chagas, como já deixamos dito. Offerecei-nos dizer esta devoção todos os dias de vossa vida, e entre dia repetir a do Padre-Nosso, já com o exemplo do Bispo, o qual viu a um menino, que com um anzol de ouro tirava de uma profunda cova a uma matrona formosissima, e lhe revelou que era a Alma de sua mãe

que tirava do Purgatorio com a Oração do Padre-Nosso, que o menino resava na sua sepultura; já com o exemplo de outra Alma, que appareceu a um religioso *(in Chron. Min.)* e lhe rogou que lhe dissesse a Oração do Padre-Nosso. Assim o fez logo, e a Alma lhe disse: *Oh Padre, se soubereis o grande allivio que senti com essa Oração, rogo-vos que a queiraes repetir.* Repetiu-a, e tornou-lhe a dizer: *Não haveis de crêr o pezo, de que me alliviastes com a repetir, encarecidamente vos rogo que torneis a repetil-a.* Continuou a resar até cem vezes, e então a Alma, banhada em golfos de luzes, se lhe deixou vêr; deu-lhe as graças, e foi para a Gloria. Oh se fizereis igual empenho de luctar com minhas chammas por meio d'esta Oração, sem a tirar da bôca até me tirar d'ellas, que duello tão bizarro seria! E pois não duvidaes que de poder a poder o haveis de lograr, porque é maior sua força, que este ardor; e pois vêdes qual fico, dai principio á dita devoção, repetindo cinco vezes em honra das cinco Chagas, e em minha satisfação o Padre-Nosso e Avè-Maria, posto em Cruz, pois ainda nos vossos livros de contas uma Cruz na margem é signal de estarem pagas.

CAPITULO VIII

Corrobora-se o dito com o exemplo de uma maravilhosa Serva de Deus

Por chegar agora a minhas mãos a Vida da veneravel Soror Maria Vilani, Religiosa Dominica Napolitana, filha dos Marquezes de la Pola, impressa em Madrid ha cinco annos pelo Reverendissimo Pa-

dre Mestre Zuazo, Dominico, e por ter sido tão fervorosa protectora das Almas, como se verá, não quero defraudar ao leitor de alguma de suas noticias, nem a este Livro de tão authorisado arrimo; como tambem porque tendo feito doação do merecimento de todas suas obras ás Almas, se veja o muito que deu, no muito que obrou.

Tanto de antemão a preveniu a jurisdicção da graça, que tendo seis annos de edade, e ouvindo que um Mouro se entregára ao Demonio com carta de escravidão, firmada com seu proprio sangue, a tenra e delicada menina se retirou a um aposento, e prostrando-se deante de um Crucifixo, desabrochou o peito, e o furou com um furador tão repetidas vezes, que tirou bastante sangue para com elle escrever, e firmar carta de escravidão, em que se entregava por uma eternidade a Deus.

No exame de consciencia, que fazia á noite, contava as palavras boas e más que fallára no dia, e por cada palavra feria com uma agulha a lingua, se havia sido boa, por se acaso tinha mistura de imperfeição, e o ignorava; e se havia sido má, em pena da culpa. A mesma justiça executava pelas palavras que ouvia, e depois de atravessar a lingua com tantas feridas, quinze vezes a arrastava pelo chão de toda a sala em reverencia dos quinze Mysterios do Rosario. Entre as solas dos pés e o calçado entromettia miudas pedrinhas, para que a cada passo a mortificassem. Entre o vão da espadua e o gibão mettia uma pedra aguda e esquinada, para que a cada respiração se lhe pregasse; atava os joelhos com ligaduras de materia dos cilicios, para que orando a molestassem: o cilicio lhe abrangia todo o corpo, e como o não tirava nas horas do somno, não podia mover-se sem se lastimar. A este respeito póde o leitor inferir qual seria o rigor de seus je-

juns, disciplinas e outras penitencias, e qual e quanto o interesse das Almas do Purgatorio, tendo começado a carreira desde quatro annos de edade, e acabado nos oitenta e seis, e tendo-a Deus transportado muitas vezes a que visse a severidade d'aquellas penas.

Esteve em uma cama cincoenta e seis annos contínuos, sendo um retabulo não só de males e miserias, mas tambem de milagres e maravilhas, com que a enriqueceu a Omnipotencia: porque na mesma cama, em que estava aleijada, tolhida e muito tempo cega, escreveu doutissimos livros, e em latim, que nunca aprendeu, e Commentos da Escriptura, que ella ignorava, e tantos Tomos, que alem dos que sahiram á luz, o Papa Innocencio Undecimo reservou a maior exame duas arcas de escriptos seus. Emfim mereceu que Christo lhe dissesse o mesmo que a S. Thomaz: Bem escreveste de mim, Maria. *Bene scripsisti de me, Maria.*

Escrevendo o soberano Livro de *Tribus Divinis Flammis*, em um dia da Commemoração dos defuntos quiz interrompel-o, por se entregar na devoção das Almas, e apparecendo-lhe Christo, disse: *Escreve, que essa é minha vontade, e porque o façam com mais promptidão, te prometto por cada regra que escreveres, tirar uma Alma do Purgatorio.* Pôz-se a escrever com tanta pressa, que n'aquelle dia acabou o livro, apesar dos estorvos, com que o demonio, qual ave de rapina, quiz embaraçar a sua penna. Ficou porém tão lastimada, que em quatro dias depois não pôde mover nem um dedo da mão.

Como as Communhões eram o mais frequente donativo com que soccorria as Almas, e como tivesse licença para commungar cada dia, e não se podia mover, deliberou metter-se dentro em uma giga, e desde a cama, arrimando a giga á parede, ir de va-

gar empurrando-a ella mesma, e assim arrastando descer até a grade da Communhão; e o que é mais, que tornava a subir outra vez do mesmo modo pela escada do Mosteiro, e isto executou no decurso de cincoenta e seis annos, todos os dias.

O acto, a meu vêr, de maior vencimento, e por conseguinte de maior merecimento para sua Alma, e de maior satisfação para as do Purgatorio, foi o que se segue: Christo a ajudava a resar o Psalterio, quando estava cansada, resando-o ambos alternadamente. Disse-lhe o seu Confessor (o veneravel Padre Mestre Fr. João Leonardo Dominico, de cuja Beatificação se trata) que se Christo baixava outra vez a ajudal-a a rezar, lhe cuspisse no rosto; e como tornasse a descer, ainda que conheceu nos effeitos que era Christo, determinou sua obediencia executar, o que minha penna treme de escrever. Emfim cuspiu no rosto a Christo, e sorrindo-se sua Divina Magestade, lhe disse: *Nunca perfumaste meus Altares com mais agradavel insenso, que com esta cega obediencia a teu confessor*. E para que se conhecesse, dispoz o Senhor que aquelle cuspo se tornasse logo em uma fragrante rosa, em cujas folhas se lia: *Todo o bem procede de amor*.

Este foi tão excessivo em sua Alma, que redundava nos extremos do corpo, e tão implacavel, que com permissão e assombro dos Medicos bebia cada dia quarenta e cinco canadas de agua, e a ultima quando lhe cahia no estomago, fazia o mesmo ruido, que um ferro em braza, quando se afoga na agua, sem que bastasse tanta agua a tanto fogo de caridade: *Aquæ multæ non potuerunt extinguere charitatem*. Em uma occasião lhe perguntou Christo tres vezes se o amava, e por fim lhe respondeu que o amava, e tanto que não cedia n'isto a Santo algum do Céo. Ao impeto com que o disse, sentiu formar-

se-lhe uma lingua material de fogo junto ao coração, cujo incendio não pôde mitigar depois com quanto caramelo e neve lhe applicava, obrigando-a sua impetuosa força a chorar sangue muitas vezes.

Quando via que incensavam a Christo, se desfazia em desejos de ser incenso, e dizendo-lhe o Senhor: *Que incenso pódes tu consagrar digno de meu olfato?* Respondeu: *Meu coração.* Então disse o Senhor: *Pois eu o acceito;* e abrindo-lhe o peito, lhe arrancou verdadeira e sensivelmente o coração, e deixando-a sem elle, o levou em sua mão Christo; ficou com as dores correspondentes a esta falta, e ao outro dia lh'o restituiu, enchendo-o de todo aquelle Divino Amor, de que era capaz. Outra vez lhe disse Christo: Não só quero tirar-te o coração, mas recolhel-o em meu peito, e o meu no logar que o teu occupa, e assim o executou; a cuja superabundancia de favor cahiu em terra sem sentidos, e recobrada lhe disse: Senhor, nem quero o meu nem o vosso; não o meu porque de vós o possuo; não o vosso, porque só n'esse divino peito tem digno relicario. Emfim eu não quero senão amar-vos. Ao que o Senhor respondeu com amoroso semblante, e se foi, deixando feita a troca de corações.

Terceira vez repetiu Christo este favor, e como n'esta occasião assistisse Maria Santissima, lhe disse Christo: *Amabilissima mãe, enchei o coração d'esta minha serva do candido alimento de vossos peitos.* Disse-lhe Maria Santissima: *Filho meu, enchei-o vós do Sangue de vossas veias.* E uma e outra cousa pozeram por obra, deixando seu coração banhado d'aquelle purissimo licôr, que sustentou a um Deus, e do Sangue, que redemiu a um Mundo. Com estas enchentes cresceu a insupportavel força de seu amor. Não podia empregar os olhos em Imagem sagrada, sem que logo a elevassem pelos

ares abrazados extasis. Emfim o Confessor se resolveu a prohibir-lhe as devoções, porque se começava, não a deixavam os raptos nem proseguir, nem acabar. Costumava dizer a Deus: *Senhor esperai um pouco emquanto acabo isto, que logo tornarei a abrazar-me em vós.* Sem esta prévia salva não podia emprehender cousa alguma, porque tudo era amar sempre ardendo, e arder sempre amando.

De uma caridade tão caudalosa para com Deus infira-se a que teria para com as Almas do Purgatorio, maiormente tendo-a o Senhor levado muitas vezes a vêr quanto padeciam, do que costumava ficar tão lastimada, que em muitos dias depois não se podia valer de si por causa do tremor, que lhe partia o corpo, e da funesta mágoa de que sua imaginação ficava banhada. Em uma d'estas occasiões, em que seu espirito foi transportado ao Purgatorio, esforçou tanto sua Oração para com Deus, que movido o Senhor de seus rogos, tirou d'aquelles calabouços quinhentas Almas, as quaes vieram dar as graças á Serva de Deus pela eterna liberdade, que lhes antecipou.

Outra vez, que n'este fogo se ateou sua meditação, começou a exclamar: Ai, meu Deus, quem póde soffrer que tantas Almas amadas de vós, e amantes vossas sejam tão duramente atormentadas! Oh quem déra a meus olhos lagrimas sufficientes para apagar seus incendios, ou que bastasse meu sangue para mitigar seus ardores! Oh Senhor, com que gosto entraria eu por essas chammas, para livrar d'ellas a uma só Alma! Outorgou-lhe Deus o desejo, e a fez entrar n'ellas, ainda que em espirito, mas com a apprehensão de que estava corporalmente. Achou-se affundada em fogo até á garganta, penetrada de umas angustias, que segundo disse, só as do Inferno lhes podiam igualar. Perseverou n'estas

chammas muitas horas, e emquanto ardia n'ellas, diffundia de si em logar de sangue candissimo leite, o qual apagava o fogo, que as outras Almas padeciam, e com este licor suavissimo as refrigerava. Assim como o fogo se cevava mais n'ella, era mais copiosa a affluencia do leite, que distillava, e maior o refrigerio das outras Almas; revelando-lhe depois o Senhor que pelo que havia padecido n'este lance, tinha livrado tres Almas do Purgatorio, consignando-as para uma eternidade na Gloria.

Não estranhará estas finezas quem saiba as que alcançou em outra linha. Desejava muito que Christo a confessasse e o conseguiu. Assentou-se Christo e ella se ajoelhou e lhe disse suas culpas. Treze horas durou a confissão, assim porque a esta luz viu os átomos, que sem ella passavam por alto, como porque a força do prazer e da dôr lhe interrompia as palavras, e tambem porque obrasse n'este interim satisfação digna do que alcançou, que foi absolvel-a Christo de culpa e pena, reduzindo-a á pureza, que o Baptismo lhe deu.

Mereceu que o mesmo Christo lhe désse o Habito com as proprias ceremonias com que na Religião se dá ás Noviças. Benzeu sua Divina Magestade a agua, Maria Santissima tinha em sua mão a caldeirinha, S. Domingos o hyssope e os Serafins serviam de acolhytos, fazendo-se a funcção com a miudeza de ceremonias e abundancia de Divinos favores, que em sua historia se podem vêr. Esta visão excedeu a outras em que não foi imaginaria, senão physica e real, por se ter conservado mais de tres mezes depois a agua que Christo benzeu, sem se diminuir e tirando-se sempre abundancia d'ella, sendo que a caldeirinha era de tão pequeno bojo, que apenas levaria um quartilho. A' vista

d'este favor não se estranhará a familiar indignação de Christo a ajudar a bordar, de passear com ella pela cella mão por mão, de se comporem um a outro amorosas poesias, e cantando-as ella, lograr que a Rainha dos Anjos baxasse a acompanhal-a, formando ambas um *Duo*. Mas ainda que isto é tanto, muito mais é a meu vêr, que cantando um dia a Christo o *Te-Deum laudamus*, baixou Christo, e verteu este mesmo cantico em favor d'ella, e lh'o mandou escrever, cujo principio é: *A ti, esposa minha, adorno do louvor eterno.*

Todo este valimento com Deus disfructava para suas queridas Almas do Purgatorio e como sabia que o atalho para este fim é a Paixão de Christo, pegou sua meditação um dia para este intento em todos os Passos d'ella um por um e vio depois uma numerosissima procissão de Almas, as quaes arrastando candidas roupas, cada uma levava um instrumento da Paixão do Redemptor na mão, e deixando-o em um magnifico Altar, recebiam por elle uma formomosissima corôa; tambem viu que quando a recebiam, se voltavam a dar obsequiosas graças a uma virgem, que as ia capitaneando. Decifrou o Senhor o significado d'esta visão, revelando-lhe que a Virgem era ella, e que as Almas, que largavam o instrumento da Paixão e recebiam a corôa, lhe davam as graças, porque por ella ter meditado n'este assumpto por seu allivio, lhes grangeára a florentissima corôa da Gloria. Com isto fica confirmada a devoção que acima aconselhei.

Não faço menção da liberdadade que ganhou para a Alma de seu esclarecido pae, o qual tendo sido mui justiçado, padeceu largo Purgatorio pelo nimio affecto á sua fazenda e demasiada diligencia em a augmentar; como tão pouco das muitas Almas de particulares Religiosas, que resgatou e que

(segundo lhe disseram) padeciam tormentos mui graves por mui leves transgressões. Tambem não refiro a de outra Alma, a qual vendo que se estava tostando dentro em uma vestidura de fogo, que a cobria dos pés até á cabeça, e com maior voracidade que ás outras, em pena de ter excedido em vida na profanidade do trajo, não se contentou em orar por ella, senão que quiz padecer em si propria o fogo e suas dôres, para que ella se livrasse d'elle e d'ellas; fineza que executou por outras, e de que não faço conta, por me parecer que bastam as partidas, que por maior se disseram; pois em uma livrou quinhentas Almas, em outra tres mil, em outra tantas, como regras tinha um Livro, e em outra tantas, quantas incluia uma procissão d'ellas sem numero.

O exemplo d'esta veneravel Religiosa, e os que se teem dito antes, e se dirão depois, recommendam ao Estado Religioso a especial obrigação de merecer pelas Almas. Mas porque este assumpto requer mais eloquente e authorisada penna, cedo d'elle, e o encommendo ás mesmas Almas como mais habeis: porque se disse Tullio que o meio de inflammar ao ouvinte é arder o Orador: *Ardeat Orator, si Judicem velit incendere,* sendo as Almas Oradores, que ardem, não podem deixar de inflammar ao Leitor. E se Horacio tambem pede que chore antes, quem quizer persuadir a que outro chore:

Si vis me flere dolendum,
Es primum ipse tibi.

Não falta esta circumstancia ás bemditas Almas, supposto que desfeitas em undosos diluvios de amargas, ainda que conformes lagrimas, choram pedindo e péde-me chorando que as cheguemos ao ar-

14

dente lume de gloria, que é o que só póde seccar seus prantos, tirar suas dôres, e fazer signal a seus clamorosos gritos: *Ubi neque luctus, neque clamor, neque dolor erit ultra.* Apoc. 21.

GRITOS DAS ALMAS

Eu sou, ó veneraveis Religiosos e Religiosas, eu sou uma Alma, que logrei vosso mesmo estado, e que cahi desde o alto Tribunal de Deus n'esta tenebrosa furna, aonde ao crisol do fogo estou purgando o que fiz, e á suffocação do fumo choro o que não fiz, e assim como a cousa julgada deveis dar attenção e credito a quanto vos disser.

Sabei que assim como sendo examinado o sepulchro de Christo *(Ioan. 20)*, nada se achou de Christo n'elle, senão o habito, que era o Sudario, assim examinando Christo no Juizo a alguns Ecclesiasticos, e Religiosos, nada de Religiosos acha n'elles, se não o habito, e este, como sabeis, não é o que os faz. Ponderai a confusão, que então cahirá sobre os taes, obrigados por sua profissão a serem uns Christos na vida, e não terem de Christos mais que a verdura. Só o algoz a quem coube por sorte os pôde retratar, pois por fóra era um Christo no habito, e por dentro era sua consciencia de um soldado.

Este damno nunca vem de pancada, se não introduzido de veniaes disposições, que lentamente lhe vão prevenindo o aposentamento. Ecclesiast. 19. *Qui spernit modica, paulatim decidet.* Por isto deveis afugentar as inobservancias leves com o mesmo esforço que as graves; já vol-o disse S. Bernardo: *Mens Deo dicata sic caveat minora vitia, ut maiora; quia a minimis incipiunt qui in maxi-*

ma proruunt. E Cesareo: *Parvas negligentias quasi venena diaboli respuendas*. Emfim Dacriano, Abbade até de Religiosos, degrada aos taes: *(In 5. Bibl. Patr.) Si ordinationes sanctæ Religionis quantumvis modicæ sint, parvi facis, Monachus non es*. Porque como diz S. Basilio: *Nihil minutum est, quod causa Dei fit*. E emfim, ainda que a causa seja leve, o detrimento é grave. *Quæ enim* (vos diz Santo Efrem Adot, 1) *parva esse vindentur, non offerunt exiguum detrimentum*. Do que com delicada precisão dá a rasão Santo Anselmo, porque ainda que a obra seja de mui pouca entidade, comtudo não o é a inobediencia que se incorre. *Non debetis considerar* (diz Epistol. 8, ad Monac.) *quam parva res sit quam contra prohibitionem facitis, sed quantum malum sit inobedientia, quam pro parvare incurritis*.

N'esta fé se accusou a Santa Pazzis de ter comido dous pinhões fóra do refeitorio. Porque aquillo que por leve se deixa aqui na Confissão, o demonio o recolhe para lá o accusar. Como á veneravel Madre Vilani (de que falla a Capitulo) disse uma vez mui alegre Satanaz que guardava seus peccados em uma bolsa, e obrigando-o a que a abrisse, viu que encerrava umas pontinhas de fios de retroz, que lançou fóra quando bordava, por não servirem. Emfim os religiosos ardem n'estas chammas por desperdiçar lentilhas, como os seculares por desperdiçarem thesouros. *Illum velim* (diz o Nazianz. Orat. 3) *ne ignores rugam unam tibi turpiorem esse, quam maxima vulnera his, qui in Mundo vivunt*. Por isto Dionysio Carthusiano *(Serm. Dominic. 4, Advent.)* diz que o Religioso deve chorar cada dia suas tibiezas e imperfeições com a mesma efficacia, com que um secular Santo chora seus peccados mortaes. E S. Bernardo

(Serm. I de Convers, Sanct. Pauli) com assaz aspereza lança assim o sêllo: *Fratres, ne quis parva reputet. Nemo dicat in cord suo. Levia sunt ista, non curo corrigerre; non est magnum, si in his maneant venialibus, minimisque peccatis. Hæc enim, dilectissimi, impœnitentia blasphemia in Spiritum Sanctum, blasphemia irremissibilis, etc.* Vêde a Dacriano, Abbade, se tendes animo para lêr o que d'este ponto diz no fim de seu opusculo tom. 5. *Bibliot. Patr.*, e a João Nider. *Tract. de Laps. Relig. cap. II,* aonde cerra a porta falsa de algumas dispensões que se dão, e se pedem na Religião, das quaes diz que não são dispensações, senão dissipações: *Apud multos veritatem obtinet ista vulgaris definitio. Dispensare est cum licentia ad infernum intrare.*

Emfim devieis resistir a estas imperfeições, quando não pelas culpas, a que guiam, pelas penas, a que no Purgatorio obrigam, de que não podeis allegar ignorancia; pois do modo que a providencia humana põe aos faccinorosos castigados nas estradas para escarmento dos que passam, assim a Divina tem em vossas Chronicas denotados os castigos, que no Purgatorio fez em Almas Religiosas por similhantes miudezas. Pois como sabeis, contam de um que aqui padeceu severamente, por se não ter inclinado no côro ao *Gloria-Patri*, como é costume, e se o não abaixar a cabeça contra o costume se castiga tanto, que será o levantar a cabeça contra o Prelado, ou Prelada? De outro que padeceu aqui muito pela nimia familiaridade com os seculares. Outro, por se ter valido de intercessões para se ordenar. Outro, por não entregar o calçado velho, quando lh'o davam novo. Outro, pela vaidade em argumentar, e demasiada curiosidade no habito. Outros, por empregarem a recreação, que é per-

mittida pela Regra, em recreações, que não eram permittidas. Outro, por negligente em satisfazer as penitencias que o confessor lhe dava, e este sahiu condemnado a Purgatorio até o dia do Juizo. Outro, por ter excedido imprudente nas penitencias, com que mortificou seu corpo. Outro, porque deixou de tomar por mimoso algumas disciplinas da Communidade, não ficou depois demonio, que com um látego de fogo não lhe désse um cruel açoute.

Outro, por chistoso nas conversações padecia aqui com a bocca cancerada, e com a lingua monstruosamente inchada. Outro, por seguir tenazmente seu dictame, sendo Prelado, e este appareceu á Madre Francisca, e lhe ponderou quão prejudicial era um Superior aferrado á sua opinião. Outro (e estes são muitos e muitas), pelo interior sentimento que tiveram de não se fazer mais caso d'elle na Religião. Outro, pelo demasiado adorno da cella, motivo porque Santa Pazzis exclama: *Oh meu Jesus, quanto se aceiou a formosura Religiosa com a maldita propriedade!* E emfim o commum, porque os de nosso estado aqui padecemos, é por falta de perfeita obediencia, e por demasia de amor proprio, e especialmente por não termos dado graças a Deus pelo incomparavel beneficio de nos ter trazido á Religião. Poucos cuidam n'isto, e é um dos cargos mais pezados que no Juizo se nos dá.

Agora conheci com quanta razão a Santa Pazzis antepunha esta mercê a todas depois da do Baptismo, dizendo que estimava mais ser rodilha do Mosteiro, que senhora do Mundo, não se fartando de beijar as paredes do Convento, e posto que velhas, e quasi desfeitas, lhes dizia: «Oh bemditas paredes, que boas sois, pois nos apartaes do seculo, e nos impedis vêr o que nos impediria vêr a Deus! Se eu estivera no seculo fóra d'estas paredes, tivera com-

mettido tantas maldades, que por ellas me tiveram já justiçado, e assim tenho razão para vos beijar uma e muitas vezes. Esta mesma Santa vos dá luz de outro cargo, que no Juizo se faz ás Religiosas, que é não cooperar á conversão dos peccadores com suas penitencias e orações, dizendo como Santa Catharina de Sena que Deus se queixava de não haver no Mundo quem se oppozesse á sua ira e a applacasse, e emfim dizia: «Nós, irmãs, havemos de dar conta a Deus de muitas Almas que estão no Inferno, as quaes, se tiveramos rogado por ellas a sua Divina Magestade, não se tiveram condemnado. Este é o nosso officio, porque Deus não nos tirou do Mundo só para que sejamos boas para nós, senão para ajudar com orações e penitencias aos demais.»

Agora dizei-me: se fosseis aos Santos Logares de Jerusalém e vos encontrasseis com um Peregrino, que voltava de os visitar, e vos advertisse os perigos de um caminho e as seguranças de outro, as descommodidades d'estas pousadas e o bom tracto d'aquellas, não agradecerieis seus avisos, e tomarieis seus conselhos? E' certo. Pois, ó Religiosos e Religiosas, viadores sois, que desde que professastes vos cingistes para ir aos santos Logares da Celestial Jerusalém pelo caminho de uma boa morte. Eu, que já andei por esse caminho, vos aviso que não tomeis pelo soberbo monte de pretensões ao governo, porque os mais que vão por esse monte cahem despenhados em lagos de fogo e de fumo; aviso-vos que não tomeis por plainezas amenas e floridas de larguezas e regalos, porque por ahi se vae dar em bosques de ásperos espinhos, dos quaes não se sahe em muitos annos; aviso-vos que não entreis na coutada do Mundo nem por pensamentos, porque os que n'ella entram, são cruelissimamente castigados ao sahir; aviso-vos que não passeis pela

ponte, que lavra a dispensação, que sem causa pedis, e vos dão, porque por falta de fundamento está tremendo, e dareis com ella em pêgos de chammas; aviso-vos emfim que façaes a viagem despidos porque na Alfandega examinam com tal rigor, que até a um fio de retroz se apegam. Logo deveis seguir meus conselhos, e agradecer meus avisos.

Este agradecimento haveis de mostrar no soccorro de minha necessidade, quando não por mim, por vós mesmos, pois já sabeis que um Religioso appareceu a outro afogado em chammas, e lhe disse: *Quantos suffragios e orações se fizeram por mim em toda a Ordem nenhum me valeu, porque Deus applicou todos por outras Almas, em pena de eu ter sido descuidado em fazer pelos defuntos o que ordenam as Constituições.* Vêde se vos importa a prompta observancia d'esta obrigação. Oh queira Deus que arda nos Prelados este zêlo, que se derive aos subditos, e se augmente nas Communidades de maneira, que quanto bem se executar, seja por este fim.

E para que eu vos mereça esta piedade, ó Religioso ou Religiosa, que me ouvis, não vos quero reconvir com a lei da correspondencia, por ter sido de um mesmo habito e estado; nem com a de termos vivido juntos debaixo de um mesmo tecto em um mesmo côro, em um mesmo claustro, em um mesmo refeitorio, e com umas mesmas leis; nem com a morte me ter arrancado de vossa amada companhia, não vos reconvenho com isto, mas só com que considerae que conheço a Deus, que o amo, que o desejo vêr, e que o não vejo, e que este desejo me podeis vós satisfazer, orando por mim. Sabendo o que é um Deus conhecido e não alcançado é impossivel que o pezo d'esta consideração vos não derrube logo em terra com empenho de vos não le-

vantardes até que com vossa oração me levanteis do Purgatorio ao Céo. Bem podeis lançar a Deus esse desafio com segurança de que o ouça mui gostoso, porque na Escriptura, *Canticor* 7, Diz: *Dura sunt Infernus æmulatio.* E Fuo Carpaciode, *Oratio*, entendendo por *Infernus* ao Purgatorio. E expondo-o assim: *Æmulationem duram dicit sicut Infernum, quandoquidem precibus ex hujusmodi æmulatione provenientibus Animus a Purgatorio liberamus*, é dizer o mesmo que eu vos aconselhava, que porfie vossa devoção e que insistam vossas orações contra estas chammas, dizendo a Deus que não haveis de parar em pedir até que eu cesse de penar. E assim não fique por vós, começarei logo, prosegui vossas culpas, e não cesseis, até que com a interior consolação que sentirdes, vos dê Deus a entender que já estou livre, e depois emprehendei a liberdade de outra Alma com a mesma instancia. Em todo este segundo livro tendes larga materia, em que podereis empregar estes espaços de tempo e armas, com que, qual outro Jacob, podeis luctar a braço partido com Deus, e tambem com o exemplo, que assim se referiu. No entretanto repeti o Psalmo *De profundis* tantas vezes, quantas vos ditar o espirito, e se o não sabeis podereis suppril-o com a Oração do *Padre-Nosso* e *Avè-Maria*, devota e continuadamente repetida.

CAPITULO IX

Cessão de bens sactisfactorios em favor das Almas

Se até aqui, ó Leitor, correstes com ligeireza, desde aqui empenho vossa reflexão, por ser o ponto mais importante ás Almas, e o centro, a que se dirigiram as linhas d'este Livro, como tambem porque é uma proposta, a qual lida superficialmente parece dura, e reparada com attenção se acha ser convenientissima, e assim não resolvaes até se vos ter feito cargo do que se péde.

O que se péde é, que vos desapproprieis da parte satisfatoria de todas vossas obras boas, e as cedaes nas Almas do Purgatorio; e para que o entendaes, se não fordes letrado, vos advirto que por cada obra boa mereceis e satisfazeis, e que esta satisfação é o menos: porque a principal, conforme todos os Theologos, é o merecimento e com este, que é o mais, ficaes vós sempre, porque ainda que queiraes, não o podeis transferir a outro, e assim só a satisfação, que é o menos, vos peço que cedaes nas Almas, pois vós ficaes com o merecimento de graça e gloria, que a obra vos grangeia e que é o mais e o melhor.

Ainda que isto é para vós tão util e tão praticado dos Santos, como se verá, comtudo o contradiz o maior inimigo dos homens, ainda dos mais espirituaes, a saber, o amor proprio, o qual como demonio domestico procura suggerir que não só não é caridade, mas antes contra ella, pois em cada uma deve começar por si mesmo, e que o não póde ser, se daes ás outras Almas o que a vossa ha mister, expondo-vos a estar no Purgatorio privado

de vêr a Deus, porque outros o vejam mais depressa. Estes e outros laços tecé, para que não deis este vôo de caridade tão importante a vós, como ás Almas.

Porém ou sois douto, ou o não sois? Se o sois, não vos enganará com esta falsidade: porque já sabeis que quando a caridade vos move a desapropriar-vos da satisfação, o que vos faz perder de satisfação, vol-o recompensa dobrado no que importa, e vale mais, que é em moeda de merecimento; e para que nem ainda do effeito da satisfação, de que vos privaes, fiqueis privado, milita o que não só é conforme com a commum sentença, senão com a Providencia de Deus, que em remuneração de terdes cedido vossas obras por outras Almas, Deus acceitará depois as de outros pela vossa. E se bem o consideraes, mais vos importa trabalhar para que Deus acceite por vós uma Missa do que procurar que por vós se digam cem mil: porque com uma, tendo acceitação, sahireis do Purgatorio, e com cem mil, não sendo acceitas, ficareis n'elle. Este discurso me atou de pés e mãos, e logo me obrigou a fazer a doação que vos persuado.

Eu confesso que com a occasião de escrever este Livro se avivou em mim a fé do Purgatorio, e que me apertava o coração o justo medo de tão atroz morada. Consolava-me a lembrança dos muitos suffragios que espero, além dos que aponto na Dedicatoria; porém entristeceu estas alegres contas o risco de Deus os não acceitar, e tornava a desconsolar-me e affligir-me. É possivel (suspirava) que não ha de haver meio para grangear esta acceitação? E todos os Theologos e Padres desde Santo Agostinho abaixo, me responderam que sim, que o meio, para que então acceite Deus por mim o que por mim se fizer, é fazer eu agora actos de caridade pe-

las Almas. Ah, sim! Pois hei de fazer por ellas tudo quanto posso, offerecendo-lhes desde hoje tudo quanto fizer. Desde então não vi a cara a este horror, e cobrei a confiança que perdi entre as dúvidas da acceitação, esperando que em premio d'esta renuncia não só acceitará Deus o primeiro suffragio, que por mim se offerecer, senão que me applicará os que se fizerem por outros, que a não fizeram.

Por outra parte me lembrei que não ficava minha Alma tanto na rua como parece, pois ainda se ficava com os emolumentos de todas aquellas Indulgencias, que não são applicaveis aos Defuntos, as quaes são as mais. Como d'estas não póde despojar-se, nem passal-as a outrem, se fica com ellas; e como o ceder as outras conduz para que Deus acceite estas, segue-se que tão longe estou de me expôr a mais Purgatorio com esta cessão, que antes me assegura, ou o sahir mais depressa, ou não entrar n'elle. Mas porque, se não sois letrado, nos farão mais força os exemplos, que as razões, ouvi os seguintes:

Não querendo a Madre Francisca reservar para si uma só respiração, por ter feito universal doação de todas suas obras ás Almas, lhes disse um dia: *Irmãs, por vós hei de estar muitos annos no Purgatorio, porque tudo vos dei, e nada faço para mim*. Ao que responderam que pelo mesmo caso a ajudariam todas, e que em se privar d'esta satisfação estava sua perfeição maior. Santa Gertrudes tambem fez deixação de todas suas satisfações pelas Almas, e desconsolando-se ao mesmo tempo de sua morte por não ter ficado com alguma para si, a serenou o Senhor, assegurando-a que nada fôra a perder, mas antes a ganhar. Santa Catharina de Sena offereceu tudo o que de bem havia obrado em sua vida pela Alma de seu pae. O mesmo fez

por outra Alma Santa Thereza, e a viu logo voar ao Céo.

O mesmo fez Santa Liduvina por outra Alma, e depois padeceu dezesete annos gravissimas enfermidades por todas as Almas do Purgatorio, e dando-lhe a escolher, ou que fosse a gosar de Deus no Céo, ou que ficasse padecendo pelas Almas outros dezesete annos, escolheu o segundo. Em premio do que tirou o Senhor do Purgatorio as Almas de todos seus parentes até á nona geração, e pelo que se offereceu a padecer nos dezesete annos seguintes lhe deu credito aberto, para que em sahindo d'esta vida, tirasse do Purgatorio a seu arbitrio todas as Almas, que quizesse e as levasse comsigo á Gloria. Tendo Santa Christina morrido de edade de doze annos, quiz privar-se de vêr a Deus e tornar a este Mundo, aonde padeceu quarenta annos trabalhos, e enfermidades incriveis, e tudo pelas Almas, a quem fez doação de quanto fez e padeceu n'esta vida.

Lendo estes exemplos e conhecendo a ganancia e lucro d'esta cessão, a fizeram tambem em Leão uns Cathedraticos de Theologia *(apud Emman. Orti)* e depois os seguiu a escola de todos seus discipulos. Orando tambem o veneravel Irmão Ximeno Josuira, lhe disse Maria Santissima: *Ximeno, não te esqueças das Almas que padecem no Purgatorio.* E com estas palavras se sentiu incitado a offerecer por ellas todo o penal e satisfatorio de suas boas obras. *Exinde omnes animi, corporisque exercitationes illarum risibus transcripsit, sua ditissimus parpertate.* E' muito para notar que depois que se empobreceu por esta via, ficou riquissimo.

Deixo outros infinitos exemplos, e passo ao que chegou mais além da morte n'esta caridade, que foi o veneravel Padre Fernando de Montoi, o qual

em assignado, firmado de sua mão, fez plena e irrevogavel renuncia ás Almas, não só da satisfação das boas obras, que fizesse n'esta vida, mas até das Missas e suffragios, que depois de morto se offerecessem por elle ou por qualquer via lhe podessem tocar; empreza, que senão sabe fosse imaginada por outrem até elle, bem que depois a proseguiram varões mui doutos e espirituaes.

Quando o merecimento não fôra maior, devia mover-nos a esta obra o interesse do que as Almas soccorridas nos grangearam com Deus. Supponhamos que um Rei mui poderoso esperava a uma Princeza para casar com ella, e que vindo pelo mar a captivassem e a tivessem em um carcere, aonde a tratassem mal, perdendo-lhe o respeito: se então um grande Senhor se offerecera a ficar captivo em logar da Rainha, e padecer o que ella padecia, para que mais cedo chegasse a celebrar o desposorio tão desejado, quam agradecida lhe ficaria a Rainha e o Rei, e toda a Côrte. Que podia pedir este grande Senhor, que o não alcançasse, tendo elle cedido de sua liberdade, porque sua Rainha a tivesse, tendo-se elle sujeitado ás tribulações, porque sua Rainha gozasse do descanso; emfim, tendo sido causa de que passasse de um estado tão calamitoso ao de reinar na Côrte, e celebrar n'ella o tão esperado, como feliz consorcio?

O mesmo podeis esperar, se vos defraudaes de vossas satisfações por uma Alma: porque é certo que sahindo d'esta vida a desposar-se com Christo, a captivam e embargam no Purgatorio, aonde a maltratam com vigor, e a impedem que chegue a celebrar a desejada bôda com seu Esposo, o Rei das Eternidades, Christo; e se fazeis isto, a tiraes d'este captiveiro, e por vós entra a reinar para sempre. Vêde a remuneração, que podeis esperar de

Christo, que é o que vai a ganhar a essa Esposa e d'ella, que é a que interessa o reinar com elle na eterna Côrte do Céo. Que podeis pedir, nem que vos póde ser conveniente, que vos não resulte de uma tão generosa acção? E para que não erreis o Memorial, ponde a mira em pedir-lhes o melhor, que é em reconvir as Almas, com que, pois vós as redemis de penas, empenhem a Deus, para que vos perserve da culpa, e que acabados os dias de vossa vida, vos leve ao eterno descanso, de que vos dá segura esperança Santo Agostinho *(Serm. 40, ad Fratr.)*, dizendo não ter visto nem ouvido que algum devoto das Almas tivesse desastrada morte.

Isto confirma o caso *(apud Speculum Exempl.)* de um homem, enormissimo peccador, o qual exhortado de todos a confessar-se na hora de sua morte, e resistindo a todos, chamaram a um Confessor mui santo e austero, que havia muitos annos habitava no deserto: chegou este, a quem tambem resistiu, e como fosse a causa a innumeravel quantidade de peccados, pelos quaes nenhuma penitencia tinha feito, o Confessor, inspirado por Deus, lhe disse: que se se animaria, se elle lhe désse a satisfação de todas as boas obras, mortificações, e penitencias, que havia feito em toda a sua vida, e todas as que havia de fazer d'ahi em diante. Respondeu-lhe o moribundo que sim, e então o Confessor lh'o outhorgou, e se valeu do ardil de lhe dizer: Pois olhae que, para que eu dê cabal satisfação de vossas culpas, hei de saber quantas, e quaes são. Pareceu-lhe bem, e lh'as disse. Depois de as ter ouvido, o dispoz a que se arrependesse d'ellas, e o absolveu, e no mesmo ponto expirou. Depois lhe appareceu coberto de resplandecentes nuvens de gloria, e lhe disse: *Devo á doação que me fizestes de vossas satisfações, a subir ao Céo, e*

livrar-me do prolongado e terrivel Purgatorio, que me ameaçava. E perguntando-lhe o Confessor se as perdera elle, por lh'as ter renunciado, lhe respondeu: Como perder? Antes é dobrado o premio, que por ellas tendes: *Deus tibi reservabit duplicata, eo quod abstulisti desperationem, et signum maximæ charitatis mihi demonstrasti.*

Abona esta verdade Santo Agostinho com a pobre Viuva de Sarepta no *Cap. 4, lib. 4. Reg.* Emquanto aquella pobre Viuva tinha guardado aquelle pouco de azeite sem o communicar, nem pôde pagar com elle suas dividas, nem ainda lhe bastava para sua casa; porém quando sua caridade o distribuiu pelas vazilhas alheias, todas as pôde encher, sobejou-lhe para sua casa, e pôde pagar as suas dividas e as alheias. Como se póde mais expressamente dar a entender que, se derramaes nas taças vazias do Purgatorio o azeite de vossas boas obras no qual é significada a Caridade, não só é certo que não as perdereis, antes sobejará para vós, para pagar vossas dividas, e as d'aquellas pobres Almas.

Emfim, já que não podeis acabar comvosco tão louvavel acção, ao menos resolvei-vos a ter todos os dias pela manhã intenção de querer ganhar pelas Almas todas as Indulgencias, que estiverem concedidas ás obras que fizerdes: porque se estaes em peccado, é certo que vos não aproveitam a vós, e e provavel que aproveitam ás Almas; como tambem é opinião corrente que ter inclinação a ganhal-as é um dos signaes de predestinado, e por isso uma das cousas que se examinam na Canonisação de um Santo, é, se foi devoto das Almas do Purgatorio.

GRITOS DAS ALMAS

Laboravi clamans, raucæ factæ sunt fauces meæ. Psalm. 68. Já enrouquecemos por causa do que temos gritado, porque o vosso desvio nos fez levantar a voz, e este gritar já nos atenuou os orgãos da falla, e não podemos repetir clamores. Já nos faltam pelo muito que temos chorado a dilação de vêr ao Summo Bem, que esperamos; já nos faltam, não sómente as lagrimas, mas ainda os olhos: *Defecerunt oculi mei, dum spero in Deum meum.* E pois estas são as ultimas vozes com que nos despedimos já de vós, ó Christão Leitor, ouvi-as com toda a Alma, e estampai-as em vosso piedoso coração.

No primeiro livro lêstes a intenção de nossas atrozes penas, e vos compadecestes. No segundo lêstes a numerosa, facil e suave cópia de meios, com que nos podeis mitigar o tormento, ou tirarnos d'elle, e propozestes executal-o; mas ai de nós, que o que agora nos afflige, é que poreis o livro de parte, e com elle nossa lembrança, e que passado o fervor de sua lição, tornareis a entregar-vos ao divertimento d'esse mundo, e ao costumado esquecimento d'este! porque como ha tantos annos que dilataes outros bons intentos, não achando dia para lhes dar principio, o mesmo vos succederá com este, e assim por despedida vos pedimos que o ateis, e remateis com algum laço, que o faça perseverante; não ha outro, como o que se propôz n'este capitulo, que é o de nos offerecer por uma vez a satisfação de todas vossas obras: isto não é obrigarvos a mais, nem accrescentar-vos novo pezo, porque só offereceis a satisfação do que fizerdes, seja pouco, ou seja muito, não é empenhar-vos a fazer

mais. Por outra parte interessaes tanto como se tem dito, grangeaes amigos no Céo, que vos solicitem o salvar-vos, adquiris pela vossa satisfação de que cedeis, as de outros muitos e melhores, que Deus vos applicará, e seguis a tantos Santos e Santas, que fizeram o mesmo. E se não tive desanimo para vos desfazer de todas as satisfações de toda a vossa vida, reservai para vós a ultima Indulgencia plenaria, que ganhardes antes de morrer, e assim não vos farão falta as que até então cedestes, porque se ganhaes essa, com ella satisfazeis tudo quanto devieis, e para a ganhar será isto mui conducente, porque em premio de nos ter dado todas as mais, vos acceitará Deus essa, e não vos farão falta as outras. Ponderai este arbitrio por são, util e seguro, e se o não entendeis, consultai-o.

E se todas as de vossa vida vós parecem muito, offerecei-nos as de um anno, quando não as de um mez, senão as de um dia de cada semana. Mas ah que falta de compaixão argue esta apoucada curteza de animo! Pois querer coarctar a um dia vosso auxilio, é querer que os mais dias padeçamos. Se em todos os dias e instantes padecemos, razão é que deixe correr vossa intenção a todos os dias o soccorro. Vós de noite tomaes o somno, ao meio dia jantaes, passeiaes de tarde, e com tudo vos afflige a Cruz do estado, ou do officio; considerai que será o estar sempre penando sem nunca dormir, o arder sempre sem jámais se refrigerar, o estar quatro e cinco mil annos em um contínuo ai, sem respirar um só instante: e é possivel que podendo vós com facilidade, e sem trabalho tirar-nos d'esta tribulação, a querereis alargar, limitando a um dia da semana nosso allivio? Oh que não cabe ainda em entranhas de bronze tal dureza! Fazei geral demissão em nós de todo o satisfatorio, pois

vós n'essa vida não tendes necessidade d'isso, e nós a temos, e tão extrema; pois vós podeis ajudar-vos, e nós não, pois vós ganhaes mais, porque esta acção vos grangeia auxilios, que vos preservem do inferno, e nós só que se nos anticipe o Céo: pois o que vós nos daes a nós, é só a satisfação que de vós procede, e nós vos havemos de solicitar a de muitos, que vos tirem mais cedo do Purgatorio; e pois por nenhuma via perdeis, e por tantas ganhaes, seja isto o que vos devamos, mostrai o effeito que em vós fez este livro, com fazer esta renuncia. Isto vos pedimos encarecidamente, por despedida, e desde logo todas uniformes vos offerecemos no Purgatorio começar a interceder por vós, e tanto que gosarmos de Deus, duplicar os rogos, para que nos acompanheis em tão feliz estado. Amen. Amen. Amen.

FIM

Muitos são os que vencidos a este Capitulo, e santamente cubiçosos de seu interesse teem feito esta cessão e renuncia: e ainda que para isto não se requer mais que dizel-o simplesmente a Deus; comtudo, porque alguns me pediram que lhes accommode o offerecimento, exponho o seguinte:

Deus meu, por quanto é tanto de vosso agrado a caridade com o proximo, e por quanto vossas queridas Almas padecem tão extrema necessidade, digo eu F., que por vos agradar a vós, e alliviar a ellas, de todo renuncío a satisfação de todas as boas obras, que com vossa graça fizer em minha vida, e a applico ás Almas do Purgatorio, fiando de vossa piedade que me compensareis esta satisfação de que me privo, com dar-me auxilios para mais vos servir n'esta vida, e gosar mais depressa de vossa soberana vista na eterna. Amen Jesus.

Por ser tão util a devoção seguinte, e que, applicada pelas Almas do Purgatorio, lhes será de grande suffragio, se propõe aqui.

SAUDAÇÕES DE S. GREGORIO, PAPA

O Papa Innocencio VII concedeu aos que resarem de joelhos as seguintes nove saudações com o Padre-Nosso e Avè-Maria, diante de um Santo Crucifixo, por cada vez quatorze milhões e cento e oitenta e cinco mil cento e quarenta e nove annos de perdão; e nas sextas-feiras vinte e oito milhões trezentos noventa mil e quatrocentos e noventa e seis annos de perdão; e na sexta-feita da semana Santa oito indulgencias plenarias. E os que não sabem lêr,

resando vinte vezes o Padre-Nosso com a Avè-Maria, ganham o mesmo. E' indulgencia perpetua, e que vale por todo o Mundo. Tendo a Bulla da Santa Cruzada.

I

O' Domine Jesu Christe, adoro te in Cruce pendentem, coronam spineam in capite portantem: deprecor te, ut, tua Crux liberet me ab Angelo percutiente. Amen. Pater noster. Avè-Maria.

II

O' Domine Jesu Criste, adoro te in Cruce vulneratum, felle et aceto potatum: deprecor te, ut tua vulnera sint remedium Animæ meæ. Pater noster. Avè-Maria.

III

O' Domine Jesu Christe, propter illam amaritudinem, quam pro me miserrimo peccatore sustinuisti in Cruce, maximè in illa hora, quando nobilissima Anima tua egressa est de benedicto Corpore tuo: deprecor te miserere Animæ meæ in egressu suo, et perduc eam in vitam æternam. Amen. Pater noster. Avè-Maria.

IV

O' Domine Jesu Christe, adoro te in sepulchro positum, myrrha et aromatibus conditum: deprecor te, ut tua mors sit vita mea. Amen. Pater noster. Avè-Maria.

V

O' Domine Jesu Christe, adoro te descendentem ad infernos, et liberanten captivos: deprecor te, ne

me permittas illuc introire. Amen. Pater noster. Avè-Maria.

VI

O' Domine Jesu Christe, adoro te resurgentem a mortuis, ascendentem ad Cœlos, sedentemque ad dexteram Patris: deprecor te, ut illuc te sequi, et tibi præsentari merear. Amen. Pater noster Avè-Maria.

VII

O' Domine Jesu Christe. Pastor bone, justos conserva, peccatores justifica, omnibus Fidelibus miserere, et propitius esto mihi peccatori. Amen. Pater noster. Avè-Maria.

VIII

O' Domine Jesu Christe, adoro te ad Judicium progredientem, justos ad Paradysum vocantem, peccatoresque damnantem: deprecor te, ut tua Passio liberet nos ab illis pœnis, et perducas in vitam æternam. Amen. Pater noster. Avè-Maria.

O' amantissime Pater, ego offero tibi innocentem Mortem Filii tui, et amorem Deifici cordis sui pro omni culpa, et pœna, quam ego miser peccator, et omnium peccatorum nefandissimus, meis peccatis merui, et pro omnibus charis, et amicis meis vivis, atque defunctis: deprecor te miserere nostri. Amen. Pater noster. Avè-Maria.

PRO INTERCESSIONE SANCTI GREGORII PAPÆ

O' Domine Jesu Christe, qui sanctissimæ tuæ Passionis mysterium Beato Gregorio famulo tuo mirabiliter revelasti: da mihi, quæso, misero pecca-

tori illam perfectè consequi remissionem peccatorum, quam idem venerabilis Antistes tuus de plenitudine potestatis Apostolicæ omnibus verè pœnitentibus, et memoriam Passionis tuæ recolentibus liberaliter est largitus. Qui vivis, et regnas per omnia sæcula sæculorum. Amen.

Para não defraudar aos que não sabem Latim, do fructo d'estas Saudações, se ajunta aqui a humilde traducção d'ellas.

I

O' Senhor meu Jesus Christo, eu vos adoro suspendido n'essa Cruz, supportando corôa de espinhos em vossa sacrosanta cabeça: eu vos rogo que essa nobilissima Cruz seja o escudo, que me livre dos ministros de vossa justiça. Amen. Padre-Nosso. Avè-Maria.

II

O' Senhor meu Jesus Christo, eu vos adoro n'essa Cruz ferido e chagado, aonde vos deram a beber fel e vinagre sobre a maior amargura de meus peccados: eu vos rogo que essas preciosas Chagas sejam o remedio, e cura da minha alma. Amen. Padre-Nosso. Avè-Maria.

III

O' Senhor meu Jesus Christo, por aquella amarga dôr, que por mim, miserrimo peccador, soffrestes na Cruz, principalmente n'aquella hora, quando vossa Alma nobilissima sahiu de vosso bemdito Corpo: eu vos rogo que tenhaes misericordia de

minha Alma, quando sahir d'este carcere mortal, e a leveis a lograr a eterna vida. Amen. Padre-Nosso. Avè-Maria.

IV

O' Senhor meu Jesus Christo, eu vos adoro collocado no sepulchro, ungido com myrrha e balsamos cheirosos: eu vos rogo que vossa preciosa morte seja minha ditosa vida. Amen. Padre-Nosso. Avè-Maria.

V

O' Senhor meu Jesus Christo, eu vos adoro descendo ao Limbo para livrar as Almas, que n'elle estavam esperando vossa suspirada vinda: eu vos rogo que não permittaes que minha Alma entre n'aquellas infernaes prisões e escuros carceres. Amen. Padre-Nosso. Avè-Maria.

VI

O' Senhor meu Jesus Christo, eu vos adoro resuscitado de entre os mortos, subindo ao Céo, e assentado á mão direita de vosso Eterno Pae: eu vos rogo que me façaes merecedor de vos seguir a essa Gloria, e ser apresentado a vosso alegre acatamento. Amen. Padre-Nosso. Avè-Maria.

VII

O' Senhor meu Jesus Christo, Pastor benigno, conservai os justos em graça, justificai os peccadores, compadecei-vos de todos os Fieis, e favorecei amoroso a este peccador. Amen. Padre-Nosso. Avè-Maria.

VIII

O' Senhor meu Jesus Christo, eu vos adoro vindo a Juizo, chamando os justos ao Paraizo, e condemnando aos peccadores: eu vos rogo que vossa dolorosa Paixão nos livre d'aquellas penas, e por ellas nos levai á eterna vida. Amen. Padre-Nosso. Avè-Maria.

IX

O' amantissimo Pai, eu vos offereço a innocente morte de vosso precioso Filho, e o amor de seu Divino coração por toda a culpa e pena, que eu, miseravel peccador, e o mais depravado de todos os peccadores por minhas culpas mereci, e por todos os meus conjunctos, e amigos vivos, e fallecidos: eu vos rogo que tenhaes misericordia de nós. Amen. Padre-Nosso. Avè-Maria.

PARA A INTERCESSÃO DE S. GREGORIO, PAPA

O' Senhor meu Jesus Christo, que admiravel revelastes o mysterio de vossa Santissima Paixão ao vosso Bemaventurado servo S. Gregorio: peço-vos que a este miseravel peccador concedaes alcançar perfeitamente aquella remissão de paccados, que o mesmo vosso veneravel Pontifice com a abundante authoridade Apostolica, liberalmente concedeu a todos os que verdadeiramente se arrependessem, e meditassem o progresso de vossa Paixão. Que viveis, e reinaes por todos os seculos dos seculos. Amen.

INDICE

DOS

CAPITULOS E GRITOS DAS ALMAS

LIVRO SEGUNDO

Meios para applacar estes gritos

Capitulo I

Capitulo II

Capitulo III

Capitulo IV

CAPITULO V

CAPITULO VI

CAPITULO VII

CAPITULO VIII

CAPITULO IX

Catecismo da Diocese de Montpellier, para por elles se ensinar a doutrina christã aos meninos nas escolas de Portugal, por Carlos J. Colbert. Nova edição com um summario da doutrina christã, e o novo systema metrico decimal, e augmentada com os resumos da geographia e da historia de Portugal, por A. R. da C. C.—1 vol. enc. 180

Catecismo pequeno de Perseverança, ordenado por perguntas e respostas, pelo mesmo auctor; traduzido e abreviado para as aulas de instrucção primaria. — Broch. 140

Christianismo e o seculo, resposta á obra de M. de Renan *Vie de Jésus*, por J. J. d'Almeida Braga—1 vol. in-8.º 300

Defesa do christianismo, ou conferencias sobre a religião, por monsenhor D. Frayssinous, bispo d'Hesmopolis. Traduzida do francez por * * * * Porto, 1873.—2 vol. in-8.º gr. . . . . 1$000

Deus é todo puro amor, preces e orações quotidianas, por Eckartshausen. Vertido para portuguez por D. C. Lopes de Moura. Nova edição. Porto, 1844—1 vol. in-16.º, enc. 240

Egreja (A) por Mgr. de Ségur. 1 vol. . . 60

Estudo sobre a vida de Jesus de Mr. Renan, por Carlos Pinto d'Almeida.—1 vol. in-8.º, broch.. 500

Gritos das Almas no Purgatorio e meios para os applacar.—1 vol. broch. 300; enc. 400

Horas do exercicio espiritual do Christão, pelo padre J. J. Alves de Moura.—1 vol. enc. 320

Jesus Christo em face do mundo, continuação da obra «O Christianismo e o Seculo», por J. J. d'Almeida Braga.—1 vol. in-8.º. 200

Manual dos Confessores, pelo mesmo auctor.—1 vol. gr. br. . . . . 1$000

Mez de Jesus Sacramentado ou Adoração especial ao Santissimo Sacramento da Eucharistia, para todo o tempo, principalmente para todos os dias do mez de junho, pelo Padre Fr. Manuel da Madre de Deus. —1 vol. enc. 320

Historia da Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, segundo as revelações de Anna Catharina Emmerich.—1 vol. broch. . 500

Officio de Defunctos, com a missa dos Anjos, e as antiphonas e responsorios, que se cantam na cidade do Porto. Sexta edição, revista e emendada pelo presbytero J. C. M. P.—1 vol. br. 500. Enc. . . . 700

Officium Defunctorum ac Parvulorum. Porto, 1876.—1 vol. in-24 º enc. . 120

O Genio do Christianismo, pelo visconde de Chateaubriand; traducção de Camillo Castello Branco.—2 vol. broch., com 12 estampas . . . . 1$200

Oração Mental. Luz e methodo facil para o seu importantissimo exercicio, por Fr. Manoel de Deus.—1 vol. enc. 120

Piedosas Meditações sobre a Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, por Fr. Manoel da Madre de Deus.—1 vol. enc . . 320

Práticas Mandamentaes, ou Reflexões moraes sobre os mandamentos da Lei de Deus, e os abusos que lhe são oppostos, pelo mesmo auctor.—1 vol. enc. 600

Relicario Angelico de Jesus Christo e de Maria Santissima. Novissima edição. — 1 vol. enc. 240

Relogio da Paixão, ou Reflexões e affectos sobre os soffrimentos de Jesus Christo, por Santo Affonso.—1 vol. enc. . . . 240

Resumo do Catecismo de Perseverança, de Mg. Gaume. Traduzido por J. S. da